GRÁTIS! Álbum especial UM ANO SEM RENATO RUSSO

Textos e imagens inéditas do poeta

SHOW BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

5561/1 • ANO 13 / Nº 10 • EDIÇÃO 147 / OUTUBRO • R$ 5,00

EDIÇÃO DUPLA de Aniversário

Led Zeppelin

OS BONS TEMPOS VOLTARAM

- O novo disco com material inédito
- A história da banda vai virar filme

A coisa entre nós MARILYN MANSON no Brasil

Pôster e entrevista GWEN STEFANI (NO DOUBT)

"Toda mulher quer ser sexy"

+ Green Day • Engenheiros • Metallica • U2 e Oasis ao vivo

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
QUEM FUMA ADOECE MAIS
DE ÚLCERA DO ESTÔMAGO.

HOLLYWOOD

Internet: http://www.fiat.com.br

QUANDO EU COMEÇAR,

EU QUERO QUE SEJA COM ELE.

Mille Young Comemoration

Por fora, o visual do Mille SX Young é totalmente novo. Pára-choques e painel cinza, novos tecidos exclusivos, vidros verdes, pára-brisa degradê, retrovisor pintado na cor do carro, supercalotas e pneus mais largos. E você pode optar pelos visuais: Big Young, Comemoration e Smart. Por dentro, ele ainda é o insuperável Mille: grande espaço interno e de porta-malas, predisposição para som, barras de proteção laterais e vidro traseiro térmico. O melhor custo-benefício na cor e com os opcionais que você quiser. Novo Mille SX Young. Dentro dele você fica melhor, mais independente, mais young.

MILLE YOUNG. COMECE BEM. COMECE A MILLE.

MOVIDOS PELA PAIXÃO. FIAT

Estes veículos estão em conformidade com o PROCONVE. Alguns itens da foto e do texto são opcionais.

Leo Burnett

Que tipo de equipamento de som você tem ouvido ultimamente?

Se você quer qualidade, você quer Energy Gradiente.

gradiente

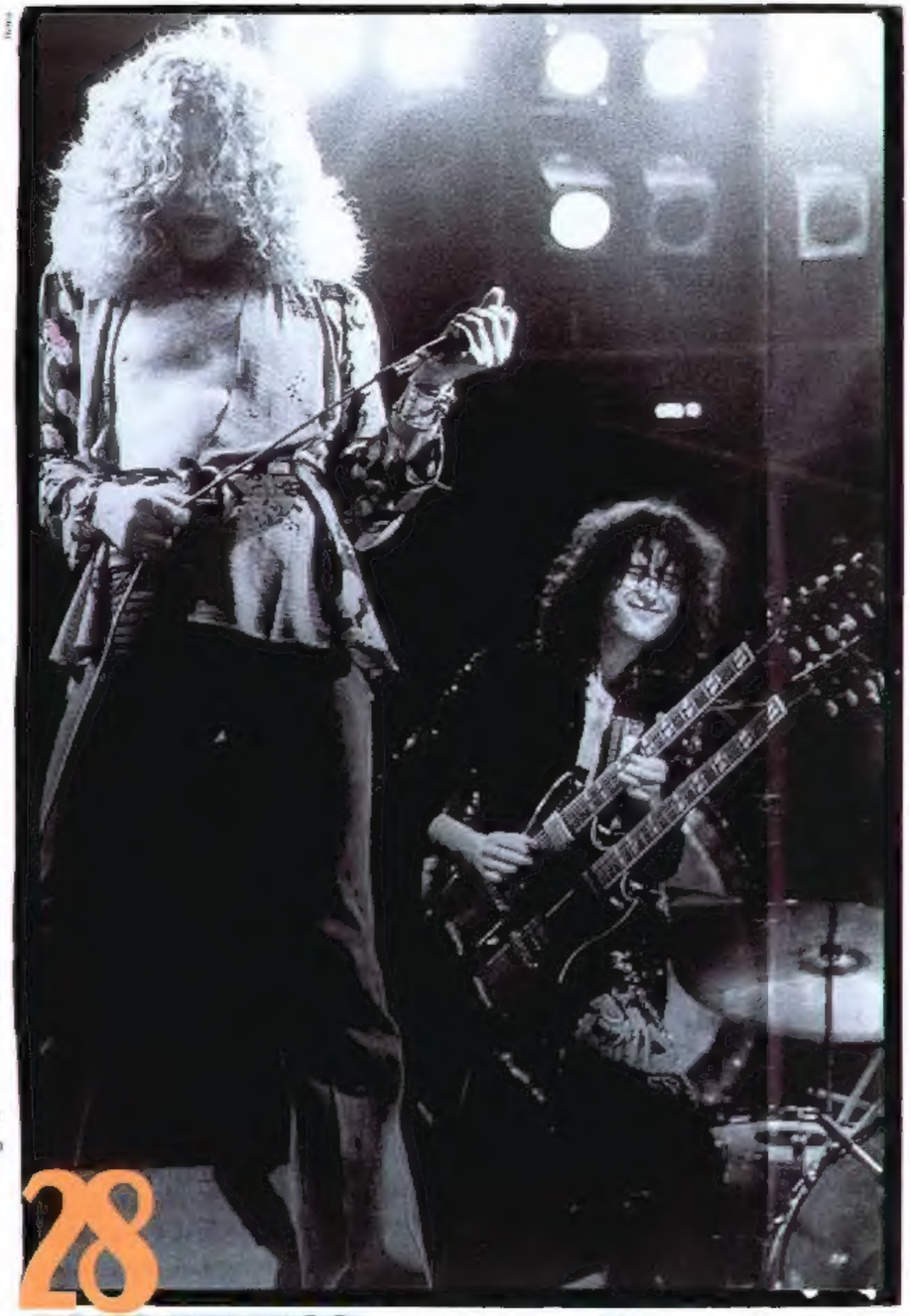
O Primeiro Mundo no Brasil.

Pauta

ON Não há como resistir aos encantos do Led Zeppelin. Que o digam Krist Novoselic e Dave Grohl, que emendaram "Communication Breakdown" numa *jam* realizada no mês de agosto em Seattle (e Grohl fez questão de assumir as baquetas); o Planet Hemp, que adaptou "The Ocean" para seu cotidiano malaco, e John Lydon, que abriu os shows de seu P.I.L. com uma versão reverente de "Kashmir". Ou uma legião de vocalistas/guitarristas que inclui Axl Rose e Slash, Steven Tyler e Joe Perry, Ian Astbury e Billy Duffy e outros menos qualificados, que apresentam no palco sua leitura dos maneirismos eternizados por Robert Plant e Jimmy Page.

Nós também não ficamos imunes ao Led Zeppelin. E comemoramos o segundo aniversário de SHOWBIZZ mergulhando nas biografias do grupo, trazendo à tona informações preciosas. Fizemos entrevista exclusiva com o ex-*tour manager* (que por trinta dinheiros traiu seus camaradas em dois livros-bomba), conversamos com Jason Bonham, baterista como papai John, e revelamos detalhes sobre o CD ao vivo e inédito do Led, bem como as filmagens da biografia não-autorizada do grupo.

A edição ainda traz uma reportagem completa sobre a turnê de Marilyn Manson: Carlos Eduardo Oliveira, Letícia Calmon e o editor Robert Halfoun revelam os detalhes cavernosos que passaram desapercebidos na cobertura dos jornais: um festival de causos do rock'n'roll a cargo do trovador Donovan (um privilégio que Pedro Só repassa a você, leitor) e entrevistas com Gwen Stefani, Peter Hook (Monaco) e Green Day. Esta edição ainda traz um caderno especial sobre Renato Russo. Tudo embalado por textos recheados de informação e com a coloquialidade que certamente faz parte de seu dia-a-dia. Para nós, jornalismo é isso aí. *SÉRGIO MARTINS*



28

BONS TEMPOS: LED ZEPPELIN

História, discografia, o álbum inédito e entrevista com o autor da escandalosa biografia do grupo que vai virar filme

Parada da Redação
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ
Weezer – *Pinkerton*
Pixies – *Bossanova*
Jamiroquai – *Travelling Without Moving*
Raimundos – *Lapadas Do Povo*
Sweet 75 – *Sweet 75*
Led Zeppelin – *todos!*

22 GREEN DAY
O grupo punk americano dissipa os boatos de separação e faz um disco mais variado

50 NOVOS BAIANOS
Moraes Moreira & Cia. no retorno mais celebrado de 1997

54 MONACO
A nova cartada de Peter Hook, do New Order

56 DONOVAN
Rock memórias: de Brian Jones a Beck, passando por Jimmy Page, Jeff Beck, John Lennon, George Harrison, Dave Navarro...

SEMPRE EM SHOWBIZZ

12 CANAL BIZZ
Os fãs de Madonna protestam: a sortuda brasileira que cruzou com Liam Gallagher

16 BIZZES
Raimundos falam grosso e sério; Courtney Love ganha biografia

60 PLAY
Green Day, Pavilhão 9, Morrissey, Shaggy, Ziggy Marley, Paul Weller, a trilha de *Spawn*

72 ENJOY IT
As trilhas de cinema que marcaram época

74 LETRAS TRADUZIDAS
"U-hu!" Blur namora o rock americano em "Song 2"

76 TESTE
Jungle: embrenhe-se na selva rítmica do *drum'n'bass*

78 ONZZE PERGUNTAS
Morrissey fala de Smiths, disco novo, pop britânico...

80 AO VIVO
Quem faz o melhor show: Oasis ou U2?

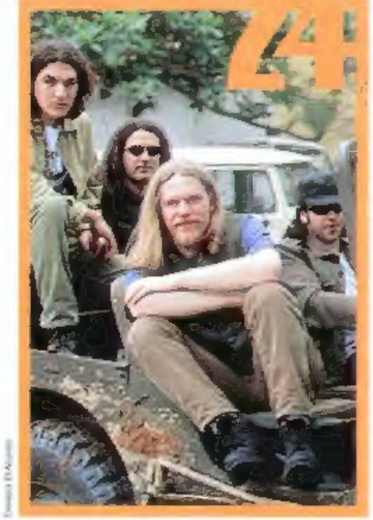
82 + BIZZES
Paul McCartney X Mick Jagger e uma página para Janis Joplin

90 DISCOTECA BÁSICA
Master Of Puppets, do Metallica, o disco que redefiniu o heavy metal

45

GWEN STEFANI

Entrevista exclusiva e pôster da boa-moça do No Doubt



24

ENGENHEIROS DO HAWAII

A volta do grupo com nova formação, velhas utopias e o espírito guerrilheiro de Che Guevara

38

MARILYN MANSON

Grudamos no anticristo em sua passagem no Brasil

20

VIDA EM POPMART

Tudo sobre a turnê que está chegando ao Brasil

ESPAÇO PARA TODAS AS SUAS
FERRAMENTAS DE TRABALHO:
A MOTO, A PRANCHA DE SURFE
E O EQUIPAMENTO DE MERGULHO.

Use o cinto de segurança. Este veículo está em conformidade com o PROCONVE, preservando o meio ambiente. O modelo apresentado é o Cat. P421. Alguns dos itens apresentados são opcionais. Use peças e acessórios originais Ford. Preço São Paulo. Não inclui frete. Pintura sólida.

0800-17-2000 http://www.ford.com.br

CHEGOU FORD COURIER. A MAIOR CABINE E A MAIOR CAÇAMBA DA CATEGORIA.

A Ford Courier é uma pick-up de verdade. Projetada para ser pick-up. Por isso ela combina espaço, conforto e dirigibilidade como nenhuma outra. ◦ Capacidade para até 700kg de carga. ◦ Caçamba com 1,82m de comprimento e 1,44m de largura. ◦ Injeção eletrônica multiponto sequencial. ◦ Direção hidráulica. ◦ Ar-condicionado. ◦ Trio elétrico. ◦ Bancos ergonômicos com ampla regulagem longitudinal. ◦ O menor nível de ruído interno da categoria. ◦ Barras de proteção lateral. ◦ Tampa da caçamba removível. ◦ Bandejas de suspensão reforçadas. ◦ Suspensão traseira com lâmina parabólica. ◦ Grade protetora do vidro traseiro. ◦ Duas opções de motor: 1.3L e Ford Zetec 16 válvulas.

A PARTIR DE R$ 13.480,00

FORD COURIER
PICK-UP DE VERDADE.

Ford

Canal Bizz

Madonna deixa fãs nervosos

Madonnas Assassinas

Vocês estão nos devendo a Madonna na capa da SHOWBIZZ. Não ter feito uma matéria de capa sobre *Evita* foi imperdoável. Está mais que na hora de uma retratação.
André Luis - via e-mail

Você e outros catorze madonnófilos fizeram uma blitz de cartas e e-mails para a Redação reclamando a mesma coisa. A cantora e atriz iniciou um novo trabalho em disco há pouco (até o fechamento desta edição, sem maiores informações – ainda está muito no começo). Também não tem feito shows (apenas participou de um* Unplugged *com o produtor Babyface) e anda low profile. Mas estamos de olho nela. Calma que a superbalzaca já vem.
Quanto ao lançamento de Evita não ter sido capa, julgamos que a trilha do filme não tinha tanto apelo entre nossos leitores. Nem todo mundo é louco por Madonna a ponto de amar até suas incursões pelos musicais de Andrew Lloyd Weber e Andrew Rice.

Épica

Tô escrevendo para agradecer a vocês por terem publicado o meu anúncio no *Troca-Troca* da revista de setembro. Acabou rolando um lance engraçado: desisti de vender a coleção inteira. Não deu!!! Quando abri as mais antigas e li aquelas reportagens falando do início da vinda de bandas internacionais para cá; dos selos independentes nacionais; da dificuldade que foi para os roqueiros dos anos 80 arrombarem as portas das rádios e gravadoras e provarem que valia a pena investir no mercado local, deu um aperto no coração....

O Rock In Rio misturou AC/DC com a geração então emergente do nosso rock; era o Barão cantando "Pro Dia Nascer Feliz", o Paralamas embalando o pessoal com "Óculos"; a chuva comendo no centro e todo mundo dançando na lama. A BIZZ deu uma puta força para o rock nacional. Seções como *Porão* e *Conexão Brasil* foram vitrine pra bandas como Fellini, Violeta De Outono e Skank.

Achei um barato a matéria sobre os novos fãs dos Titãs. Me faz lembrar de uma parte de *On The Road*, do Jack Kerouac, em que um dos personagens começa a pensar que, quando seus filhos crescessem e vissem as fotos dele jovem com seus amigos, não iriam desconfiar do quanto sua vida foi uma loucura. Pois é, os "filhos" dos Titãs nunca saberão por que nós, seus "pais" e seus "amigos", já passamos.

E se hoje podemos dizer: "poxa, eu odeio o rock mineiro" ou: "como o reggae da Baixada Fluminense é ruim", é porque a geração da década passada suou a camisa e conseguiu criar uma identidade própria: a identidade musical brasileira.
Ana Karyna Almeida - via e-mail

Bravo! Bela carta, Ana. Boa para refrescar a memória e para os que acham tudo um saco entender que a batalha pela diversidade foi suada.

Classificadas

Se você tem uma banda sem vocalista, eu sou quem você procura. O senso criativo e a coragem de ousar são as coisas que mais me atraem. Gosto de bandas que sabem misturar som alternativo ou avanços tecnológicos e que conseguem ser pop sem perder a atitude. Eu e minha backing vocal Fabiana estamos esperando.
Carol Siracki - Curitiba - PR

A julgar pelo visual e pela carta, Carol ainda vai fazer o diabo pelos palcos. Os interessados podem escrever para a Redação de SHOWBIZZ. Elas não são irmãs de ninguém aqui, mas vamos filtrar as propostas, OK?

Carol *(loura)* e Fabiana têm o visual certo para o pop

Punk You

Foi maravilhosa a reportagem sobre o Offspring. Eu já tinha cansado de todo mundo falar que o Offspring não é punk, que a banda entrou na onda do comercial. Foi muito bom vocês admitirem que, mesmo eles sendo tudo isso, os caras mandam muito bem e merecem nosso honorável respeito.
Priscila Calomeno - via e-mail

Replay da energia punk de Dexter Holland

TITITI

Discordo das leitoras Tatiana de Carvalho e Sandra Soares Barros, quando as duas citaram na SHOWBIZZ 146 o Metrô como banda de um único hit. Ora, o Metrô emplacou "Beat Acelerado", "Tudo Pode Mudar", "Johnny Love" e "Ti Ti Ti". Banda relâmpago pode até ser, pois tudo isso durou dois anos aproximadamente, mas de um hit só...
Silvana Oliveira de Castro - via e-mail

Para você ver como nem tudo no Metrô é passageiro. Mais de dez anos depois, permanecem os fãs e ainda se cria polêmica.

Discografias

Há muito tempo sou fã da revista e tô escrevendo pra pedir uma "mãozinha". Gostaria de saber a discografia completa da Legião.
Carlos Scherer Junior - Santa Maria - RS

Vamos lá: Legião Urbana *(1984)*, Dois *(1986)*, Que País É Este *(1989)*, V *(1991)*, Música Para Acampamentos *(1992)*, O Descobrimento Do Brasil *(1992)*, A Tempestade *(1996)* e Uma Outra Estação *(1997)*. ***Os seis primeiros CDs – com exceção de*** Música Para Acampamentos ***– foram acondicionados no caixote*** Por Enquanto *(1995)*.

Peço a discografia do Nirvana.
Alan Lima Coutinho - Boa Viagem - Recife - PE

Pegou a caneta? Então: Bleach *(1989)*, Nevermind *(1991)*, Incesticide *(1992)*, In Utero *(1993)*, MTV Unplugged In New York *(1994)*, ***o caixote póstumo*** Singles *(1996)* e From The Muddy Banks Of Wishkah *(1996)*.

A verdade sobre os singles

Gostaria de saber em que ponto ficamos com essa história de lançamento de CD-singles no Brasil?
Ivan Pereira - via e-mail

Alguns singles já estão no mercado. Como os de Kid Abelha (foto), Pearl Jam (o clássico grunge "Alive"), Nepal (grupo pop de Belo Horizonte), Oasis, Babyface, Soul Asylum (com uma versão ao vivo de "Black Gold"), Arnaldo Antunes, Toni Braxton e Jamiroquai. Há previsão de lançamento para outubro de singles do Metallica, U2, É o Tchan. Até o fim do ano, sem data definida, espera-se o single de "Bolo De Ameixa", do grupo pernambucano mundo livre s/a.

Kid Abelha entra no mercado de singles com "Te Amo Pra Sempre"

Mais um gol bra-si-lei-ro!

Ganhei uma viagem para Londres para ver as Spice Girls e acabei descobrindo o endereço do Liam, do Oasis. Não imaginei que fosse encontrá-lo! Até mexi no lixo da casa dele. Peguei duas cervejas vazias e um maço de cigarros.
Luciana Francischet - Paraguaçu Paulista, SP

Parabéns, Luciana. Você conseguiu o que a gente está tentando há tempos: um encontro e um breve bate-papo. Em todo caso, é legal conferir que o rapaz não faz o gênero complicado o tempo todo.

Luciana ao lado de Liam Gallagher, do Oasis. Mas o que a Patsy Kensit (mulherão do cara) estava fazendo a essa hora?

Promoção gravando com o Planet

A grande campeã da promoção foi a banda Mongolords, de Cruzeiro, interior de São Paulo. Os caras vão gravar um CD com duas faixas produzidas pelo Planet Hemp, e a gravadora Sony Music vai prensar mil cópias desse trabalho. A segundona foi The Cynics, do Rio de Janeiro, e em terceiro ficou a Vaca Magra, de Brasília, ambas recebendo uma guitarra Jackson. A seleção foi feita pelo próprio pessoal do Planet. O som da Mongolords tem pitadas de *psichobilly*, hardcore, punk rock e ska. Sente só a turma do topete: Morto Ramone (vocal), Billy Grilo (guitarra), The Crusher (bateria) e Alemão Tequila (baixo). "Topete verde", acrescenta Grilo.
O único registro em CD da banda tinha sido uma coletânea em cooperativa com outras cinco bandas de *psichobilly*, de São Paulo e do Paraná, no ano passado. Poucos exemplares restaram. Para Grilo, "Esse prêmio vai adiantar um lado".

PENSADOR DO MÊS

"Nem sempre se pode ser Deus, por isso é bom tê-los em casa!"
Geraldo de Oliveira Mendes
São Mateus - ES

Putz, Geraldo, você não existe. O leitor não consegue distinguir, mas além do CD do Nirvana na mão e do pôster do Renato Russo na parede, há um LP da divindade Geraldo Vandré no chão da casa do cara!

Quer uma camiseta da SHOWBIZZ?
Mande sua foto e um pensamento inteligente sobre música. A melhor leva uma camiseta.

Listão dos Aprovados no Rock Test

Camila T. Pereira Turtelli; Raul Flávio Bejar Drewnick; Cezar Augusto Raymundi Duarte; Mauro Nicola Póvoas; Elton de Castro; Adilson Rezende da Silva; Nicolas Caballero Lois e Wilson Biavatti Sobrinho. Esses são os vencedores do Rock Test, promoção de SHOWBIZZ e da 89 FM (São Paulo).
Camila T. Pereira ficou com o prêmio principal, graças à frase "Violência, não toque esse acorde". Ela vai faturar um aparelho de som da Gradiente, uma camiseta da "Campanha Pela Paz" e uma camiseta "Rock Test". Os ganhadores vão faturar prêmios que variam de um disc man a CDs do Led Zeppelin, Yes e camisetas.
Confira seu desempenho abaixo nas respostas do gabarito. E se você estranhou a questão 23 (aquela que perguntava qual era o nome da antiga banda de Mike Patton), OK, ela foi anulada. Por quê? Bem, o vocalista não abandonou o Mr. Bungle – trata-se de um projeto paralelo do moço.

GABARITO: 1 – e; 2 – c; 3 – e; 4 – a; 5 – b; 6 – a; 7 – b; 8 – e; 9 – d; 10 – c; 11 – d; 12 – e; 13 – a; 14 – d; 15 – b; 16 – a; 17 – b; 18 – c; 19 – a; 20 – a; 21 – e; 22 – c; 23 – b; 24 – d; 25 – d; 26 – a; 27 – a; 28 – b; 29 – d e 30 – c.

Fã-clubes

HANSON
Definitely Hanson
Rua Passagem 4, 64
Vila Penteado – São Paulo - SP
CEP 02866-000

Middle Of Nowhere
Rua Luzia Balzani, 186 ap. 22
Guarulhos - SP
CEP 07020-020

Hanson Good
Rua General Osório, 87 ap. 907
Viamão - RS
CEP 94410-080

Hanson Mmmbop Fã-clube
Travessa Souza Pinto, 83
Fortaleza - CE
CEP 70815-190

Hanson Mania
Av. dos Salgueiros, 97
Mariana - MG
CEP 35420-000

COCTEAU TWINS
Cocteau Club
Rua Monte Santo, 641
CEP 35502-036
Belo Horizonte - MG

MIDNIGHT OIL
Midnight Oil Club
Rua Amália, 8
CEP 2138-400
Rio de Janeiro - RJ

ALCEU VALENÇA
Andar Andar - Oficial Fan Club
Rua do Russell, 486 / 203
CEP 22210-010
Rio de Janeiro - RJ

PRODIGY
The Brazilian Prodigy Information Center
Rua Jandaiatuba, 45, ap. 11
CEP 05716-150
São Paulo - SP
E-mail: gabi@sanet.com.br

TROCA-TROCA

Vendo coleção incompleta da BIZZ e SHOWBIZZ. Os números são os seguintes: do 1 ao 48, 52, 64, 77, 93, 94, 100 ao 141 (total de 96 edições).
Alex Melo
alex.melo@ deuba.com
FAX 5189-5341
Fone 5189-5209

Troco material sobre Bon Jovi, Skank, Nirvana e CDs do Bon Jovi por todo e qualquer material sobre Jonny Lang e Wallflowers.
Marian Zambom Ferreira
Tel. (013) 227-9009
Rua Ministro João Mendes, 65 / 37
CEP 11090-261
Santos - SP

Gostaria de adquirir qualquer revista ou reportagem sobre os Titãs (troco ou compro).
Amelise Löwenhaupt
Prof. Mário Peruque, 41
CEP 96080-710
Pelotas - RS

Faço qualquer coisa (compro, troco) para conseguir qualquer coisa da banda Hanson.
Aline da Silva Fernandes Dias
Estrada dos Três Rios, 1466, bloco 3 / 104
CEP 22745003
Rio de Janeiro - RJ

Estou à procura desesperada de entrevistas ou reportagens com o Hanson. Troco por fotos ou reportagens de outros artistas, ou compro.
Marta Andreza
Tel. (081) 251-0316
Rua Dom Antônio Viçoso, 89
Recife - PE

Troco o CD *Cesta Básica*, dos Raimundos, pelo *Jagged Little Pill*, da Alanis Morissette, e também compro fotos e outros materiais da Alanis.
Elvis Oliveira
Rua Raimundo Lemos, 30
Mirinzal - MA

Tenho um CD do Skid Row (1991) e um da Rita Lee (1995), troco por um CD do Nirvana ou por cinqüenta folhas de revista sobre o Kurt.
Senhora Cobain
Rua Nossa Senhora Aparecida, 160
CEP 08574-160
Suzano - SP

Atenção, quem tiver a revista BIZZ de Abril de 1989 com a Legião Urbana na capa e a edição 136 com o Renato Russo, eu compro cada uma pelo dobro do preço original da SHOWBIZZ.
Alessandra Muniz da Silva
Rua Cachoeira do Maçaranduba, prédio 140, ap. 42-B
CEP 08400-000
São Paulo - SP

Vendo e troco tudo o que eu tenho por revistas que falem do Renato Russo e da Legião.
Maysa Chaves
Rua Maracatiara, 56
CEP 78914-540
Porto Velho - RO

Troco fita cassete do álbum *From The Muddy Banks Of Wishkah*, do Nirvana, por uma do *MTV Unplugged In New York*.
Charles Alexandre Silva
Rua Maria Helena da Silva, 42
CEP 21240-000
Rio de Janeiro - RJ

Gostaria de entrar em contato com pessoas que possuam (e queiram vender) discos em vinil e CD's de bandas de rock dos anos 60 e 70, como Credence Clearwater Revival, The Who, Deep Purple, Grateful Dead.
Almir de Paula e Silva
Rua Capitão Antonio Ribeiro, 818
CEP 14580-000
Guarulhos - SP

Procuro a edição de SHOWBIZZ de abril de 1989 sobre a Legião Urbana, ou qualquer coisa da banda.
Antoniel Silva Fernandes
Rua Monte Pascoal, 528
CEP 31150-350
Belo Horizonte - MG

Fale com
SHOWBIZZ
Esta é a sua área. Elogie, deixe o seu faq perguntas e pedidos... Mande retratos de amigos, montagens, fotos desinibidas. Solte a franga de alguma forma. CAIXA POSTAL 66157, CEP 05315-970, SÃO PAULO - SP
0800-139-138
Das 10h às 12h e das 15h às 18h
OU NA NOSSA PÁGINA
FAÇA CONTATO:
showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br
NÚMEROS ATRASADOS (011) 810-4800 • PARA ASSINAR 0800-119-100
DÚVIDAS SOBRE ASSINATURAS
Belo Horizonte: (031) 261-7070 • Brasília: (061) 321-8855 • Curitiba: (041) 252-7141 • Florianópolis: (048) 224-1588 • Porto Alegre: (051) 331-4177 • Recife: (081) 434-1455 • Rio de Janeiro: (021) 295-5544 • Salvador: (071) 341-5577 • São Paulo: (011) 820-4000

ERRAMOS

Ao contrário do publicado na seção BIZZES da edição 140, "Pilate", suposta música do disco que o Pearl Jam lança em dezembro, é sobre o cineasta romeno-israelense Jesus Cristo.
Na edição 146, no box sobre o vídeo Teen Spirit (da matéria sobre Dave Grohl e Kurt Novoselic), trocamos o sobrenome do biógrafo Charles Peterson, aqui Petersen. A tela traz o depoimento de Nils Bernstein, publicista da Sub Pop, e apenas faz alusão a Jonathon Poneman, um dos fundadores do selo. Madida pressa!
Em na seção DEMOCRACIA do mesmo mês. O nome do disco d'Os Cabeleiudos é *Com Todo Amor E Carinho*. E o telefone para contatos é: (011) 885-3565. A banda mudou-se do Distrito Federal para Sampa.
A gravadora Universal informa que, diferentemente do que saiu na DB do mês passado, o disco *Appetite For Destruction*, do Guns N'Roses, está em catálogo, sim. Se não conseguirem encontrá-lo nas lojas, mas prudente fazer uma encomenda ao seu vendedor camarada.

Fundador
Victor Civita
1907-1990

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

EDITORA AZUL

Diretor Superintendente, Angelo Rossi
Superintendente Comercial: Carlos R. Barbinck
Diretor Editorial: Carlos C. Almeida
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Diretor da Redação: Felipe Zobaran
Editor-Chefe: Pedro Só
Editores: Robert Halfoun e Sergio Martins
Diretor de Arte: Rodolfo Tucci
Editor de Arte: Renato Yada
Editor-Assistente de Arte: Johnson Veiga
Repórter: Leticia Calmon
Correspondente: José E. Prindeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboram nesta edição: Alexandre Aguiar, Bruno Zeni, Carlos Eduardo Oliveira, Claudio Luiz de Souza, Daniel Benevides, Danilo Monteiro, Ivan Moraes, Jeferson Kazan, Luciano Vianna, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Paulo Reis, Pedro Alexandre Sanches, René Ferri, Roberto Sadovsky, Thales de Menezes, Thomas Pappon (Fotos) André Stein, Daniela D'Acorso, Dener Viana, João Rapaso, Jorge Rosenberg (Revisão) Roberto Pinheiro

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Weller Toscano

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallis
Gerente de Produto de Assinaturas: Luciene Laurano
Assistente de Produto: Wagner Pinheiro

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni

PUBLICIDADE
Diretor: Ênio Vergeiro
Gerente: Afonso Palomares
Contatos Comerciais: Cristina Barberina, Maria Luiza Maisl, Marcos Antônio Arroyo, Nádia Lapoas
Coordenação/Supervisão: José Soares
Coordenador: Rafael Militello
Gerente de Marketing Publicitário: Cinlia Mourão

ShowBizz edição 147, outubro de 1997, é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. ISSN 0104-1665. **Assinatura:** Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem ônus, tendo mediante sua solicitação direto à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido pelo índice oficial aplicável. Com a assinatura, seu nome passa a constar da lista de clientes da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção. Caso não queira constar desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume 769, Lapa, CEP 05065-900, São Paulo, SP. **Números atrasados:** (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque). Peça ao seu jornaleiro, à distribuidora Dinap de sua cidade ou pela Caixa Postal 2505, Osasco - SP; fax (011) 866-3018; telefone (011) 810-4800, das 8 às 19 horas. Pagamento pelos cartões Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal ao preço da última edição em banca, mais despesas postais. dinap.na@email.abril.com.br. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Paul Varela, Asmaga dos Fetais 2585, Camarate, Lisboa.

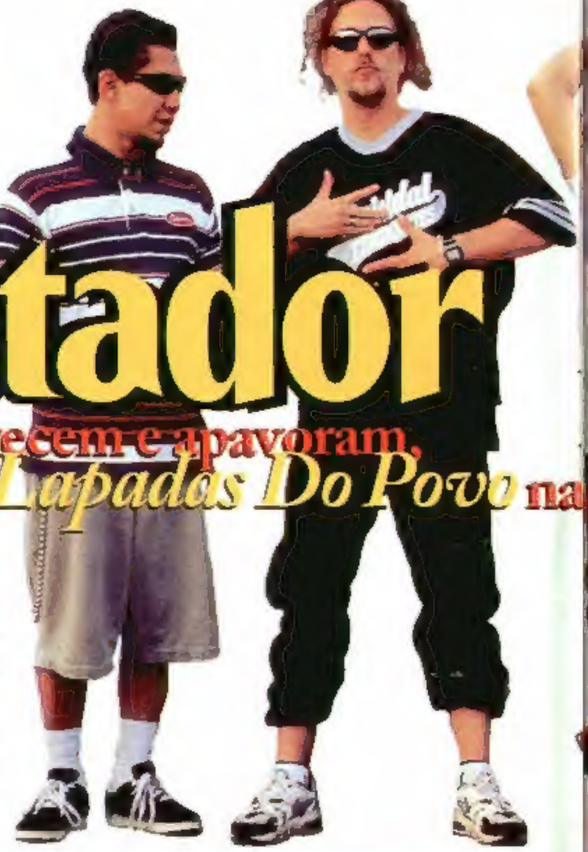
ANER — IMPRESSÃO NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. — IVC

EDITORA AZUL / ENDEREÇOS
São Paulo: Av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479-900, Tel.: (011) 867-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05315-970, Fax: (011) 867-3300.
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021, Tel.: (021) 532-0013, Caixa Postal 4816, Fax: (021) 532-1486 / 532-1583

UNIVERSAL
UNIVERSAL MUSIC
ORGULHOSAMENTE APRESENTA
ED MOTTA
MANUAL PRÁTICO PARA FESTAS BAILES E AFINS.
Vol. 1
INCLUINDO O SUCESSO
FORA DA LEI
SHOWS 021 511 0049

Assustador

Raimundos crescem, aparecem e apavoram, aplicando vigorosas *Lapadas Do Povo* na orelha dos fãs



"Pô, véio, tô assustado pra cacete." A frase é do vocalista Rodolfo, ainda assimilando o cutback radical desferido pelos Raimundos em *Lapadas Do Povo*. "É um álbum doido, tem de ir entendendo aos poucos. Fiquei desesperado quando ouvi no rádio pela primeira vez." Pudera: adeus peãozice, adeus baixarias, tchau forrócore. Entra em campo uma lapada com metalzão de primeira, hardcore e estratégicos eflúvios ramônicos. "Espero que a galera ouça de coração aberto. Fomos espontâneos como sempre."

Rodolfo, Canisso, Fred e Digão: falando grosso

Digão detona

"Não tem balada! Se vender, terá que ser pelo teor rock'n'roll. Faltava um amadurecimento nas letras, nos cobravam isso. Então tai, tem até letra política agora (na faixa 'Baile Funky'). Lá fora a imagem do país é maluco pintado de índio ou piranha dançando em cima de garrafa! Enquanto isso, a juventude daqui é *no brains:* dança axé - sou revoltado com axé, *mermão* - e taca fogo em índio! Neguinho não pensa mais, por que tanta intolerância? A playboyzada de Brasília, aliás, é o estereótipo da falta de perspectivas! Os políticos ladrões, a porradaria de Diadema, a PM corrupta, a impunidade, os sem-terra... todo mundo enxerga o mal, mas não vai até a raiz, ninguém faz porra nenhuma! É hora de abrir o olho e a gente vai tentar contribuir pra isso!"

"Mudou sem mudar"

Max investe nas raízes negras e promete peso com suingue

Assim Max Cavalera define seu novo trabalho. Desde a primeira semana de outubro, ele está em Malibu, na Califórnia, gravando o primeiro disco no mesmo estúdio, aliás, onde o Sepultura concebeu *Roots*. O produtor também é o mesmo: Ross Robinson. Max continua investindo em conceitos bem brasileiros. Seu tema agora é a escravidão. "Pesquisei Zumbi, Palmares, a Revolta dos Malês, na Bahia. Estou pensando até em cantar uma música em iorubá", revela. Max chamou Mario Caldato (Beastie Boys e Planet Hemp) para produzir e vai gravar com o baterista Roy Mayorca (ex Shelter), o baixista Marcelo Dias e o guitarrista convidado Lúcio Maia, da Nação Zumbi. "Ele usa muito wah-wah e acabou trazendo o que faltava à minha música: suingue." Ainda sem título, o disco, que contará também com Ozzy Osbourne e Marcelo D2, só sai em abril.

"Se eu apareceria pelado num filme? Não, eu tenho o p... pequeno"
Jon Bon Jovi, no Melody Maker, revelando o tamanho do seu talento

CREDIBILIDADE IMPOLUTA

Pagando tudo até a última conta? É ruim, hein! Ouvir essa subversão do Planet Hemp na propaganda do cartão de crédito de afinidade da MTV deve ter deixado muita gente enojada. No entanto, o crime foi cometido por uma causa nobre: o cachê do Planet iria para hospitais que cuidam de pacientes de Aids. A informação não aparece no spot, mas o Planet não chiou. "A gente não está nem aí para as patrulhas e deixou rolar assim mesmo. Se quiserem pensar que nós nos vendemos, que se f...", chuta Marcelo D2. O vocalista, que não tem cartão de crédito, detona: "Não acredito nisso. É mó furada, mó roubo. Se você entra nessa parada do jogo financeiro, só se f...!" A participação que o Planet faria no novo disco de Jorge Benjor dançou. Ao que parece, o cantor não quis se associar com aquele "bando de maconheiros".

Marcelo D2, do Planet, não quer saber de cartão de crédito

A ponte partiu

Mick Jagger esta com o bocão em cima

A turnê do novo álbum *Bridges To Babylon* começou em 23 de setembro em Chicago e vai varrer a América até o final do ano, com passagem prometida pelo Brasil ano que vem.

A excursão partiu sob polêmica, com os Stones escaldados pelos erros da rival *PopMart*, do U2. "Estamos precavidos para não cometer os vacilos do U2 de turnê interminável e shows entupidos com músicas novas que ninguém conhece. Pra quê? Quem vai a shows em arenas quer hits. Se não os tocarmos, a gente tem que encarar aquelas caras de tacho em frente ao palco", diz o aeróbico Mick Jagger, que não pára um segundo durante hipnotizantes duas horas e quarenta minutos de show.

ALIEN

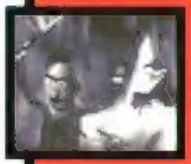
NOTÍCIAS DE OUTROS MUNDOS

Ai, que meda!

Dia 31 de outubro é Halloween. Eleve o espírito com o top ten do terror-trash: *O Exorcista, Hellraiser - Renascido Do Inferno, A Hora Do Pesadelo, Sexta-Feira 13, Halloween, Massacre Da Serra Elétrica, Colheita Maldita, Evil Dead, O Iluminado* e *Dia dos Namorados Macabro*. Não precisa nem dizer que é a primeira parte de cada filme que presta.

Bichos Escrotos

Os roqueiros-lamê do Mötley Crüe são capa da nova edição da revista pornográfica *Hustler*. Na matéria, nada de Generation Swine, novo disco dos caras, apenas comentários inteligentes dos músicos sobre as suas patroas, todas modelos - "vou meter o burrito na minha mulher", salta o baixista Nikki Six - e uma visita inesperada de Sebastian Bach, do Skid Row. Na linha desgraça-pouca-é-bobagem, o mané conta que foi dispensado da banda e ainda levou porrada de um motoqueiro.



Muppet pow!

Eles são aqueles bichinhos carinhosos, engraçados e que fazem a alegria de sua irmã mais nova, certo? Porém existe um site na Internet que exibe um outro lado de Beto, o eterno parceiro do boneco Ênio. Esse demônio de pelúcia aparece ao lado de membros da organização racista Ku Klux Klan, em fotos comprometedoras ao lado de Michael Jackson e O.J. Simpson, além de acender uma bomba ao lado de Ênio. Como acessar? Tome nota: http://fractal.cow.com/bert/bert.htm

Edição precoce

E tome Hanson. Onipresentes na mídia e varrendo os EUA com uma turnê de muito sucesso, os talentosos pentelhinhos (quase) impúberes agora terão lançada sua primeira... biografia autorizada! Detalhes ainda não foram revelados, mas já se sabe que o livro terá supervisão direta do papai Hanson, que cuida pessoalmente da carreira dos pimpolhos. A caixa registradora do grupo também não pára de tilintar: Hanson agora é marca oficial de canecas, bonés de beisebol, camisetas e outras bugigangas. Enquanto isso, cresce assombrosamente o número de *home-pages* dedicadas ao trio na Internet. Na mesma proporção, já surgiram dezenove *sites* só de sentimentos anti-Hanson. Marilyn Hanson, um dos mais legais, é pura sacanagem. Funde imagens dos dois grupos, parodiando a semelhança entre os sobrenomes Hanson/Marilyn Manson, tasca apelidos como "Isuuc" e "Taylor Pain" e inventa uma letra para "MMMbop...in Hell".

Nada fraca

Cheia de gás: embora não pareça, Alanis está virando atleta

A Fernanda Keller aí da foto é ninguém menos que Alanis Morissette. Como preparação física para encarar as gravações do novo álbum, a moça topou participar de um triatlo em Los Angeles. Mandou bem: sem amarelar, completou os 400 metros de natação, 15 quilômetros de pedaladas e 5 de corrida em 70 minutos, beliscando a 51ª colocação entre 89 participantes.

O bom menino

Antes de vir ao Brasil para promover seu disco solo *Open Road*, o ex-Take That Gary Barlow – aquele que era gordinho e compunha os hits, ficou magrinho e, dizem, traçou Madonna – começou a organizar o festival beneficente *Memorial Concert of Hope*, dedicado à memória da princesa Diana. O evento deve rolar no fim do ano e já contará, entre outros nomes de resonsa, com a participação das Spice Girls.

O boyzinho Gary Barlow atua em memória da princesa Diana

Embalos do Travoltanegão

Ficou impressionado com a performance do *fugee* Wyclef Jean no clipe de "We're Tryin' To Stay Alive", a versão de "Stayin' Alive" (clássico dos Bee Gees), do seu disco solo *Presents The Carnival*? Pois saiba que a música faz parte da infância do rapaz. "Eu perdi a conta de quantas vezes assisti ao *Os Embalos De Sábado À Noite*. Viu como eu aprendi os passos direitinho? Usei até o mesmo terno que o John Travolta!"

Sem perder o rebolado, ele debuta ano que vem no cinema, interpretando o filho de Jimmy Cliff na segunda parte do clássico *The Harder They Come* (o filme de 1973 que mostrou o reggae ao mundo). Mas antes disso, em novembro, desembarca no Brasil. "Devo atuar como DJ, mas, se der na telha, levo a banda na aba."

O *fugee* Wyclef Jean dança no Brasil em novembro

Vida em PopMart

U2 POP TRIPART

Rastreando o U2 pelo mundo... enquanto seu Bono não vem

Bono nos telões: a crítica ao consumismo nada sendo incompreendida

BRAVO, BONO!

Em e-mail mandado para o jornalista Fabiano Gobbato do jornal *Zero Hora*, que havia feito uma entrevista exclusiva com Bono em que diz que se interessa muito pelo Brasil e mostra estar por dentro do que acontece aqui: sem-terra, meninos de rua, Carandiru, índio queimado), o cantor escreveu: "A morte de Lady Di foi a mais horrenda demonstração do lixo que é a cultura pop. É exatamente isso que estamos tentando denunciar com a *Popmart*, mas somos incompreendidos por parte da mídia e do público. Não é um evento de luzes e uma crítica à americanização do mundo. A idéia de democracia nos EUA não significa liberdade de expressão e sim variedade de representação: todos podem comprar os mesmos plásticos coloridos. Na mentalidade americana, comprar é mais importante do que saber." Não vou nem mencionar o verbo "sentir".

DISCO NOVO

Desde o dia 22 de setembro se vende na Europa o EP *Popheart Live*, com quatro faixas. "Please" em versão toda regravada, "Where The Streets Have No Name", "With Or Without You" e "Staring At The Sun", todas ao vivo.

LIMÃO VILÃO

O maior mico da turnê aconteceu em Katowice, na Polônia. A banda inteira acabou encarcerada dentro do limão de 12 metros de altura que é suspenso sobre o público. O show parou e *roadies* tiveram de levar a fruta travada de volta ao palco para extrair o cara do.

SOLUÇOS REAIS

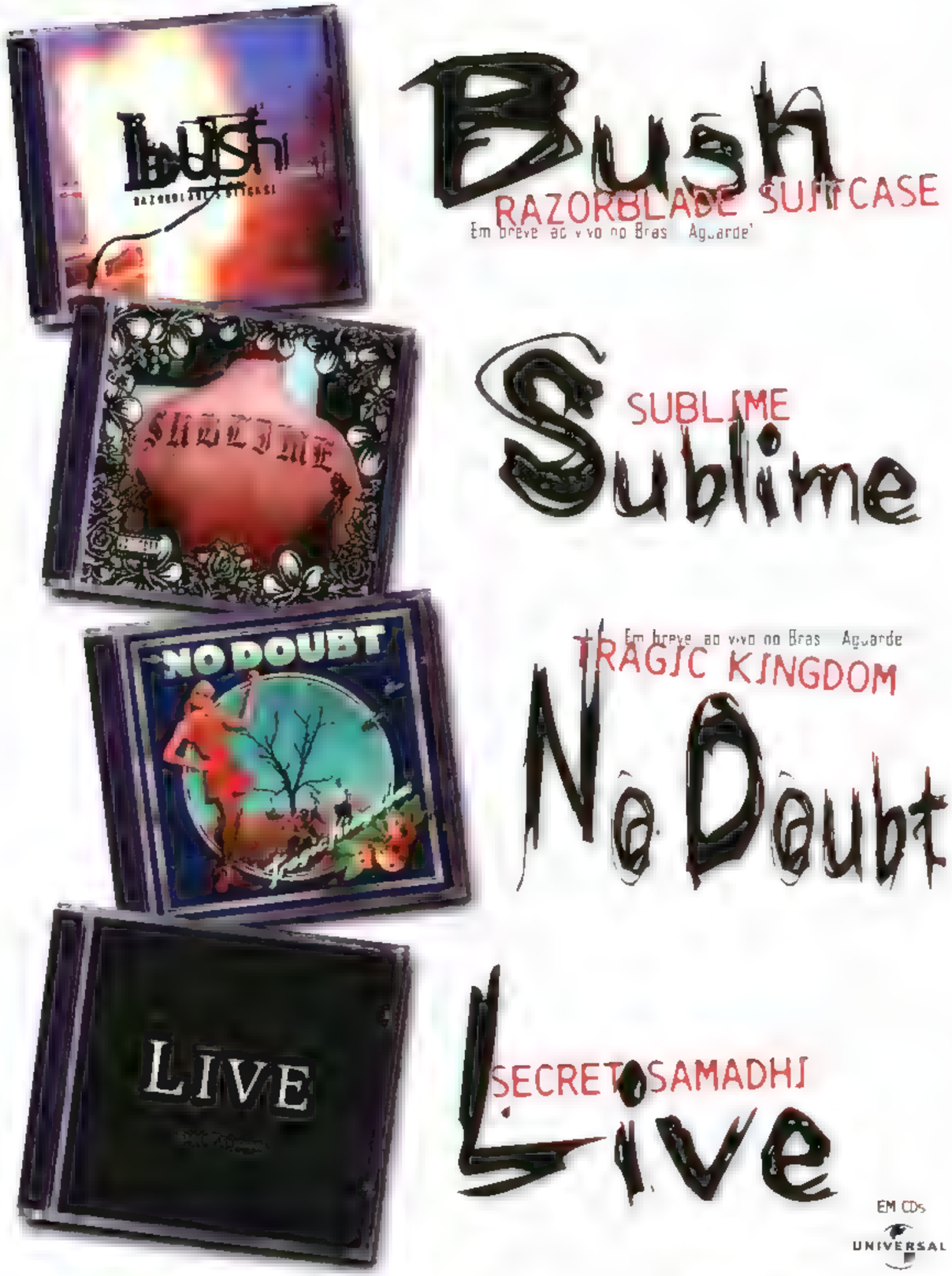
No domingo em que morreu a princesa Diana, o U2 fazia sua segunda noite em Dublin. Durante a terceira música do show, "Gone" (do álbum *Pop*), Bono inseriu na letra original um "she's gone, she's gone" – e a se foi, e a se foi – completando "em um túnel sob o Sena". Durante "Pride", o vocalista chorou. No telão, a imagem de Diana brilhou no telão e, antes de "One", a saideira, Bono anunciou: "Fiquei chocado com a maneira como isso me afetou. Nós, irlandeses, somos muito próximos dos ingleses, afinal."

BELA BOSNIA

Para a histórica escala da turnê *PopMart* em Sarajevo (o primeiro show internacional na Bósnia pós-guerra) foi armada uma operação de segurança digna de Salman Rushdie em torno do U2. Até a guarda da ONU foi mobilizada, mas o show acabou transcorrendo sem incidentes. No *crowd* de 45 mil pessoas, muçulmanos, croatas e sérvios se emocionaram e cantaram juntos "Pride", "Stand By Me", de Ben E. King. O U2 conquistou o que políticos e diplomatas jamais conseguiram. O ingresso foi o mais barato de toda a *PopMart*: 11 dólares.

"MMMPOP"

Em Sarajevo, o U2 tocou "Miss Sarajevo". Em Barcelona, foi a vez de "Macarena". Roma ouviu "Volare". Será que agora pinta "Garota de Ipanema"? "Aquarela Do Brasil"?



Péssimos exemplos

por JOSÉ EMILIO RONDEAU

Tre Cool, Mike Dirnt e Billie Joe saem em turnê fazendo coisas que acham melhor seus filhos não verem

Os três papais punks do Green Day fazem disco adultinho e saem em turnê – sem levar os filhos, que "estrada não é lugar de criança"

"Depois de um ano longe de familiares e amigos, eu tinha dores de cabeça terríveis, ataques de pânico" lembra o baixista Mike Dirnt, numa suíte do hotel Nikko, em São Francisco, enquanto tenta explicar o mal-estar generalizado que provocou o fim abrupto da turnê européia do Green Day ano passado e deu origem a boatos sobre o fim do grupo. "A gente estava se divertindo. Mas era uma diversão... obrigatória." Em outras palavras, estafa. "Estava começando a deixar de ser divertido", intervém o guitarrista Billie Joe Armstrong, sentado em cima da mesa de reuniões. "Alguns dias eram um inferno. Estava começando a parecer um emprego. Então resolvemos cortar o mal pela raiz: parando a turnê, voltando para casa e mergulhando no processo criativo. Tentando extrair da banda... *(ele derruba um copo de tanto gesticular)* mais criatividade. Era voltar para casa e compor, mas não do ponto de vista da estrada, porque se você fizer isso vira algo como Bon Jovi e se transforma num show de feira itinerante. E não é isso que eu quero – somos uma banda de rock and roll de verdade."

O resultado da parada foi *Nimrod*, álbum que expande os horizontes musicais do Green Day, incorporando elementos de jazz big band ("Hitchin' A Ride", "King For A Day"), surf music instrumental ("Last Ride In") e até interlúdios acústicos ("Good Riddance"). **O Green Day fez o disco trancando-se para ensaiar três horas por dia, cinco dias por semana, no mesmo "quartinho apertado e encardido em Oakland onde sempre ensaiamos"** diz Billie Joe, "um lugar pequeno, ficamos sempre tocando um de frente para o outro". De todo o novo repertório, a instrumental "Last Ride In" é especialmente diferente do que se espera do Green Day. "É uma pausa para fumar. Se você estiver escutando o disco com a namorada, tem aqueles 4 minutos para se adiantar. Esperemos que você esteja de mãos dadas com ela na hora que a música terminar." Outros destaque são "Good Riddance", canção plangente de reflexão sobre a passagem dos anos, sobre a perda da juventude, e a engraçadíssima "King For A Day", sobre um travesti. Por que um disco variado assim? "Depois de *Dookie*, lançamos um álbum direto e raivoso, *Insomniac*. Agora está na hora de florescer, explorar caminhos diferentes."

O assunto passa a ser filhos – todos no Green Day são pais. Tropeçando um no outro, os três falam de seus pimpolhos. Mike, o mais entusiasmado, conta que, dia desses, a filha dele, uma menina de 8 meses, fez um acorde de três notas no seu xilofone de brinquedo. "Me deixou chapado!" Mas Billie Joe faz questão de deixar claro que excursões de rock não são um bom lugar para crianças. "Não quero meu filho na estrada. Tem gente tomando drogas *(Tré, quando ouve isso, ergue a mão esquerda)*, bebendo *(Tré ergue a mão direita)*, trepando *(Tré põe as duas mãos para cima)*, vestida de *drag queen (risos gerais)*, o som é alto demais. Tudo pode acontecer. E você precisa ficar tapando os olhos da criança o tempo inteiro." Seja como for, o Green Day já está em turnê e, em meados do ano que vem, deve passar na América do Sul. Incluindo o Brasil, não? "Definitely", garante Billie Joe.

Guerrilheiros do Hawaii

UM DIA FILMANDO CLIPE COM OS ENGENHEIROS, DE VOLTA COM NOVA FORMAÇÃO E ANTIGOS IDEAIS

Lucio Dorfman (teclados), Adal (bateria), Humberto e Luciano (guitarra) no bom combate do clipe "A Montanha"

por ALEXANDRE AQUINO

Rio de Janeiro, cinco e meia da manhã de quinta-feira. Todos ligados, virados da noite anterior, se encontram na portaria do apartamento do caudilho (caudilho de apartamento?) Humberto Gessinger, na Lagoa. Missão: filmar o novo clipe dos Engenheiros do Hawaii. Adal Fonseca (bateria), Luciano Granja (guitarra) e Lúcio Dorfman (teclados) se juntam ao "tutio" Humberto Gessinger (baixo) para promover a música "A Montanha", do novo disco *Minuano*, produzido por Nilo Romero – o décimo da banda. Todos a postos, partimos rumo à terra prometida: Itaguaí, no interior do Rio de Janeiro, cidade onde Machado de Assis ambientou seu célebre conto *O Alienista*.

Uma hora e vinte minutos depois, já no local, encontramos um pequeno QG montado. A produção – cerca de cinquenta pessoas – começa a preparar os 22 figurantes, enquanto os Engenheiros encaram um café da manhã. O figurino – uniforme e equipamento de combate – inspirado na figura de Tchê, ops, Che Guevara, dá o conceito do clipe, idealizado por Humberto e desenvolvido pelo diretor Luiz Stein. "Essa coisa utópica, a figura do líder, o lance ideológico tem a ver com nosso lado nacionalista de dar a cara a tapa. Ao mesmo tempo tem um lado mais estético do que político, como a estátua do Laçador *(ícone gaúcho)* que usamos na capa do disco", discursa o guerrilheiro Gessinger, que desistiu da idéia inicial do clipe, que era aparecer caracterizado de Che.

Depois dos figurantes, chega a hora de os integrantes da banda passarem pelo banho de lama para ficar com cara de guerrilha. Todos devidamente "maquiados", o tecladista Lúcio tenta – sem sucesso – se familiarizar com a direção de um jipe de guerra. A banda é filmada indo pra lá e pra cá no veículo e um caminhão segue logo atrás com a equipe de filmagem, em meio a vacas, bois e um cheiro onipresente de estrume, marca registrada da bucólica Itaguaí. Depois de múmeras idas e vindas, a equipe parte para outro cenário natural, onde a banda posa ao lado de uma vaca. Meio esquisito, mas o diretor explica: "Esta cena dá a idéia de lembrança, dos amigos, do campo... recordação mesmo".

Às dez para a uma da tarde, chega a hora sagrada do rango. Garfo e faca à mesa, Humberto conta que está "trifeliz" com a nova formação da banda. "Estou renovado. Faltava gás pra continuar, coisa que eles têm de sobra, por estar começando. Primeiro disco, primeiro clipe. Eu tô com 33 anos e dez de estrada. Tudo isso não é mais novidade pra mim." Depois de terminar novas composições, ainda trabalhando com Luciano e Adal no Gessinger Trio.

gurantes) caminha em direção a uma montanha. Enquanto tio Humberto toca o rebanho, vem via *walkie-talkie* lá do topo, o recado da produção: a próxima cena será em plano aéreo, filmada de dentro de um helicóptero.

De volta uma hora depois, os Engenheiros estão inteiros, mas receosos. Com um medo belchiorano (*Minuano* tem uma regravação do existencialista cearense Belchior, "Alucinação") de voar. O roteiro diz que eles vão ter de dar uma volta de helicóptero, mas o pilotão não parece nem um pouco disposto a cumprir isso. "Sei não, a cara do piloto é esquisita", brinca Adal.

OS GAÚCHOS SE PELAM DE MEDO DE ANDAR DE HELICÓPTERO, MAS TÊM CORAGEM DE EXALTAR CUBA

veio a vontade de entrar em estúdio usando o nome Engenheiros. "Rolou também a vontade de botar um tecladista. O Luciano conhecia o Lúcio, que, além de ser gaúcho, se afinou bem com eles. Os moleques têm 22, 23 anos. Eu sou o tio deles mesmo", assume Humberto.

Apesar da leseira da barriga cheia, tropa a postos novamente, que está programada uma cena em que o grupo de guerrilheiros (leia-se banda e figurantes) caminha em direção a uma montanha. Enquanto tio Humberto toca o rebanho, vem via *walkie-talkie* lá do topo, o recado da produção: a próxima cena será em plano aéreo, filmada de dentro de um helicóptero.

De volta uma hora depois, os Engenheiros estão inteiros, mas receosos. Com um medo belchiorano (*Minuano* tem uma regravação do existencialista cearense Belchior, "Alucinação") de voar. O roteiro diz que eles vão ter de dar uma volta de helicóptero, mas o pilotão não parece nem um pouco disposto a cumprir isso. "Sei não, a cara do piloto é esquisita", brinca Adal.

Conversando com o diretor, os amarelões gaúchos decidem que as tais cenas aéreas serão feitas de outro jeito, sem tirar o helicóptero do chão. Só depois de muita conversa eles topam entrar em ação com o piloto subindo alguns metrinhos e simulando uma decolagem e uma aterrissagem. Um fiasco. No Araguaia, esses guerrilheiros do Hawaii iam rápido pro vatão. No rock brasileiro, já estão voando de novo com o brancaleônico espírito e a coragem de sempre.

No alto: Adal, Lucio e Luciano com o che-

lo Sentado. Depois, de cima para baixo: o figurino da figuranta, Humberto no helicóptero (não confundir com os irmãos Gallagher no clipe de "D You Know What I Mean") e os Engenheiros.

Sem perder a ternura jamais

O papa João Paulo II já tinha caído no caldeirão pop dos Engenheiros. Agora chegou a vez de Che Guevara e Fidel Castro entrarem neste chamarão. Em *Minuano*, Humberto fala em Iom contente, emoções fora de moda, saudade de casa, medo. Num cenário onde pululam criaturas como Marilyn Manson e Keith Flint (do Prodigy), aos meio Antônio Conselheiro, meio Lionel Brizola. Mas o gaúcho defende tudo isso e "Cuba também. Sim, Cuba!" "A Ilha Não Se Curva" mistura novamente política e pop/rock em português.

A nova formação abriu possibilidades e melhorou o lado estritamente musical do regimento de Gessinger. O espírito *gaucho* gaúcho varre as composições, encarnadas pelos teclados do novo integrante, Lucio Dorfman, e pelo violino de Kleiton Ramil, que faz participação especial.

Bons tempos

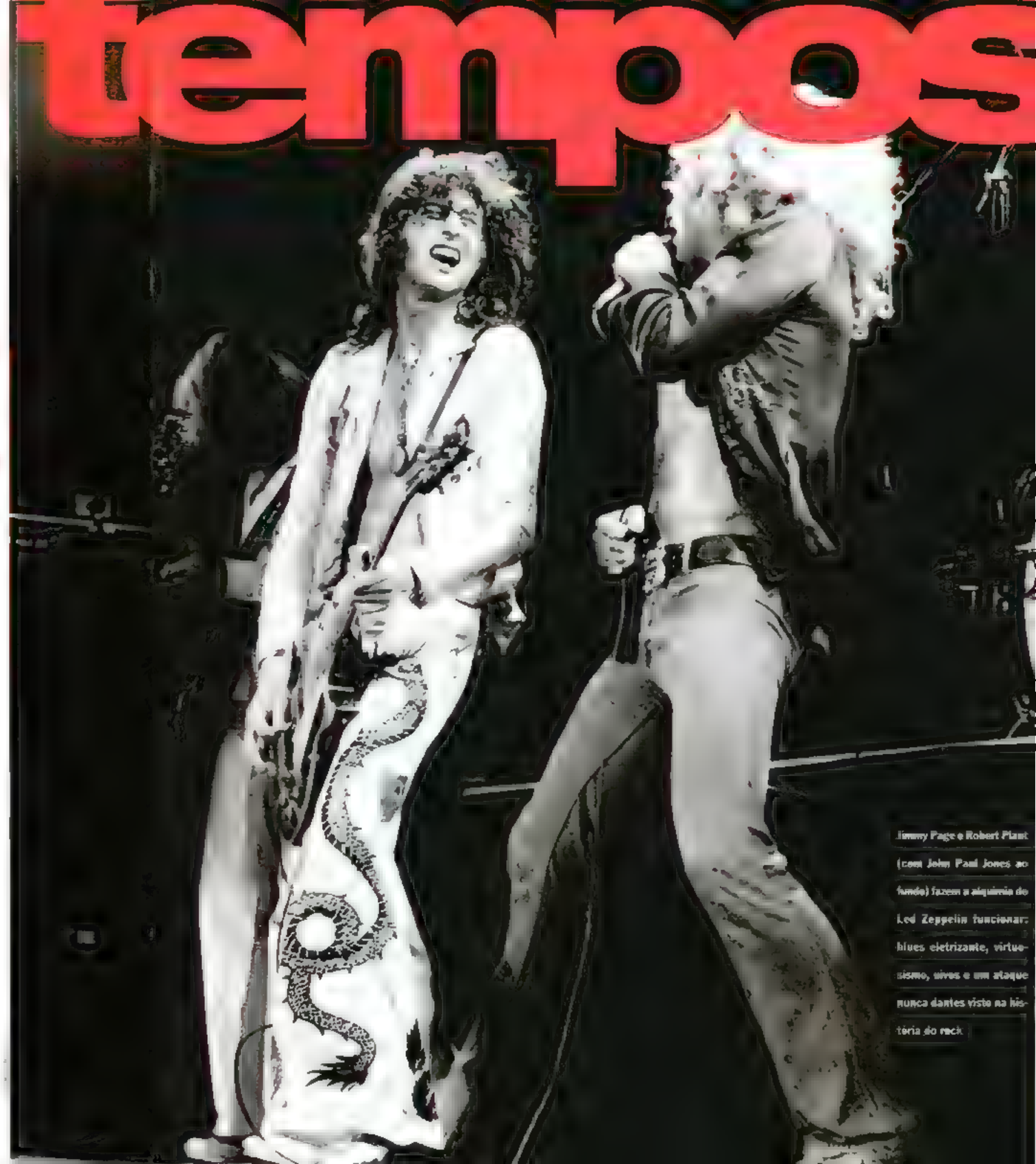
por SÉRGIO MARTINS

Led Zeppelin, maior banda de rock pesado do mundo, lança disco com material inédito gravado em 1969 e 1971 e vai virar filme em Hollywood

niversidade de Surrey, Londres, 15 de outubro de 1968. Quatro cabeludos desconhecidos – o mais famoso deles é Jimmy Page, que tocou na última fase dos Yardbirds – promovem um cataclismo musical então inédito.

Por miseras 150 libras de cachê (pouco mais de 250 reais), o vocalista uiva como um lobo alucinado, dança em espasmos e sacode a cabeleira loura; o tal Page ataca a guitarra com o arco de um violino e manda solos nunca dantes ouvidos; o baixista mostra precisão e elegância, ainda pilotando um órgão nos (poucos) momentos calmos da apresentação, e o baterista ataca couros e peles com a fúria de um selvagem – abandona as baquetas e destrói seu kit apenas com os pés e as mãos. Foi assim, ainda que para uma plateia um pouco indiferente, que o mundo ouviu falar pela primeira vez do Led Zeppelin.

Quase trinta anos após seu surgimento, o grupo ainda produz o mesmo encanto que assustou os universitários em Surrey. O mundo consome discos-tributo e reuniões não-oficiais entre seus integrantes. É este zepelim de nostalgia deverá ganhar combustível extra agora, com o relançamento em CD – e com preços promocionais (freze para o lojista brasileiro cooperar) – de toda sua coleção, além de um single de "Whole Lotta Love" (só lá fora). No dia 11 de novembro, as lojas do mundo inteiro recebem *BBC Sessions*, CD duplo inédito com material que a banda gravou nos estúdios da famosa estação de rádio inglesa. O álbum traz tudo aquilo que *The Song Remains The Same*, o ao vivo "oficial", tinha ficado devendo. Em performances capturadas em 1969 e 1971, o grupo toca clássicos ("Stairway To Heaven", "Whole Lotta Love"), dá um banho de blues ("I Can't Quit You Baby", "You Shook Me", "Since I've Been Loving You") e premia a galera com duas versões inéditas em discos (oficiais). Uma delas é "Something Else", clássico do rockstar dos anos 50 Eddie Cochran. A outra é "The Girl I Love" »



Jimmy Page e Robert Plant (com John Paul Jones ao fundo) fazem a alquimia do Led Zeppelin funcionar: blues eletrizante, virtuosismo, uivos e um ataque nunca dantes visto na história do rock

Orgias com menores, toneladas de drogas e porradaria acompanhavam as turnês do Led Zeppelin

Para o ano que vem está programado o lançamento de uma fita de vídeo contendo momentos raros do Led Zeppelin ao vivo. Page está cuidando pessoalmente do projeto enquanto grava um novo disco com Robert Plant. Comenta-se que a produção vai ficar a cargo do estuprador de ouvidos Steven Albini (responsável pelo primeiro tratamento de *In Utero*, do Nirvana). Hollywood planeja levar às telas uma biografia não-autorizada da banda. A fonte principal seria *Stairway To Heaven*, livro de Richard Cole (*veja quadro ao lado*), ex-*tour manager* da banda. A orgia zeppeliniana é completada com *In The Name Of My Father* (Sony Music), em que a Jason Bonham Band coveriza os principais sucessos do Led Zeppelin

São musicas que eu toco desde a infância", comenta Jason, filho de John Bonham, baterista como o pai, visto arrebentando seu kit no filme *Rock E Rock Mesmo* (1976).

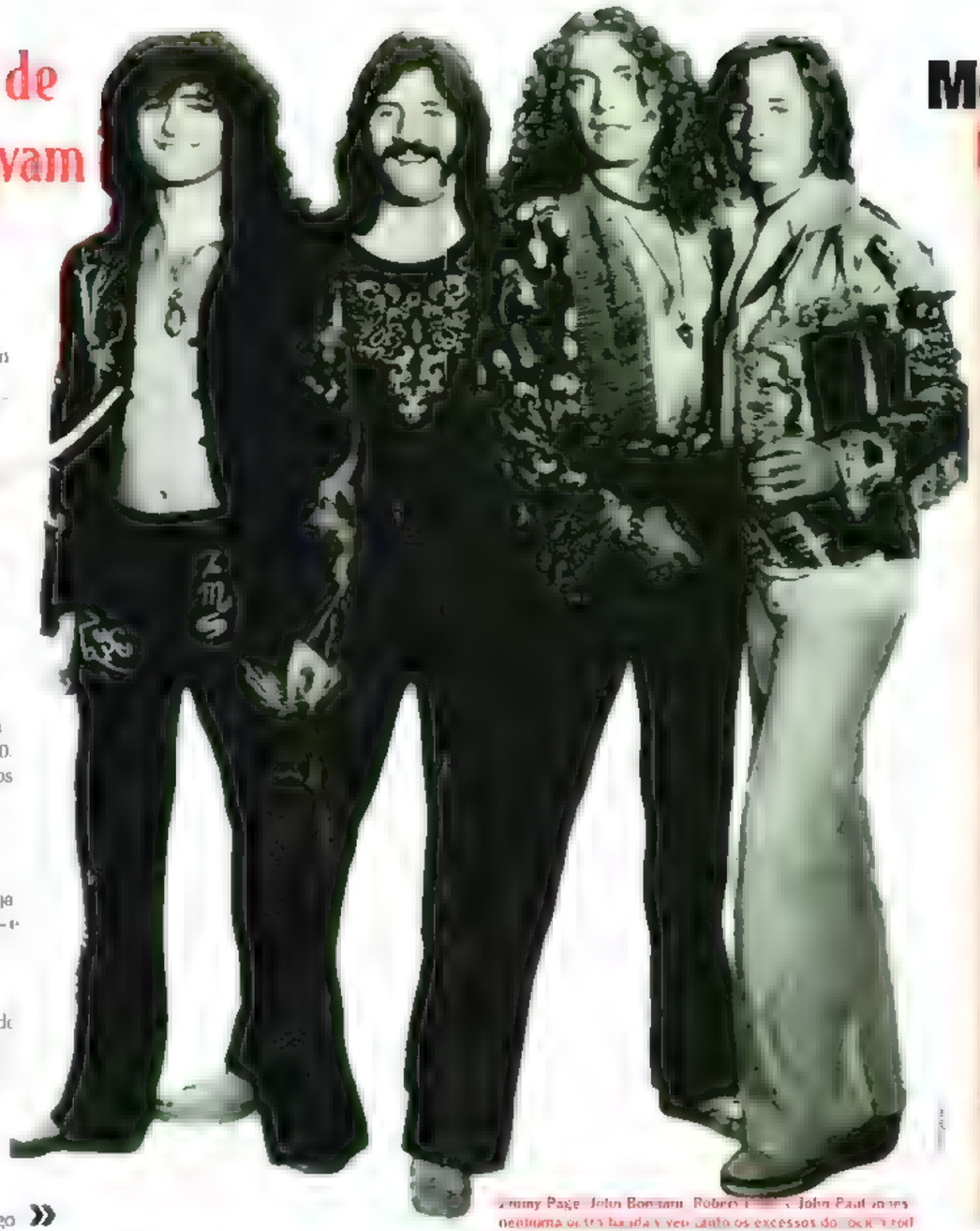
Jason – que deve vir ao Brasil nos proximos meses – chora quando lembra do pai, tocou com Jimmy Page no CD *Outrider* (1988) e assumiu as baquetas do grande John em diversos concertos-surpresa. "O Led Zeppelin tocou até no meu casamento."

In The Name Of My Father passa longe do oportunismo. "E um tributo sem fins lucrativos. Parte da renda vai para a Fundação John Bonham, que tira as crianças da rua e ensina a elas uma profissão."

O Led Zeppelin foi grande em tudo. Vateu-se da experiencia de Jimmy Page e do baixista John Paul Jones no estúdio para criar um som unico e original. Eles destronaram os Beatles, fizeram a America como ninguém havia ousado antes. Inauguraram a era do mega, tinham um megaempresario, faziam megaconcertos, viajavam num megaavião, protagonizaram megaescândalos e traçavam megagroupies. Foi a banda mais grandiosa dos anos 70.

A maior parte dos méritos cabe a Jimmy Page, um murrado ex-estudante de Artes que decidiu fazer carreira como musico de estudio. Mal começando, já estava trabalhando com The Kinks – e dele o solo de "You Really Got Me sabia? –, Joe Cocker e Tom Jones. Certo dia, Jimmy foi conferir uma apresentação dos Yardbirds, banda de seu amigo, o também guitarrista Jeff Beck. O cantor Keith Relf estava tão bêbado que caiu no palco. Nos bastidores, Beck deu um murro no vocalista e convidou Page para subir ao palco. Os Yardbirds ganhavam um novo integrante.

O convite de Jeff Beck vira emprego »



Jimmy Page, John Bonham, Robert Plant e John Paul Jones: nenhuma outra banda viveu tanto os excessos do rock'n'roll

Meninos, eu vi!

Richard Cole conhece todos os segredos do Valhala. Este inglês de 53 anos – "a mesma idade de Page", orgulha-se – trabalhou como *tour manager* do Led Zeppelin durante doze anos. De 1968 a 1980 ele forneceu drogas, bebidas, mulheres e apoio logistico para a maior banda de heavy metal de todos os tempos. Cole teve problemas sérios com heroína – chegou a injetar sua coleção de obras de arte – e se livrou, do vício e da banda.

Ele também foi a principal fonte de *Hammer Of The Gods* – livro bomba do jornalista inglês Stephen Davis – e há cinco anos resolveu contar as suas memórias. O resultado foi *Stairway To Heaven*, um trabalho recheado de orgias, problemas com drogas e explosões de temperamento de Jimmy Page, John Paul Jones [illegible] Robert Plant. Amigo? Conselheiro. Plant disse em entrevista no Brasil que "Cole só escreveu o livro porque precisava levantar dinheiro de alguma maneira para sustentar seu vício em heroína". SHOWBIZZ contactou o sujeito agora, morando em Los Angeles, California, e empresariando o grupo de reggae Black Uhuru. Ele revelou que *Stairway To Heaven* será relançado na Inglaterra e que – epa! – já vendeu os direitos do livro para o cinema.

Não era para ser uma biografia sobre o Led Zeppelin. Eu queria falar da minha carreira como *tour manager*, contar as histórias engraçadas das bandas com as quais eu trabalhei. Mas o editor achou que o período que passei com o Zeppelin era mais interessante.

Acho que *Stairway To Heaven* é um livro cheio de humor. Procurei contar as histórias mais folclóricas que aconteceram com a banda e falei [illegible] de todos os integrantes.

Acho que não. Apesar de não vê-los há muito tempo, sou bastante ligado à banda. Quando estou em Londres, visito Charlotte *(ex-mulher de Jimmy Page)*. E ela nunca me disse que *Page* estava bronqueado comigo.

[illegible] *respeitado*. Ele disse isso? Poxa [illegible] po... *(pausa)* Estou limpo, trabalhando numa boa. Eu não sei por que Plant foi tão agressivo [illegible].

Ninguém sabe muito bem o que estava fazendo. Éramos jovens, tínhamos pouco mais de 20 anos e de repente nos vimos com sucesso, dinheiro e mulheres.

Pode ser, mas eu duvido que algum integrante do Led Zeppelin tivesse coragem de chamá-lo desse nome. Na levar porrada na hora! Bonham era uma pessoa doce, lembrava um urso amigo.

É um filme sobre a minha vida de empresário e *tour manager*. Além do Zeppelin, trabalhei com The Who, Small Faces e muitos outros. Não estou preocupado em quem vai interpretar Jimmy ou Robert. Mas acho que Gary Oldman daria um excelente Richard Cole!

[illegible] explosão do [illegible] Zeppelin

Led Zeppelin (1969) Ouça a cacetada certeira de John Bonham em "Good Times, Bad Times" e comprove: nasceu ali um novo gênero musical. Blues elétrico [illegible] e bateria que tremelicam nos tímpanos do ouvinte, riffs cavalares e um cantor com [illegible]. No repertório, pérolas do bluesman Willie Dixon ("I Can't Quit You, Baby"), canções dos Yardbirds ("Dazed And Confused") e Band Of Holy Joy, antiga [illegible] ("Babe I'm Gonna Leave You"). Good Times, Bad Times"), o material próprio tocado com virtuosismo e qualidade – saboreie os belos teclados de John Paul Jones em "Your Time Is Gonna Come" e a guitarra de Jimmy Page anunciando a pauleira de "Communication Breakdown". O namoro do Zeppelin com a música oriental começa já em "Black Mountain Side", que usa violão e tabla.

[illegible] banda, o Led ataca ensurdecedor. Faz "Thank You", delicada homenagem de Robert Plant à sua então esposa Maureen, sim. Mas deixa sua marca no ataque de John Bonham em "Moby Dick", no contrabaixo matador de John Paul Jones na explosiva "Heartbreaker" e nos uivos do theremim de Jimmy Page no clássico-mor do rock pauleira "Whole Lotta Love" surrupiado do repertório de Willie Dixon.

[illegible] Plant se reuniu com Jimmy Page no retiro galês de Bron-Yr-Aur e os dois escreveram um repertório basicamente acústico, com letras inspiradas na mitologia nórdica ("Immigrant Song") e contos celtas ("Gallows Pole"). [illegible] do Zeppelin, "Since I've Been Loving You" e canções acústicas e refinadas como "Friends" e a bela "Tangerine".

Com três semanas de estúdio e meia dúzia de shows, o Led virou monstro. Tocava por quatro horas seguidas e a banda que entrasse depois acabava vaiada

Seria Thor chamando as valquírias? Não, é Robert Plant mandando um uivo alucinado

definitivo para Page. Ele passa para a guitarra-base e assume os solos da banda depois da partida de Beck, em 1967. A herança de Page é uma banda em frangalhos, conformada com a falta de popularidade e recheada de brigas. Mesmo assim, o guitarrista ainda comanda uma última obra-prima dos Yardbirds: *Little Games* (1967). No álbum, ele burilou o que seria mais tarde o som do Led Zeppelin. A empolgação de Page não é suficiente para levantar o astral dos Yardbirds. A banda se desintegra depois de uma excursão aos EUA, em 1968. Restam a Page alguns shows agendados e dívidas para pagar. E chama novos agregados para os New Yardbirds.

O primeiro a chegar é John Paul Jones, baixista, tecladista e arranjador que volta e meia trombava com Page nos estúdios londrinos. Jones – que, entre outras tarefas, fez o arranjo de cordas para "She's A Rainbow", dos Rolling Stones – mostra para Page uma matéria do jornal *Disc Magazine*, sobre Robert Plant, cantor de uma banda chamada Hobbstweedle. A dica bateu com a de Terry Reid, cantor inicialmente cogitado para a vaga, que tinha acabado de assinar um bom contrato, e passou a bola para o tourinho iniciante. Page e Jones partem para as bibocas de Birmingham, assistem ao Hobbstweedle e ficam impressionados com a atuação do vocalista. "Ele tinha um alcance vocal impressionante", recordaria Page, anos mais tarde. "Mas eu fiquei em dúvida em contratá-lo porque ele não era muito conhecido".

Robert ganhou a parada depois de interpretar "Babe I'm Gonna Leave You", música do repertório de Joan Baez. Para a bateria, o cantor indica o amigo John Bonham.

Os New Yardbirds sobem ao palco pela primeira vez nos clubes da Escandinávia. Assim que os novos Yardbirds voltam da miniturnê, Page grava um disco com o grupo, que iria ganhar um novo nome. O guitarrista lembra-se de uma citação de Keith Moon sobre um "zepelim de chumbo" e batiza o projeto de Led Zeppelin. As gravações do disco duram três semanas.

O Led Zeppelin faz alguns shows pelo Reino Unido, mas sem a devida repercussão. O disco também é recebido friamente pela imprensa, fato que se repetiria por vários anos.

O empresário Peter Grant – também chamado de "quinto zeppelin" – tem a melhor idéia de sua vida: leva a banda para uma turnê pelos EUA. O grupo faria sua estréia um dia após o Natal de 1968, tocando ao lado de Vanilla Fudge e MC5.

Em autênticas celebrações que se prolongavam durante horas, o quarteto conquista popularidade no território americano. Os outros músicos têm medo de tocar depois do Led. O Iron Butterfly (autor do sucesso "In-A-Gadda Da Vida") não dá bola para a onda e é expulso a vaias do Fillmore East – templo hippie dos anos 60.

Led Zeppelin sai pelo selo Atlantic e fica entre os dez álbuns mais vendidos no EUA. Na Inglaterra, atinge o 6º lugar. Em outubro de 1969 é lançado *Led Zeppelin II*, que estréia na primeira »

A canção não permanece a mesma

Os grandes sucessos do Led Zeppelin saíram de brincadeiras no estúdio

"Stairway To Heaven" Era um tema recorrente de Jimmy Page. O guitarrista compôs a introdução em sua casa, no País de Gales. Certo dia em 1970, depois de beber um pouco, Page e John Paul Jones decidiram retrabalhar a canção. Foram da parte inicial para uma complicada passagem com a guitarra de doze cordas, criaram o solo e sorriram uns para os outros – sabiam que tinham acabado de compor uma música inesquecível. A letra foi escrita por Robert Plant de uma tacada só. Ele se inspirou num livro chamado *Magic Arts In Celtic Britain*, do antiquário inglês Lewis Spence.

"Black Dog" Nasceu na boca de John Paul Jones. O baixista cantarolou o riff original da canção e os outros três integrantes adicionaram letras, peso e solos.

"Rock And Roll" Saiu por acidente. John Bonham tentava tocar "Good Golly Miss Molly", de Little Richard, e acabou criando aquela introdução de bateria. Jimmy Page deixou a fita rolar, mandou um riff de guitarra e Robert criou a letra de improviso. O piano estilo *boogie-woogie* foi tocado por Ian Stewart, da formação original dos Rolling Stones.

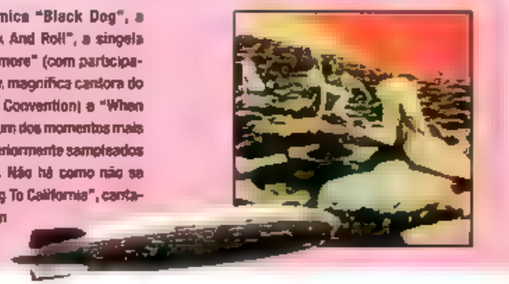
"Going To California" Jimmy Page quis homenagear a cantora folk canadense Joni Mitchell. Veio de casa com a melodia pronta. Bastou acrescentar a letra de Plant, que mandava um recado para as *groupies* e amigos de Los Angeles: "Estamos caindo na estrada novamente".

"The Song Remains The Same" Começou como "The Overture", em que Page criava diversas partes intrincadas de guitarra. Depois, ele cismou que a canção tinha um quê de mitologia e a batizou como "The Campaign". Até que Robert Plant, encantado com os sons do Oriente, decidiu homenagear "a universalidade da música".

"Kashmir" Sua gestação começou em novembro de 1973, no estúdio móvel de Ronnie Lane (baixista dos Faces, morto em abril deste ano). John Paul Jones estava doente e Page e Bonham improvisaram um tema marcial. Eles retomaram a canção em fevereiro do ano seguinte, com Plant adicionando uma letra cheia de misticismo e Jones improvisando o que achava ser um tema árabe nos teclados. Detalhe: até aquela data, os integrantes do Led Zeppelin mal sabiam onde ficava Kashmir.

"Thank You" Primeira parceria de Page e Plant, saiu do caderninho de letras do vocalista. Era uma tentativa de fazer soul de branco nos moldes dos Young Rascals.

Led Zeppelin (1971) Os executivos da Atlantic, gravadora do grupo, torceram o nariz para este álbum. Motivo: ninguém iria comprar um disco sem título ou identificação do artista, apenas com um velhinho na capa. Mal sabiam que este seria o mais popular trabalho do Zeppelin. *Quatro Símbolos*, como ficou conhecido, além do hino "Stairway To Heaven" (hoje banida do repertório de Plant e Page), é repleto de canções que animaram todas as festas dos anos 70: a orgásmica "Black Dog", a emblemática "Rock And Roll", a singela "The Battle Of Evermore" (com participação de Sandy Denny, magnífica cantora do grupo folk Fairport Convention) e "When The Levee Breaks", um dos momentos mais marcantes – e posteriormente sampleados – de John Bonham. Não há como não se comover com "Going To California", cantada por Plant com um desleixo magistral.



Houses Of The Holy (1973) A produção ficou dez espaço a novíssimos ritmos, como o reggae ("O'yer Maker") e o funk ("The Crunge", sonzeira que James Brown aprovaria com certeza). O grupo está ainda mais refinado, com as aventuras de John Paul Jones ao órgão ("No Quarter"), o cruzamento entre folk e heavy metal ("Over The Hills And Far Away") e canções mágicas do quilate de "The Song Remains The Same"/ "The Rain Song" e "Dancin' Days".

Physical Graffiti (1975) Considerado por muitos críticos o melhor disco do Led Zeppelin. Na época do lançamento, o público concordou. Este foi o álbum de mais rápida vendagem do currículo (virou platina nos EUA, batendo no milhão de cópias, em poucas horas) da banda. *Physical Graffiti* marca a fundação do Swan Song, o selo próprio do Led Zeppelin, e traz as canções mais trabalhadas de sua carreira. O namoro do grupo com a música do Oriente vira casamento em "Kashmir", mas a pauleira não foi de todo abandonada: é só conferir o épico-blues "In My Time Of Dying" (criado a partir de um tema original de Bob Dylan), a sensacional introdução de bateria de "The Rover", o rock astral de "Houses Of The Holy" (que havia ficado de fora do álbum anterior), a viagem acústica de "Bron-Yr-Aur" (o retiro espiritual de Jimmy Page) e outros delírios que crescem a cada nova audição.

Jimmy Page queima hotéis e passa noites em claro brincando com magia negra. Acidentes estranhos começam a acontecer...

posição da parada americana. O grupo decide dar uma nova chance aos ingleses e promove uma excursão pelo Reino Unido.

Obedecendo a uma estratégia de Grant, eles se recusam a aparecer em programas de TV. "Você gosta do Led Zeppelin? Então compre os discos, pague o ingresso e venha assistir à banda", desafia. Suas protegidos tocam em horários predeterminados, ficam com a porcentagem mais gorda da bilheteria. Quem desobedece às ordens de Grant leva um corretivo de Richard Cole. O ex-*tour manager* é quem conta: "Se alguma banda de abertura passasse do horário, a gente subia no palco e desligava a aparelhagem dos caras".

Nas turnês americanas, os músicos desfrutam todas as esquisitices que um *rock star* pode desejar. Em Seattle introduzem pedaços de um cação na vagina de uma *groupie* ("Exagero, foi só um *red snapper*", minimiza Cole, cafajeste). Page mantém duas geladeiras cheinhas de cerveja: uma para beber e a outra para derramar nas meninas que fazem plantão na porta do quarto.

O guitarrista tinha uma tiete favorita, Lori Maddox, modelo de 14 anos, que disputava a preferência dele a tapa com outras meninas. Eles chegam a exigir de Richard Cole três *groupies* nos bastidores para fazer sexo oral na banda enquanto John Bonham se lava em "Moby Dick" (deve ser por isso que o baterista demorava tanto...).

Depois de uma estafante turnê do segundo disco – que incluiu quebra de recorde de público no Madison Square

Plant e Page juntos tinham a magica depois perseguida por Axl Rose e Slash, Steven Tyler e Joe Perry...

[illegible] O interesse do guitarrista por magia negra e seguido pelo vicio em heroina [illegible] »

Monstro Macho

Ele não era chamado de The Beast (A Besta, O Monstro) à toa. Em sua bateria, John Bonham redefiniu a palavra peso: tocava [illegible] **(costumava colocar papel laminado no bumbo para ele soar ainda mais animal) e socava o kit com mãos, pés e cotovelos. Bonham era [illegible] considerado uma pessoa afável. Mas bastava uma gota a mais de álcool ou bater o tédio para o baterista [illegible] as coisas [illegible] que se tem notícia na história do rock and roll. Leia abaixo algumas das loucuras e bricadeiras protagonizadas pelo baterista:**

• Em 1971, durante uma turnê do Led pelo Japão, John Bonham implica com a namoradinha oriental de Jimmy Page. Ele rouba a bolsa da menina, recheia o objeto com suas fezes e devolve como se nada tivesse acontecido. A garota, horrorizada, foge e deixa Page. O guitarrista só não expulsou Bonham da banda graças à turma do deixa disso.

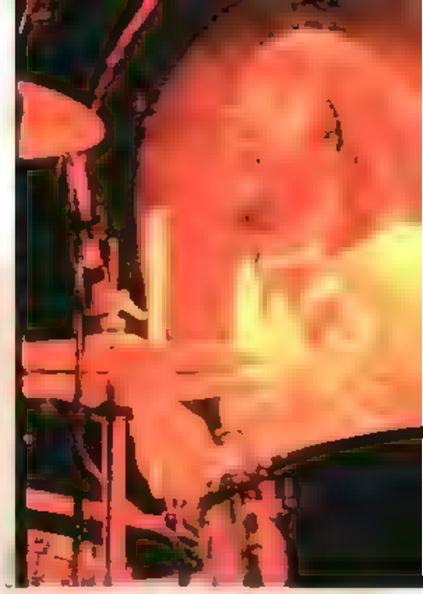
• Bonham passa a viagem do grupo aos EUA enchendo a lata. Cansa de ir tantas vezes ao banheiro do avião e resolve urinar na própria cadeira. Quando seu assento vira uma piscina de urina, ele vai até a classe econômica e pede para trocar de lugar com um *roadie*. "Você é um cara legal, merece as mordomias da primeira classe", diz. O rapaz aceita o convite e nem tem tempo de limpar o traseiro de Bonham – o vôo passa por uma zona de turbulência e o *roadie* é jogado para o assento todo melado.

• O quarto de um hotel em Los Angeles, EUA, é vítima de uma das crises de tédio do baterista. John Bonham joga o piano pela janela, quebra cama, telefone e outros utensílios, além de transformar o banheiro num afluente do Oceano Pacífico. Bem, pelo menos você deixou o espelho da suíte intacto, ironiza o gerente do hotel, chamado a suíte para contabilizar os prejuízos. "Não seja por isso", diz Bonham. E o baterista acerta a peça com um coice de fazer inveja a Bruce Lee.

• Cansado do assédio das fãs, John Bonham se junta com Richard Cole e convida uma *groupie* para transar... com um cachorro. Ela tira a roupa, mas o bichão não se empolga. A dupla tenta esquentar a cena colocando uma tira de bacon no orgão sexual da moça e... nada. Decepcionado, Bonham resmunga para ela: "você não esta com nada mesmo. Nem o cachorro se interessa".

• Bonham e Richard Cole estão num boteco em Los Angeles, onde rola uma apresentação de Chuck Berry. Não demora muito e Bonham começa a implicar com o baterista, sobe ao palco, enche o infeliz de pancada e assume as baquetas. "Chuck, agora você vai ter o baterista que merece", diz, feliz por tocar ao lado de seu ídolo.

• O Led Zeppelin esta se apresentando nos EUA e um segurança agride o filho de Peter Grant – empresário do grupo. Pior para ele: o infeliz e trancado numa sala com Bonham e Grant e dali... direto para o hospital, com [illegible] quebrados.



John Bonham, o animal dos couros

The Song Remains The Same (1976) Disco ao vivo gravado durante os shows do grupo no Madison Square Garden, em Nova York. *The Song Remains The Same* é rejeitado até pelos músicos. Tem [illegible] talismãs de Jimmy Page em "Dazed And [illegible]" e [illegible] da na sensacional "Rain Song".

Presence (1976) Este disco inicia a fase de desgraças pessoais do grupo. Robert [illegible] na Grécia e passou as gravações numa [illegible] séia metálica ("Achilles Last Stand"), [illegible] But Mine") e manda outra pequena pérola (o blues "Tea For One"). Durante a turnê [illegible]

[illegible] marcado pela ursuca, o Zeppelin comete [illegible] de John Paul Jones pulam acima da guitarra de Page (ouça "Carouselambra"). Mas Plant faz bela homenagem ao filho morto ("All My Love"), o grupo brinca com a *latinidade* ("Fool On The Rain"), faz blues do bom ("I'm Gonna Crawl") e manda um [illegible]

[illegible] faixas ao vivo da maior banda de heavy metal da história. Entre os destaques estão uma versão de "I Can't Quit You Baby" gravada na festa de aniversário de Jimmy Page (a saber: 9/01/70), John Bonham [illegible] e a pesadona "Wearing And Tearing", solo [illegible] Through The Out Door – a melhor do que muita coisa de[illegible]

O relâmpago do Zeppelin se extinguiu com as 40 doses de vodca e três enroladinhos de presunto que mataram John Bonham, mas seu trovão ecoa até hoje

Robert Plant e Jimmy Page em 1994. Plant, Page, John Paul Jones e John Bonham numa matadora passagem de som *(ao lado)*

platina em poucas horas.

Espiritualmente, a situação anda braba. Jimmy fratura o dedinho num estranho acidente na porta de um vagão de trem. Plant é quem paga o maior pato: em férias nas ilhas gregas, ele espatifa seu carro contra uma árvore. Maureen, sua esposa, ganha um talho no rosto. Robert fratura diversas costelas e passa quase um ano na cadeira de rodas. Grava *Presence* (1976) todo engessado.

A ausência dos palcos é compensada com o lançamento de *The Song Remains The Same* (1976), filme que mistura o concerto do grupo no Madison Square Garden com cenas do dia-a-dia e viagens pessoais de cada integrante da banda. Robert se recupera no ano seguinte e o grupo sai em turnê. A alegria dura pouco. Seu filho Karac morre por causa de um vírus misterioso. Outra pausa e o Zeppelin se reúne novamente em 1979.

O grupo lança *In Through The Outdoor*. Plant homenageia o filho em "All My Love". O Led Zeppelin inicia os ensaios para mais uma excursão. Durante os ensaios, John Bonham bebe além da conta (entorna quarenta doses de vodca com suco de laranja e três enroladinhos de presunto) e não está em condições de tocar. No dia seguinte, o grupo chama Bonham para o ensaio e ele não responde. Sufocado pelo vômito, Bonham estava morto. A perda de John Bonham quebra a magica da banda. Page desmaia no tribunal durante as investigações do acidente que vitimou o amigo – e anuncia o fim do Led Zeppelin.

Os sobreviventes da maior banda de rock pesado de todos os tempos tiveram carreiras irregulares. John Paul Jones se dividiu entre trilhas sonoras de filmes e produção de álbuns do The Mission e da cantora grega Diamanda Galás. Robert Plant lançou discos bons (*Pictures At Eleven*, de 1982), outros nem tanto (*Manic Nirvana*, de 1990). Jimmy Page compôs música para filmes de Charles Bronson (*Desejo De Matar 2*, de 1982), montou o grupo meia-boca The Firm e fez um CD solo abaixo do esperado (*Outrider*, de 1988).

A falada reunião do Led Zeppelin só se concretizou em 1994, quando Page e Plant lançaram *No Quarter* em acústico contendo boa parte do material sagrado do grupo ("No Quarter", "Thank You", "Kashmir"). Foi a turnê desse CD que a dupla mostrou no Brasil em 1996. A carreira do Led Zeppelin celebrou como nunca os excessos dos anos 70. Uma década muito mal-afamada, estigmatizada como "a era em que se pagou a conta pelo sonho dos anos 60", mas que, bem ou mal, marcou. Não é por acaso que o trovão setentista do Led é fonte de inspiração para tantas bandas em atividade hoje, de Aerosmith e Guns N'Roses a Rage Against The Machine.

Led Zeppelin (1990) Também conhecido como *Remasters*. Jimmy Page cuidou pessoalmente deste *boxed set*, contendo quatro CDs com sucessos e raridades. Está tudo aqui: de "Stairway To Heaven" a "Communication Breakdown" de lados B como "Hey Hey What Can I Do" a covers de Robert Johnson ("Travelling Riverside Blues") e Jimmy Page esmerilhando ao vivo nas acústicas "White Summer/ Black Mountain Side".

Led Zeppelin Remasters (1992)/ Boxed Set 2 (1993) Os maiores hits do Led Zeppelin condensados num CDzinho duplo. Aqui você vai à loucura com "Whole Lotta Love" e "Rock And Roll", se emociona em "Stairway To Heaven" e curte "Kashmir" para alcançar o nirvana. A festa é completada por *Boxed Set 2*, recheado de pseudo-hits e algumas raridades. Uma excelente introdução ao pesado mundo do quarteto britânico.

Complete Studio Recordings (1993) Todos os discos do grupo - com exceção do dispensável *The Song Remains The Same* – remasterizados por Jimmy Page e com texto do jornalista e fãzoco Cameron Crowe, hoje diretor de filmes como *Jerry McGuire* e *Singles - Vida De Solteiro*), um dos maiores especialistas em Led Zeppelin. Tudo isso numa embalagem caprichada, que tem a aparência de uma caixa de jóias.

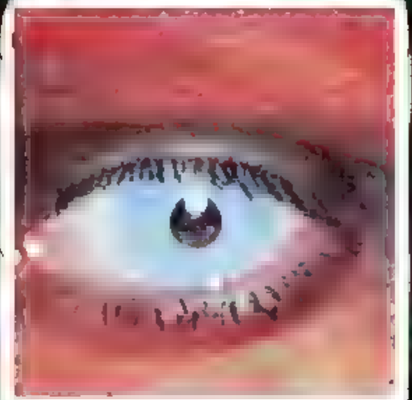
No Quarter: Jimmy Page & Robert Plant Unledded (1994) os eternos parceiros de Led Zeppelin revisitam o repertório da banda ("Thank You", "Gallows Pole"), compõem com músicos orientais ("Yallah" "City Don't Cry") e colocam uma boa dose de curry em seus clássicos (o dueto com Najma Akhtar em "The Battle Of Evermore" "Kashmir"). *No Quarter* é um belo disco, mesmo que a ausência de John Paul Jones seja inexplicável.

O coiso

por ROBERT HALFOUN e LETICIA CALMON

Marilyn Manson veio barbarizar no Brasil e SHOWBIZZ seguiu os passos da criatura durante toda sua estada

Quatro mil pessoas assistiram à alucinante performance de Marilyn no Olympia, em São Paulo: ele simulou relações sexuais, se esfregou todo e tentou uma "ligação direta"



Dias antes de chegar ao Brasil Marilyn Manson prometeu pelo telefone ao repórter de SHOWBIZZ: "Vou mostrar aos brasileiros algo que vocês nunca viram antes e nunca verão depois". Exagero à parte, não era caô. No auge da popularidade lá fora, a controvertida criatura fez um show de raro impacto.

Quem foi ao Olympia (em São Paulo) esperando ver um circo saiu de lá boquiaberto. Além do aspecto cênico-visual do cantor, a banda mostrou uma massa sonora pesadíssima que entupia de barulho os ouvidos dos presentes.

Segunda-feira, 8 de setembro de 1997. Cantando sobre uma base sequenciada – que, sim, acompanha a banda durante todo o show –, o *coiso* esbanja carisma. Sua performance impressiona mesmo. Branco feito um cadáver, fisiculturista tarja preta de couro deixando a mostra o traseiro, ele se arrasta, simula sexo nas mais inusitadas posições (incluindo uma passiva, de frango assado), faz discurso, rasga a Bíblia. Hipnotizada, a molecada canta as letras do repertório baseado no álbum *Antichrist Superstar* e mostra-se pronta para fazer qualquer coisa que seu mestre Manson mandar. "Filha *da puta*!!" – incita ele ao microfone. Pronto. É o suficiente para que mais de 4 mil adolescentes entoem um coro que só para a um sinal da criatura.

Luzes estroboscópicas piscam alucinadamente, feixes de luz vindos de um praticável furado iluminam o ser grotesco de baixo para cima. O Olympia, quente e úmido como o inferno, parece que vai explodir ❯❯

Marilyn quis aprender logo a falar a palavra "droga" em português, mas, na real, se empipiu de pizza com Coca-Cola depois do show

Duas faces da criatura: de dia, chegando ao hotel, em São Paulo (no centro), e ao entrar em contato com o público depois de uma entrevista ao rádio (à esquerda). Marilyn mostrou-se frágil e gentil. À noite, no show, virou monstro. Na foto maior, ele segura a garrafa que usaria para abrir um talho no peito

Marilyn sapatão: repare no tamanho do salto

O show está no auge quando, faltando três músicas para o final (segundo o roteiro previsto), Marilyn atira o pedestal do microfone contra a bateria. O instrumento não resiste ao golpe, cai no chão e, numa interrupção brutal, a banda pára a apresentação com um acorde final improvisado. O barulho emudece. As luzes se acendem imediatamente e o público fica em silêncio, anestesiado e surpreso. Não foi de graça que, como o próprio cantor alardeia, "todas as revistas do mundo elegeram este como o melhor show do mundo na atualidade".

Acredite, no palco, Marilyn Manson é esse demônio todo. Fora dele, sem a maquiagem, o marketing e as frases de efeito com que constrói sua imagem, não são necessários mais que alguns minutos de observação para perceber detalhes que humanizam a criatura. Tampinha (ele usa um sapato plataforma com cerca de 20 centímetros para disfarçar), rosto esburacado por espinhas, Brian Warner (seu nome de batismo), 28 anos, é delicado como uma moça. Prestes a dar uma entrevista na Radio Brasil 2000, ele arregala os olhos, pega no braço da repórter e agradece da forma mais gentil do mundo quando presenteado com alguns exemplares de SHOWBIZZ. "São minhas? Ah, muito obrigado". Pouco depois, no ar, questionado pela mesma repórter a respeito do que já tinha feito, desde sua chegada ao Brasil, no dia anterior, Marilyn barbarizou. "Dróuga", urrou satisfeito, em português mesmo, deixando claro que pegou pesado entre os lençóis negros (eram brancos e ele pediu para trocá-los) de seu quarto no hotel. Mentirinha. Na real, o vampirão atacou de turista e – à luz do dia – fez questão de conhecer Sampa. Passeou pela Avenida Paulista, foi ao Teatro Municipal e encheu a pança numa tradicionalíssima cantina do centro da cidade. De volta ao hotel, relaxou tomando Jack Daniels com Coca-Cola civilizadamente no bar do local. "Ele é absolutamente tímido. Fala pouco e observa muito. O resto da banda é completamente diferente: os caras têm aquele jeitão de bovzinho que virou rebelde", entrega Mariana Ribeiro, coordenadora de produção da Water Brothers, empresa promotora do show. João Raposo, o fotógrafo de SHOWBIZZ que acompanhou de perto todos os passos de Marylin em sua curta passagem por aqui, concorda com Mariana. **"O baixista, Twiggy Ramirez, quis me dar porrada quando eu o fotografei chegando ao aeroporto. Marilyn Manson foi sempre gentil..."** Não se irritou nem quando foi cercado por fãs na saída da rádio. "Muito pelo contrário. Nesse episódio, apesar de apertado no tumulto causado por alguns fãs maquiados, estendeu as mãos para a galera, dando a impressão de que esperava que elas fossem beijadas." »

Verdades e Mentiras

Sim Marilyn Manson fez sexo oral num sujeito em pleno palco. "Paguei boquete para um cara de uma banda que nem me lembro qual era. Isso aconteceu mesmo."

Não Mesmo com esses rompantes de gula no currículo, Marilyn Manson não se considera homossexual. "Eu já experimentei de tudo, mas não sou gay. Homossexualismo é uma questão de espírito. Um homem pode fazer sexo oral em outro e não ser gay."

Sim Ex-aluno de colégio de padres, Marilyn ainda acredita em Deus. "Mas não acho que Ele seja algo a ser adorado."

Não Marilyn Manson jura que não fez um pacto com o Coisa-Ruim. "Ele é que precisa fazer um pacto comigo..."

Sim Marilyn já rezou na igreja de seita. "Eu incorporo muitas crenças diferentes, incluindo satanismo."

Não Marilyn Manson não fuma cocô. "Já fumei ossos humanos que uma vez catei no cemitério. Merda, não."

Sim Marilyn coleciona proteses de membros humanos. "E também aparelhos médicos antigos. Coisas bizarras."

Talvez Marilyn não responde a sério quando é perguntado se viveu um dos adolescentes do seriado *Anos Incríveis*. "Sim, eu era Winnie Cooper, a garota..." (segundo informações na Internet, o personagem que seria interpretado por Manson é Josh Sovianno, hoje com 20 anos)

"Gostaria de matar os [illegible]n"

A voz é de trovão e parece vir do além. Na outra ponta da linha, pouco antes de vir ao Brasil, Marilyn Manson está num estúdio nova-iorquino, trabalhando no novo álbum, ainda sem data de lançamento. Sempre provocador, não perde uma chance de alimentar o culto à sua bizarra personalidade. Pede drogas ao repórter, receita viagens alucinógenas, esnoba solenemente a admiração confessa de Ozzy Osbourne e Alice Cooper e avisa: lança uma autobiografia em fevereiro.

O que você usa no seu olho esquerdo? Lente de contato?
Para saber, você vai ter que ler meu livro *(risos)*.

Que livro?
Acabei de escrever a primeira parte da minha autobiografia que vai ser lançada em fevereiro. Chama-se *The Long Hard Road Out Of Hell*.

Como será o próximo álbum?
Muito diferente de *Antichrist Superstar*. As pessoas vão se surpreender. Já temos os nomes de algumas músicas, mas não vou te dizer. Só posso adiantar que nenhuma trata de religião.

Por que Marilyn Manson?
Porque é o nome que melhor representa meu jeito de pensar. Eu sou um paradoxo. Sou beleza e feiúra, o bem e o mal, homem e mulher, Deus e o diabo. Marilyn Monroe e Charles Manson são a melhor maneira de expressar as contradições da sociedade americana.

Tem idéia de como se transformou em ídolo dos adolescentes?
Eles precisam de alguém como eu. A música está tão cheia de chatos e de impostores, que já era hora de aparecer alguém radical como eu.

Mas há quem diga que o impostor é você...
(Pausa) Então... essas pessoas não me entenderam. *(gaguejando)* E-e-e-e-e-eu sou real, eu sou real!!!

O que acha da admiração de Ozzy Osbourne e Alice Cooper?
Me sinto mais lisonjeado com os fãs que compram meus discos.

Mas não lhe agrada que esses artistas também gostem das suas músicas?
Acho que não. Não sei o que os fez dizer isso.

Se você pudesse eliminar alguém, quem seria?
Você diz matar? Ah, os moleques do Hanson... Os três e os pais deles também.

Falando em pais, os seus gostam de que você faz?
Gostam. Minha mãe passou a me chamar de Manson e tudo.

Você participa do filme *Estrada Perdida*, de David Lynch, fazendo uma cena de sexo hardcore. Você gosta desse tipo de sexo? Com quem? Você? *(risos)*
Não comigo, com os outros...
Gosto de todo tipo de coisa, mas vamos resumir dizendo que aquele papel não foi difícil para mim porque já tinha feito tudo aquilo antes *(risos)*. Eu não sou mais virgem *(ri mais ainda)*.

Dizem que você está bastante envolvido com drogas pesadas...
Você tem algumas pra me dar? *(risos)*

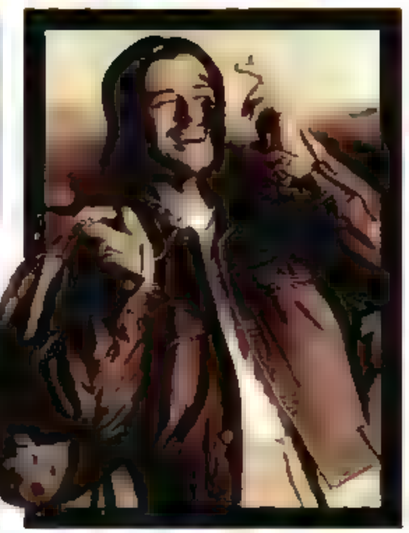
Não, só quero ouvir a sua opinião...
Acho que todo mundo deve experimentar drogas. Eu tomo as que me dão. Você gosta de heroína?

Eu? Não, eu não toco nessas coisas...
Mas deveria experimentar. É uma viagem... Seu cérebro parece que vai se estacelar...
(Carlos Eduardo Oliveira)

Tranquilo na rua, nos camarins o maluco virou monstro. A pedido de Marilyn, toda a decoração do espaço teve de ser modificada. Quadros mesas e cadeiras foram substituídos por maletas objetos de umbanda, panos pretos e pôsteres cavernosos. "Só dava foto de neguinho morto. Pô, fiquei boquiaberto", lembra Tatola, DJ da Brasil 2000, que circulou pelos bastidores do Olympia. **"Você já viu tacho de macumba? Para se maquiar, ele colocou fogo no negócio e se pintou na frente de um espelho que recebia uma luz que vinha por trás. Era como um ritual satânico"**, conta Mariana, bastante impressionada. Tem, mais, por exigência contratual, todo tipo de material cortante teve de ser retirado do local. Qualquer espécie de objeto de vidro (exceto o tal espelho gigante trazido pelo próprio Marilyn) e até abridores de garrafa ficaram do lado de fora. O vinho, outra exigência do cantor, foi servido em copos de plástico. A explicação para essa excentricidade seria o alardeado instinto suicida de Marilyn. "Eu vou me matar", anuncia o cantor algumas vezes durante o show. Lá pelas tantas quebra uma garrafa de vinho, pega os cacos do vasilhame e parece abrir um talho no peito. Cai no chão. As luzes se apagam e, quando voltam a acender, o morcegão ressurge se esvaindo em sangue. Líquido que cenográfico ou não, sujou sessenta toalhas brancas. Segundo a produção e a gravadora, depois do show Marilyn tomou quatro pontos. "Eu vi", garante Mariana. "Não foi preciso enfermeira nem médico. Ele levantou o braço e se costurou ali mesmo sem anestesia, nada."

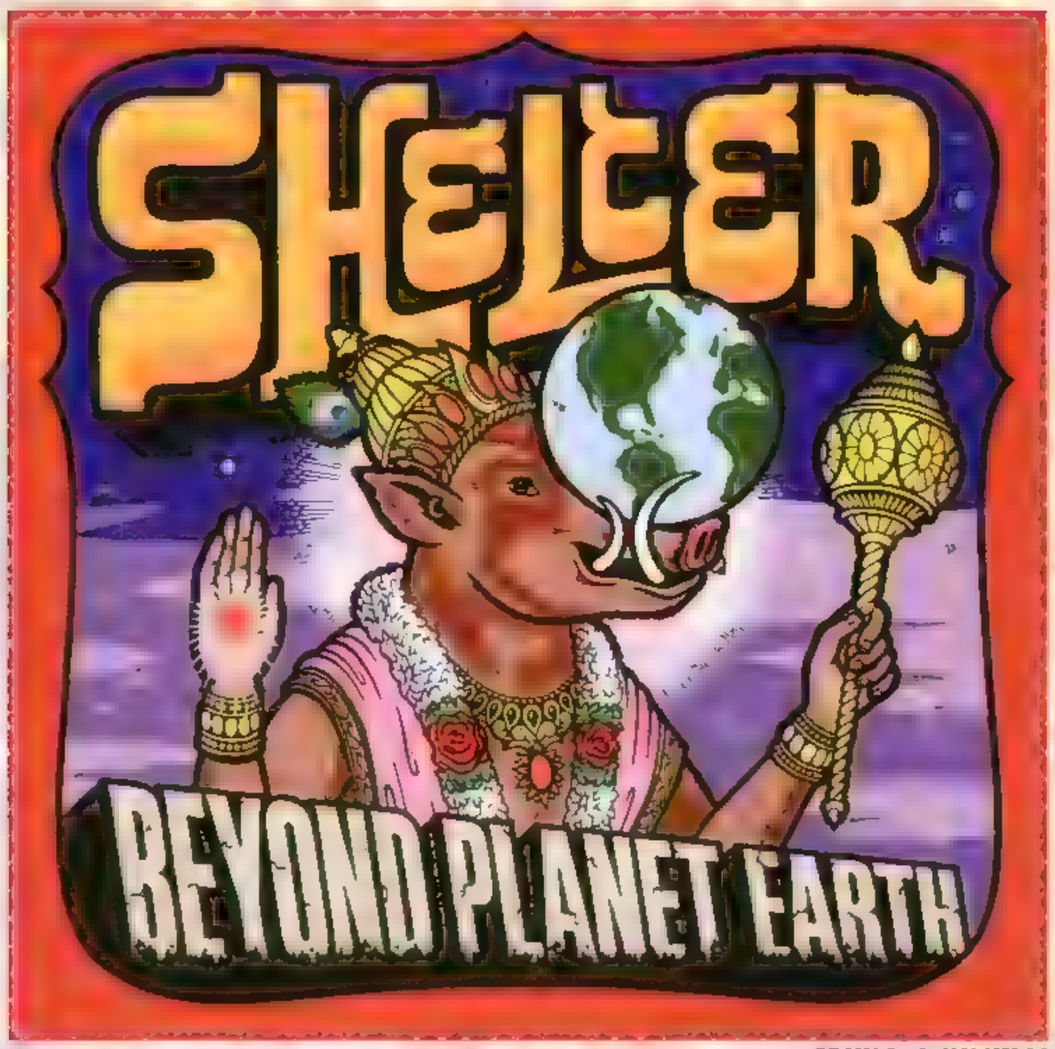
Auto-socorrido, de volta ao hotel, novamente como um cara normal (ou quase), o cantor se atracou com uma pizza (da Pizza Hut) e tomou Coca-Cola. Preocupado com a ferida do patrão, um integrante da equipe da banda – que, na falta de papel de seda, havia se recusado a apertar um baseado numa folha da Bíblia –, perguntou: "E aí?" Marilyn olhou pra ele e soltou uma sonora risada... Eu hein!"

ROTEIRO?
SÓ VOU
SABER
NA VOLTA.



STRADERO
KILDARE
A estrada na alma

O NOVO SUCESSO DO SHELTER



RR 8828-2 0 16861 8828-2 2

LANÇAMENTO:

ROADRUNNER

DISTRIBUIÇÃO

UNIVERSAL

SP Tel (011) 864 0324 Fax (011) 885 2897
RJ Tel (021) 286 1621 Fax (021) 266 0436

SP Shopping Morumbi Tel (011) 542 0336
Shopping Ibirapuera Tel (011) 5581 7290
Shopping Tucuruvi Norte Tel (011) 6972 4366
RJ Rua do Ouvidor, 98 A Tel (021) 507 9530

RR 8938-2 0 16861 8938-2 8

muito boa zinha

por ROBERT HALFOUN

Eleita a roqueira mais sexy do mundo, a romântica e comportada Gwen Stefani, do No Doubt, está mais para a namoradinha do ska

Água na boca: "Quando a música é sexy, você acaba se tornando sexy também. O problema é que as pessoas te vêem como um pedaço de carne"

O telefone toca várias vezes no quarto de Gwen Stefani, num hotel na Filadélfia, EUA. Depois de mais ou menos uns 2 minutos, ela finalmente atende. "Desculpe, eu estava tomando banho. Sabe como é. Quando se é uma garota, essas coisas são meio lentas", justifica-se meio rindo. Sem sombra de dúvida. Esta é mesmo a vaidosa vocalista do No Doubt (grupo que chega ao Brasil no fim do mês para se apresentar no festival Close Up Planet), eleita pela revista inglesa *Kerrang!* a cantora mais sexy do planeta. "Ah, assim você me deixa com vergonha. Eu não sou uma modelo da *Playboy* ou coisa parecida. Sou uma *performer*, uma *entertainer*... Acho que quando a música é sexy, você acaba ficando sexy também. Mas essa é uma questão muito complicada. Toda mulher quer ser sexy e atraente. No entanto, sendo sexy e atraente, as pessoas não te levam a sério, te vêem apenas como um pedaço de carne". Adepta do figurino top com barriguinha de fora, ela ri ao falar do próprio abdômen. Ha-ha-ha. E me diz: tem estado tão bonita esses dias. Gosto de aproveitar as coisas boas da vida, como chocolates, comidas gostosas.

Não é a primeira vez que Gwen é incluída em listas de beldades feitas por revistas. No primeiro semestre, ela foi considerada pela *People* uma das cinquenta pessoas mais bonitas do mundo. "Sempre achei divertido saber sobre a vida dos artistas nessas publicações sobre celebridades. Mas é ainda mais engraçado quando você é in- »

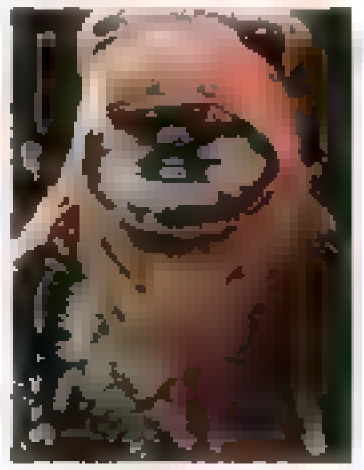
"Estou lendo roteiros para ver se me encaixo em algum papel, mas não sei se tenho **talento** para representar"

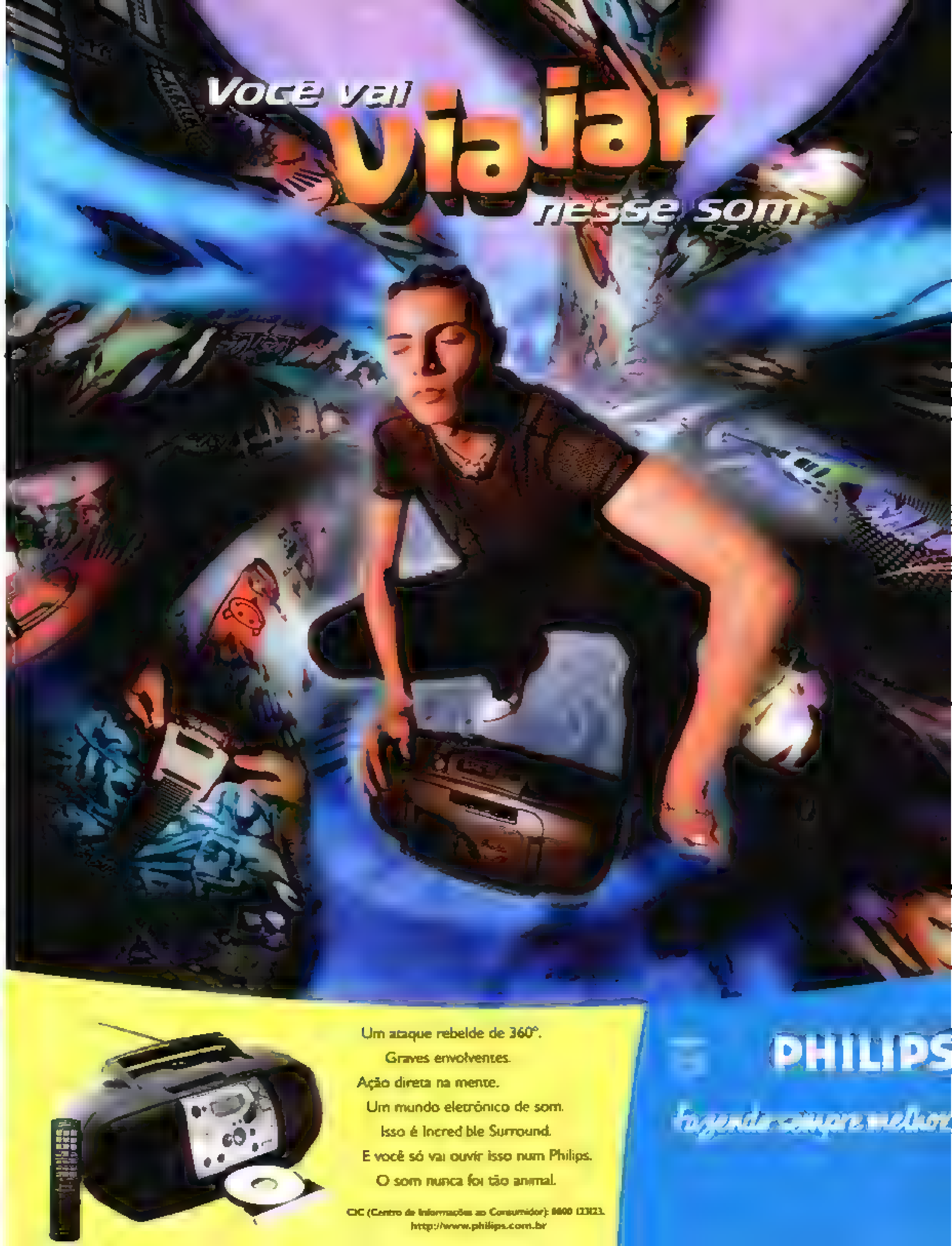
[illegible] Todos esses anos eu fui a pessoa mais normal do mundo e de repente pego a *People* e vejo a minha cara lá!" [illegible] que é tentador ser bonitinha. De qualquer forma, adoro esse tipo de publicação que revela a vida dos artistas. Gosto de saber, por exemplo, das fofoquinhas sobre o Brad Pitt e Gwyneth Paltrow."

Apesar dos 28 anos recém-completados no dia 3 deste mês, Gwen [illegible] uma adolescente. Fala sem parar, faz gracinhas e, depois de passar séculos desenvolvendo o mesmo assunto, solta um [illegible]. Uma graça. Há dois anos em turnê, desde que saiu *Tragic Kingdom*, último disco do No Doubt, Gwen está adorando a experiência. Mas morre de saudade da mãe e se sente culpada por estar tão longe da família. Quando não está na estrada, Gwen ainda mora com os pais numa casa em Orange County, subúrbio de Los Angeles, a 40 minutos de Hollywood. "Nunca estive tão ocupada. Estou curtindo tanto a minha vida que chego a me sentir meio egoísta por não estar dividindo isso com meus pais." A agitação [illegible] adiar [illegible] assunto para o novo disco do No Doubt, ainda sem a menor previsão de lançamento. **"Disco novo? Ah, me dá um tempo, vai? Nunca planejamos fazer uma turnê tão longa. Precisamos dar uma paradona.** Aí vamos nos concentrar nas novas músicas. Não sei sobre o que vou escrever no futuro, mas provavelmente será sobre coisas novas que aprendi. Estou mais culta depois de ver tantos povos diferentes ao redor do mundo. [illegible]", revela. E isso [illegible] um novo relacionamento com Gavin Rossdale, cantor do Bush, também não é mesmo, só para lembrar: *Tragic Kingdom* era quase todo sobre o fim do namoro entre Gwen e seu colega de banda, o baixista Tony Kanal? "Gavin é um namorado incrível. Faz coisas maravilhosas e me divirto muito quando saímos juntos. O que mais me atrai nele não é a beleza, mas o senso de humor." Enquanto o novo disco não vem, Gwen pensa em Hollywood. "Posso te contar um segredinho? Já assinei contrato com um agente e estou lendo alguns roteiros para ver se me encaixo em algum. O único problema é que não sei se tenho talento suficiente para fazer cinema." Que isso, Gwen. Se a Madonna conseguiu, você também pode conseguir. "Ah, você também não [illegible]", reclama, detestando uma comparação com a material girl. "Eu não acho que me pareço com ela. Temos coisas em comum, mas somos muito diferentes. É uma pena que me comparem com ela. Se eu tivesse [illegible] preto, iam dizer que pareço com a Chrissie Hynde."

Bem, seria difícil imaginar Miss No Doubt casando com um [illegible], como fez recentemente a vocalista dos Pretenders. "Não vejo problema em fumar um baseadinho, mas já fiz muito esse tipo de coisa quando era adolescente. Drogas pesadas eu nunca usei. Tenho pavor de heroína. Ainda ontem tive um pesadelo com isso." Gwen é mulherzinha assumida. "Adoro uma comédia romântica. Mas gosto muito também de *Guerra nas Estrelas*. Eu queria ser um **ewok**, sabe?" Uma gracinha ela.

No Doubt da esquerda para a direita: o baterista Adrian Young, Gwen Stefani, o baixista Tony Kanal e o guitarrista Tom Dumont





Penetramos nos bastidores da gravação de *Infinito Circular*, o tão esperado disco ao vivo dos Novos Baianos

A volta dos que não foram

Durante o ensaio, de terno preto e botas brancas, Baby, a ex-Consuelo dos Novos Baianos, pulou os degraus atrás do palco do Palace, em São Paulo. Com aquela cara de quem fugiu de casa aos 16 anos, celular na mão, meio gritando, chamou Galvão: "Galvis! Telefone pra você!" Seria o mitológico amigo dos Novos Baianos, João Gilberto, do outro lado da linha?

Pepeu atiçou: "João ligou ontem falando que a gente é muito importante pra música brasileira. Foi uma coisa muito legal. E hoje tá todo mundo aqui... você tá compartilhando um momento muito especial. Daqui a pouco a gente vai entrar ali e sabe que precisa gravar numa fita uma coisa que a gente não faz há muito tempo. É um grande desafio".

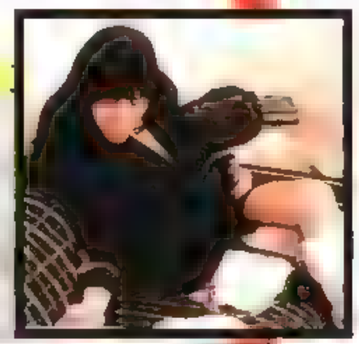
Estávamos a minutos do início do show para a gravação do CD ao vivo dos Novos Baianos, *Infinito Circular (leia crítica na seção Play)*. É o primeiro disco ao vivo deles e marca a reunião do grupo mais ripongo do Brasil quase vinte anos depois da separação (o último álbum – *Farol Da Barra* – é de 1978).

A excitação nos bastidores era sólida. Jornalistas faziam fila para entrevistar Moraes Moreira, Pepeu, Galvão, Baby e Paulinho Boca de Cantor. »

Esperteza nesse pedaço: Paulinho Boca *(foto maior)*, Baby, Pepeu, Galvão e Moraes estão na zona limada e brincando como nos velhos tempos

"Eu e o Pepeu organizamos o som da banda. Tamos catando caquinhos de neurônio pra lembrar de tudo." Moraes Moreira

Moraes e Pepeu: batendo bola



Baianadas nos camarins: Pepeu, à esquerda, tomando porre de cafezinho; à direita, Galvão arruma o telhado, Paulinho Boca segura o riso [illegible] feliz". Enquanto isso, Baby, gostosona, anota recado (será do João?). Abaixo: Pepeu, Paulinho, Moraes, Galvão e Baby, versão anos 70, um jeito ripongo de ser

A culpa é da Marisa Monte, namorada de Davi, filho de Moraes. "Tudo começou com Marisa chamando atenção pra Novos Baianos", diz Galvão. Ele se refere ao vídeo *Barulhinho Bom*, do ano passado, em que Marisa teve Baianos entre os convidados, esclarecendo ao respeitável público que eles são uma de suas referências favoritas. A nova geração captou a mensagem e partiu para fazer a cabeça com *Acabou Chorare*, o disco fundamental do grupo.

A consagração veio em fevereiro, quando 44 dos mais importantes críticos de música do país elegeram via SHOWBIZZ, *Acabou Chorare* o segundo melhor disco da história do pop-rock brasileiro, atrás apenas de *Cabeça Dinossauro*, dos Titãs.

Depois Galvão lançou o livro *Anos 70 E Os Novos Baianos*, em abril. Os Novos Baianos se juntaram na festa e numa *jam session*, pela primeira vez desde 1975.

Aí veio o show, já histórico, do festival Heineken Concerts para celebrar os 50 anos de Moraes Moreira. "Foi superimprovisado, mas quando tá todo mundo junto pinta uma energia diferente", lembra Baby. Juntos no palco, os Novos Baianos tiraram a platéia das cadeiras, botando todo mundo pra dançar.

As críticas incensaram o show e as gravadoras Som Livre e PolyGram, por meio do selo Globo-Polydor, botaram a grana na mesa. O contrato foi assinado.

Os Novos Baianos renascem para lançar um disco ao vivo e fazer uma miniturnê. Um presente para os velhos fãs? Também, mas o alvo é mais jovem.

Metido num paletó preto e botas de caubói tipo jovem Guarda, Paulinho Boca de Cantor acha que "a garotada se interessou pela nossa mensagem. Nos anos 70, o cara ia pra casa depois do show levando alguma coisa na cabeça. Não rola muito isso hoje em dia". Galvão faz coro: "Quando o John Lennon morreu, a Era de Aquário deu um tempo. Agora tá tudo voltando com essa nova geração, esses neo-hippies que nem, conheceram Baby e Pepeu".

No camarim, Moraes Moreira tirou os óculos escuros, olhou nos olhos do repórter e sorriu feito criança. "Tô feliz cara, tô feliz... E um momento bonito nosso e a gente tem mais é que estar com o coração aberto pra deixar essa energia passar".

Em menos de quinze dias, os Novos baianos compuseram nove músicas inéditas e reaprenderam a tocar canções que não tocavam ha anos. Foram duas semanas de viradas, com a turma saindo do estúdio de Moraes de manhã. Era como nos velhos tempos. Ou quase.

Eles ficaram famosos nos anos 70 não só pelas músicas que faziam. Também viviam às últimas conseqüências os sonhos ripongos. Moravam juntos no sítio de Vargem Grande, no Rio, fumava-se muito baseado e trabalhavam para a 'comunidade". Foram fundo na contracultura da geração paz e amor.

Na hora de tocar junto de novo, Moraes Moreira disse que "não perdeu a intimidade. Eu e Pepeu temos a responsabilidade de organizar a banda, de bater aquela bola e passar tranquilidade pra rapaziada, porque é muita coisa nova, muita harmonia nova. A gente tá tendo de catar os caquinhos de neurônio pra lembrar de tudo (*risos*)".

E o nome do disco *Infinito Circular*? Vai Baby: "É a espiral. Quando você tá na espiral você volta, mas é para o futuro. Enquanto isso a gente fica circulando no infinito". Entendeu? Segue, Baby: "Coincidência é a palavra que Deus escolheu pra não assinar embaixo. A palavra vida contém 'ida' e também tem o 'v' de vitória e de volta. Você pode voltar quantas vezes precisar, porque isso aqui é uma faculdade. Eu não acredito na morte".

O show vai começar. É tanta viagem que parece que o tempo não passou. Ficou pitando com o padrinho João Gilberto. E os Novos Baianos estão de volta como se nunca tivessem ido embora.

Peter Hook

recicla o som do New Order no Monaco, sua novíssima cartada ultrapop

por SÉRGIO MARTINS

Você liga o rádio e ouve uma melodia familiar: um "sha la la" acompanhado daquele baixo inconfundivelmente palhetado do New Order. E imagina Peter Hook com o instrumento nos joelhos em posição de ataque. Aí vem o locutor e frustra suas expectativas anunciando que aquela música é do... Monaco? Que diabo é isso?

Calma. Monaco é o projeto solo de Hook ao lado do guitarrista David Potts – um ex-assistente de estúdio que o baixista conheceu quando montou o Revenge, em 1991. As descaradas semelhanças entre a banda e o New Order – presentes em "What Do You Want From Me", a tal música da rádio, e nas outras faixas de *Music For Pleasure*, CD de estreia do Monaco – saltam aos ouvidos. Mas Hook tem um discurso pronto para as inevitáveis comparações entre as bandas. "Eu fiquei preocupado em não fazer algo parecido com o New Order", explica ele, pelo telefone, de algum ponto dos EUA (o próprio Hook não soube dizer qual), durante a primeira turnê promocional do Monaco. "Porém, se existe algo que eu faço legal é tocar baixo à minha maneira – e compor canções no estilo da minha banda titular. Prefiro usar essa habilidade a meu favor."

Hook desce a lenha na concorrência do britpop atual com a mesma delicadeza com que castiga seu instrumento. "Acho tudo uma porcaria. OK, mas o disco do Monaco tem algumas modernidades: trip hop, drum n bass... Eu costumo ouvir a rádio Kiss FM, em Londres, que toca coisas nesse estilo", retruca, ciente de que influenciou a maioria das bandas techno atuais, além de alguns nomes mais antigos e graúdos. "Até a minha mãe sacou que 'In Between Days', do Cure, chupava descaradamente 'Dreams Never End', do New Order. Quando a música saiu, eu estava no rádio e me ligou para avisar", lembra Hook.

O Oasis, autoproclamado "a melhor coisa desde os Beatles", ele destroça sem dó. **"Aquele menino, Noel, é até legal. Ele foi faxineiro do Hacienda e vivia paparicando a gente."** O extinto Hacienda era o clube/QG do New Order em Manchester, o balaio-de-ensaio onde nasceu a cultura do ecstasy (em torno da qual gravitam acid house, techno e outros ritmos).

Peter adianta que o New Order não pendurou as chuteiras, apesar de não ver Bernard Sumner, Gillian Gilbert e Stephen Morris há tempos. "Está para sair um single de 'Video 536' (canção do álbum *Power, Corruption & Lies*, lançado originalmente em 1983). Mas é uma música antiga, ninguém se juntou para fazer isso, nem temos projetos de reunião em vista."

O que o baixista prefere é trabalhar o Monaco, no qual manda e desmanda ao lado do guitarrista David Potts. "O New Order usava apenas 25% da minha capacidade de criação. No novo projeto, eu divido a autoria de tudo com David. Temos influências musicais diferentes, o que ajuda bastante." Ele cita como exemplo o processo de criação de "What Do You Want From Me" – cujo clipe, em que Hook e Potts aparecem num cassino, foi inspirado nos filmes de James Bond. "A linha de baixo é minha. David apareceu com o 'sha la la', tirado de algum disco dos Small Faces."

Peter Hook esteve duas vezes no Brasil – a primeira em 1988, com o New Order; a segunda, em 1991, com o Revenge. Em entrevista à BIZZ, publicada na edição de janeiro de 1989, ele havia declarado gostar de... Enya. "Eu disse isso? Só podia estar brincando! Se algum fã do New Order comprou disco dela por minha causa, peço desculpas. Enya é muito chato!"

Beatles, Jimmy Page, John Paul Jones, Brian Jones, Jeff Beck, Beck, Dave Navarro... Dos anos 60 aos 90, todo mundo aprendeu a gostar de Donovan

ele encontrado

por PEDRO SÓ

Ele costumava ter Jeff Beck, John Paul Jones e Jimmy Page para servi-lo no estúdio, a seu bel-prazer. Criou o filho de Brian Jones, Julian, como se fosse seu. Nos anos 60, foi com os Beatles para a Índia fumar maconha e meditar, sob a chancela do Maharishi Mahesh Yogi. Nos anos 90, excursionou junto com os Happy Mondays de Shaun Ryder (hoje no Black Grape), maluco que vem a ser seu genro. A história do rock se confunde com a biografia de Donovan, um escocês que fez fama como "a resposta britânica a Bob Dylan" e se transformou em símbolo da era hippie. São dele clássicos como "Catch The Wind", "Sunshine Superman", "Hurdy Gurdy Man" (arranjado por John Paul Jones, e tocado pelo próprio, com Jimmy Page, John Bonham e o guitarrista Allan Holdsworth) e "Mellow Yellow", homenageada por Beck no título do álbum *Mellow Gold*, de 1994.

Provando que seu talento transcende eras, Donovan está de volta com um álbum inspirado, *Sutras*, que traz o *chili pepper* Dave Navarro burilando sutilezas em instrumentos como cítara elétrica, mellotron e piano. »

Jeff Beck e Jimmy Page eram garotos quando tocaram nos primeiros discos de Donovan. Shaun Ryder e os Happy Mondays excursionaram com ele. "Maluco é tudo igual!"

A gente só vê esses caras [illegible] nem imagina que eles tocam tudo isso", conta o simpático [illegible] da Irlanda. Ele aponta a principal diferença entre os [illegible] de hoje. Quando Jeff Beck e Jimmy Page [illegible] com nos meus discos, eram garotos. Faziam o que a gente pedia. Hoje qualquer músico [illegible] Los Angeles [illegible] Tem advogado, hoteleiro, assessor. De qualquer modo, ele é todo elogios para o [illegible] Dave [illegible] Beaumont [illegible] Hammond [illegible] mais importante ainda [illegible] também [illegible] Danny Thompson, ao baixo [illegible] Nigel Kennedy [illegible] [illegible] Edgar Allan Poe. E é esta com [illegible] para uma [illegible] elétrico que é uma coisa.

Quem idealizou a volta de Donovan foi o produtor Rick Rubin, responsável por trabalhos revolucionários de Beastie Boys e Slayer na década passada. Refere-se [illegible] que fazem pouco para o bardo. "Os anos 80 passaram [illegible] eu nem senti. Quando me perguntam o que eu fiz na [illegible] década nem sei bem o que responder.

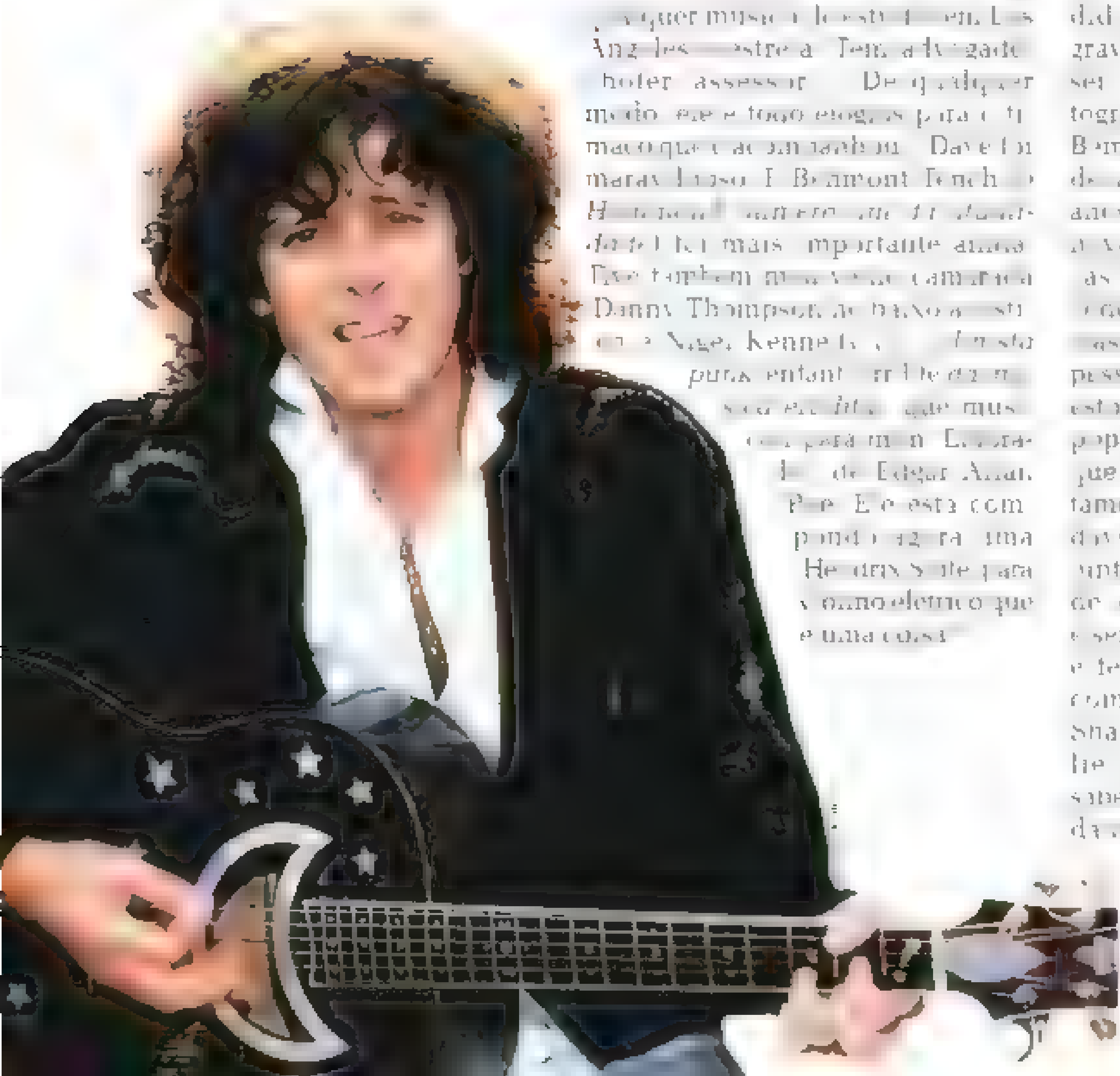
[illegible] Grace Slick, do Jefferson Starship [illegible] disse que 'se você se lembra dos anos 60, é porque não estava lá'. [illegible] Donovan ri. "Não é o caso. Não foi esse. Fiz nove discos na década de 70, nenhum [illegible] sucedido quanto os anteriores. Já tinha gravado mais de vinte álbuns, pensei: Chega! Fui fazer pintura, fotografia, escrever contos. E agora [illegible] anos 90 são o meu tipo de [illegible] ouvindo os anos 60. Entre 1993 e 1996, Donovan [illegible] mais de 100 músicas. [illegible] para fazer um [illegible] mais rock [illegible] meio [illegible]. O R[illegible] Sutras [illegible] Mas já estou trabalhando no próximo bem pop." O [illegible] de Shaun Ryder diz que não se chocou com o comportamento [illegible] dos Happy Mondays durante a turnê que fizeram juntos. "[illegible] não tinha [illegible] era como nos anos 60. Maluco é sempre igual. A gente se [illegible] e festejava até tarde. E eu estava com minha filha [illegible] Oriole [illegible] com Shaun. Eles têm uma filhinha [illegible] bem perto de mim [illegible]" Foram os últimos suspiros da [illegible] Donovan. "Há três anos não fumo nem bebo. Como George Harrison, Eric Clapton, os caras da minha geração... Está todo mundo ficando careta. Como diria meu genro: '*It's great when you're straight*' [illegible] *careta, título do álbum do Black Grape*).

[illegible] por budismo desde que leu os beatniks quando adolescente, ele medita todos os dias. "Os cogumelos e a maconha eram só parte das respostas que buscávamos. Fui em busca de minhas raízes de trovador celta e baseado em várias leituras hoje sigo um budismo celta." Em *Sutras*, há uma adaptação de um cântico do guru Sai Baba. "Bom, isso foi coisa do Rick. Era uma melodia bonita e ele me pediu para fazer letra em inglês. Em sânscrito, o som parecia com '*it's a high, it's a high*' (é uma onda, é uma onda!) (risos). Fui em frente por aí."

Apesar da irreverência, Donovan até hoje respeita o Maharishi Mahesh Yogi, acusado de elevar algo além do espírito durante as sessões de meditação com jovens fiéis. "John Lennon foi quem levantou essa história. Mas eu e George Harrison não acreditamos. Acho que foi tudo intriga de um amigo de John, Magic Alex. **O que eu posso garantir é que, nas vezes em que estive meditando com o Maharishi, ele nunca me pediu para tirar o sutiã."**

Donovan tem um filho americano que canta no grupo de glam rock Nancy Boy e que usa o nome artístico Donovan Leitch. "Eu só fui conhecê-lo há uns sete anos", conta o pai. "Ele tem uma relação muito maior com um cara de quem em breve iremos ouvir falar: Julian, filho de Brian Jones com Linda Lawrence, mulher de Donovan (minha musa, como ele prefere). Meu filho postiço mora aqui pertinho. Faz world music, rock, reggae. Adora *roots*, igual ao pai dele. Julian tem 34 anos e está começando agora, sem pressa. Assim que o disco dele sair, devemos lançar também um vídeo com o show que fizemos no Marquee, em Londres, em homenagem a Brian Jones (*nos 25 anos de sua morte, em 1994*). Muita gente boa participou: Paul Jones (*voz do Manfred Mann Band*), Noel Redding (*baixista de Hendrix*), Phil May (*cantor dos Pretty Things*) (*e desafia a cantarolar* Rosalyn, *hit do grupo britânico dos anos 60*).

Rodando pelos EUA, Austrália e Europa, ele espera vir ao Brasil no final zinho do ano. "É fácil me trazer: um cara, uma guitarra, trovador", propagandeia. Que os promotores de shows nos ouçam: Donovan é muito legal.



O trovador quer tocar no Brasil no fim deste ano

À direita, Shaun Ryder, do Black Grape, com sua esposa, Oriole, filha de Donovan; abaixo, o trovador na Índia, com os Beatles, o controverso Maharishi e a atriz Mia Farrow

Ótimo
Bom
Regular
Ruim
Importado

Quicando pra tudo que é lado

Billie Joe, Tre Cool e Mike Dirnt olham para várias direções

Qual a relevância deste *Nimrod*, quinto álbum do Green Day? Os mais velhos olham para Billie Joe e enxergam O Idiotinha, personagem dos primeiros números do jornal *O Planeta Diário*, em versão punk. A garotada escuta e sai quicando, dançando... É praticamente uma questão hormonal...

Com disposição, porém, a idade vira detalhe. Quase qualquer um pode se deixar levar pela música espevitada, docinha e cartoonesca do trio americano. Ele vem agora com uma pérola de new wave reciclada, "Uptight". Está gravando até instrumental de surf music (a chocha "Last Ride In") e balada acústica com arranjo de cordas e gosto duvidoso ("Good Riddance"). Billie Joe toca gaitinha em "Walking Alone", "King For A Day" tem os metais do No Doubt, "Hitchin' A Ride" foi definida por Billie Joe como "mistura de Stray Cats com Cab Calloway".

Mas o Green Day ainda sabe ser despretensiosamente apenas ele mesmo. Num mundo do rock do qual o autoproclamado rei é o Oasis, originalidade deve ser urgentemente estabelecida como moeda forte. E aí é preciso reconhecer que, mesmo sem ser novo, o grupo de Billie Joe forjou uma assinatura pessoal. O último álbum vendeu muito menos que *Dookie*. Se fosse todo na linha da ortodoxia punk de "Nice Guys Finish Last" e "The Grouch", este aqui, *Nimrod*, venderia ainda menos e divertiria mais. De qualquer maneira, vale pelo sacode.

PEDRO SÓ

GREEN DAY
Nimrod
WEA

FLEETWOOD MAC
The Dance
WEA/Reprise

Celebração do passado

● Está fazendo vinte anos que saiu *Rumours*, aquele disco do Fleetwood Mac que vendeu que nem sabonete e freqüenta a prateleira de gente como Courtney Love – que regravou "Gold Dust Woman". O clássico foi involuntariamente responsável pelo som de motel e pop baba que tomou conta das FMs por tantos anos.

O Mac se separou, voltou, lançou discos legais – poucos, e horrendos, a maioria – e parecia ter ficado no limbo das enciclopédias do rock. Agora Mick Fleetwood, Lindsey Buckingham, John McVie, Christine McVie e Stevie Nicks – a formação clássica do Mac – voltam com este novo disco que não pretende ser nada mais do que a celebração de um passado glorioso não muito distante. *Rumours* é citado até dizer chega, na capa ou nas canções. *The Dance* traz dezessete faixas, sendo que a maioria são releituras de velhos clássicos feitas de uma forma mais despojada, mas muito pouco diferente das versões originais.

O interessante em ouvir de novo músicas como "Tusk", "Riannon", "Don't Stop" – adotada como hino de campanha à Presidência de Bill Clinton, em 1992 – e "Dreams" é perceber como em vinte anos o chamado "pop adulto" parece não ter mais lugar num universo pop cada vez mais nervoso, caótico e perigoso.

Apenas quatro das músicas são novas e soam como obrigação contratual. É interessante ver que o Fleetwood Mac pretende ser ouvido novamente. O problema – para eles – é saber por quem.

PAULO CAVALCANTI

SUICIDAL TENDENCIES
Prime Cuts
Epic/Sony Music

Tendências burocráticas

● Mike Muir [illegible] "Berzerk" e "Feeding The Addiction" [illegible] [illegible] no irmão de Mike Muir – que [illegible] Hoje, vendo um Suicidal Tendencies burocrá[illegible] [illegible]

RICARDO DIAS

ELZA SOARES
Trajetória
Universal

Saliência necessária

● Divisões embaladoras como o Mario que [illegible] mais dela do [illegible] valorizando sílabas e malícias. A voz fenomenal, técnica nesse perfeita. Se alguém [illegible] no Brasil, é ela. É Elza.

A cantora voltou traçando um repertório selecionado com rara inteligência pelo produtor José Milton. Com majestade [illegible] subúrbio, os fundos-de-quintal [illegible] "Liberdade Para Amar", [illegible] "Lá No Alto Da [illegible]" e "Sinhá Manda" [illegible] dueto com [illegible] Zeca Pagodinho [illegible] "Bom Dia" [illegible] "Chuvas de Verão" [illegible] Elza [illegible] Aparadas nos [illegible] trombonista Vittor Santos e Jorge [illegible] cordas [illegible] "Meu Guri", de Chico Buarque, em Kurt Weill puro! Elza Soares é tão maravilhosa que deve ser obrigada a gravar três discos por ano.

PEDRO SÓ

MARY J. BLIGE
Share My World
MCA/Universal Music

Banho de loja musical

● Eis uma *My Fair Lady* [illegible] Mary J. Blige [illegible] Sean "Puff Daddy" Combs [illegible] primeiros discos de Mary [illegible] *What's The 411?* e *My Life* [illegible] setores da imprensa mundial – inclusive a modelo Veronica Webb, que por pouco não tomou uns sopapos.

As referências [illegible] por Mary J. [illegible] bilheteria [illegible] qualquer gravadora [illegible] George Benson [illegible] Nathan East da banda de Eric Clapton [illegible] "Love Is All We Need" e "Natural Woman (You Make Me Feel Like [illegible])", esta última clássico de autoria de Carole King, eternizada por Aretha Franklin.

[illegible]

Realismo em cadeia

Pavilhão manda bronca nas canções de Cadeia Nacional

[illegible]

Bendita esquisitice

Yva Las Vegas e Krist Novoselic: estranho casal (que não é casal, claro)

Dave Grohl tinha razão quando definiu o som do novo trabalho do amigo e ex-parceiro no Nirvana Krist Novoselic como "diferente e esquisitao". *Sweet 75*, o primeiro disco do baixista (agora também tocando guitarra de doze cordas) desde o fim do Nirvana, é estranho pra cacete! Deliciosamente estranho. A gravadora tenta defini-lo como um híbrido musical que mistura rock com música latina, jazz, folk e punk, um crítico de Seattle mandou um "lounge grunge" (grunge de salao). Mas nao se deixe levar por rotulos. *Sweet 75* é pop acima de qualquer coisa. Traz, sim, um monte de influências bacanas, distribuídas ao longo de cançoes muito bem temperadas com paradas subitas, convençoes malucas e arranjos inusitados. É essa a grande maluquice do álbum. Como sao as cançoes? Empolgantes, na sua maioria. "La Vida", cantada em espanhol, explicita a ascendência venezuelana da vocalista Yva Las Vegas e é o grande destaque do CD. Com melodia deliciosa, linha de baixo matadora (aliás, Krist mostra evolução ao instrumento, fazendo até sofisticadas firulas) e um show do naipe de metais, a musica sintetiza todas as referências citadas antes. Como dá para perceber, *Sweet 75* não tem nada a ver com o Nirvana. ROBERT HALFOUN

SWEET 75
Sweet 75
Universal

STEVE JAMES
Art And Grit
Eldorado

Perola descoberta

As perolas aparecem nos lugares [illegible] se espera. Blues não é mais o tipo de musica que se possa querer que resulte em algo novo e bom. Mas *Art And Grit*, gravado no Texas, é um desses raros álbuns de blues calcado no tradicional que faz calar o bico dos detratores.

Steve James é um musico (branco) de Nova York, compositor, cantor e guitarrista com competência para [illegible] [illegible] pelas varias vertentes do blues tra[illegible] [illegible] com outras [illegible] [illegible] country, boogie, bluegrass e [illegible] com extrema maestria chega a ser [illegible] [illegible] sem acreditar que tanta inspiração e virtuosismo venham a caber num so album.

Agora, vamos aguardar que os [illegible] do blues exijam que o mala do Eric Clapton pendure a guitarra e vá gozar sua merecida aposentadoria. RENÉ FERRI

PAULO BRAGANÇA
Amai
Luaka Bop/WEA

Lisboa via Nova York

Você [illegible] Roberto Leal [illegible] [illegible] a entender os meandros da musica portuguesa é *Amai*, do [illegible] Paulo Bragança.

O disco [illegible] a tradição musical europeia, os valores portugueses (o mar, a saudade, o destino) e uma linguagem atual. "January Night Full Moon" traz um lindo cravo, "Sorrow's Child" [illegible] medieval [illegible] voz de Paulo Bragança. Em "The Spirit Of the Flesh", Bragança [illegible] sobre guitarras portu[illegible] [illegible] de James Brown.

A [illegible] [illegible] Rosa [illegible] do Luaka Bop [illegible] de David Byrne [illegible] dessa maneira. Paulo Bragança é o mais [illegible] [illegible] disco de Beck.

BRUNO ZENI

PAUL WELLER
Heavy Soul
Go Discs/PolyGram

Geniozinho sem rumo

[illegible] Paul Weller [illegible] [illegible] pop [illegible] que a gente [illegible] [illegible] desse *Heavy Soul* [illegible] [illegible] perdão pela recom[illegible] Jam e Paul Weller.

O [illegible] sensacional The Jam [illegible] [illegible] pelo oceano punk [illegible] o grupo [illegible] jazz [illegible] bossa nova Style Council ao lado de Mick Talbot e lançou alguns discos individuais bem legais – a banda de apoio do cantor se transformou no Ocean Colour Scene, uma das melhores novidades do rock inglês. Agora que ele ganhou mais espaço na midia com a [illegible] de seus fãs mais famosos, Noel & Liam Gallagher, do Oasis, Paul Weller perpetrou um [illegible]

Heavy Soul [illegible] para todos os lados [illegible] [illegible] experimentalismo [illegible] Weller parece ter [illegible] [illegible] [illegible] desde Van Morrison e o pop FM de grupos como INXS. *Heavy Soul* [illegible] [illegible] THALES DE MENEZES

DAUDE
 # 2
Natasha Records

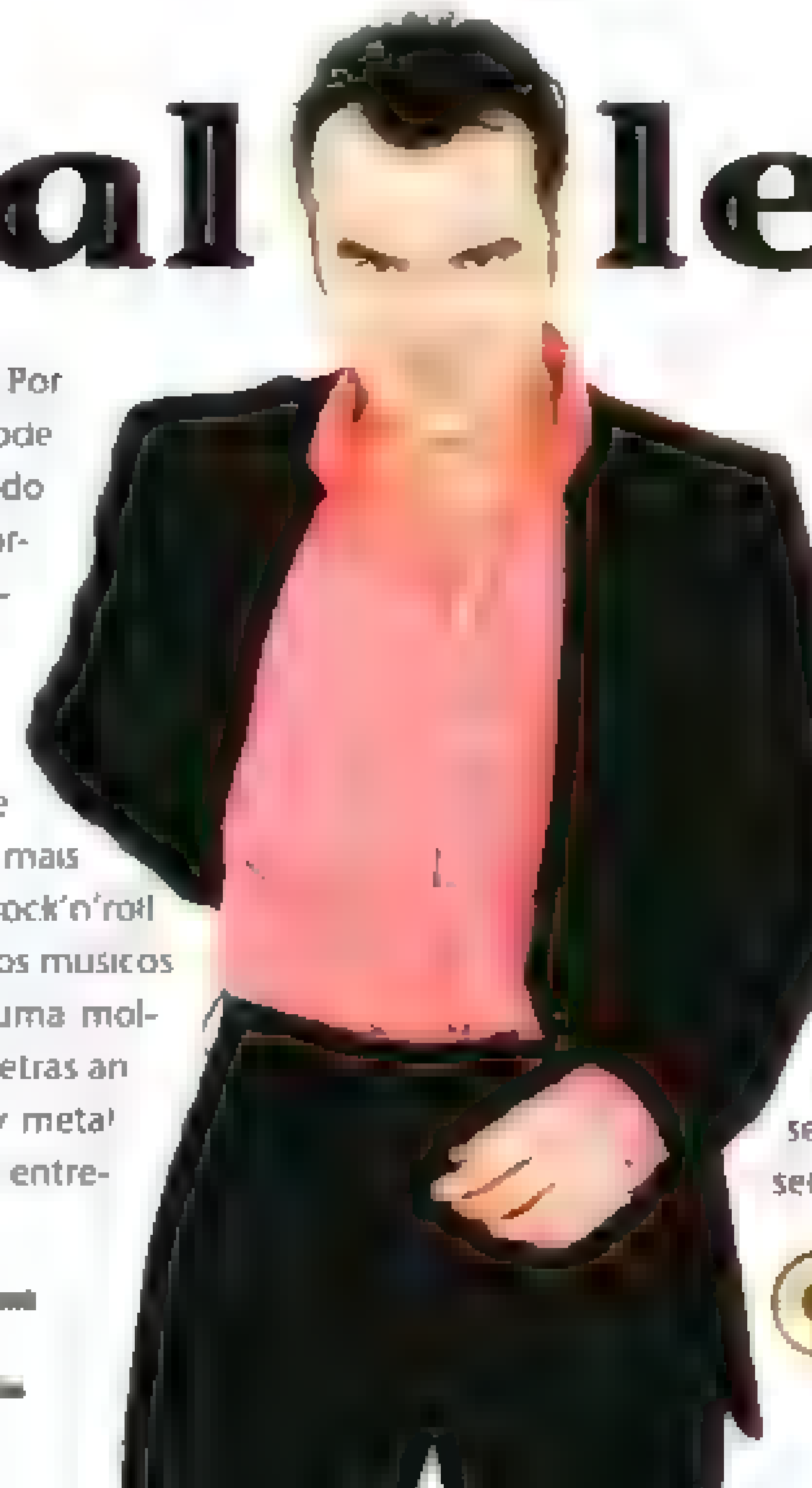
Pop exportação com identidade

[illegible] de [illegible] do pop [illegible] # 2 [illegible] Daude [illegible] [illegible] primeiro album [illegible] # 2 [illegible] net Hemp, Fernanda Abreu [illegible] [illegible] falando à MPB [illegible]

A ordem é explorar as possibilidades que o pop de qualquer fronteira ou passaporte possa oferecer [illegible] drum n' bass e new bossa, talvez fruto da produção de Will Mowat, do Soul II Soul, mas sem nunca [illegible] [illegible] Daude de tocar [illegible] quando [illegible] samba [illegible] de Dona Ivone Lara [illegible] Nelson Sargento [illegible] As Baratas [illegible] [illegible] Quando [illegible] [illegible] "Para Para" [illegible] sucesso da [illegible] Miriam Makeba [illegible] sem tropeços [illegible] a MPB [illegible]

PEDRO ALEXANDRE SANCHES

Metal leve



Morrissey confirma a fama de melhor poeta rock [illegible]

"Satã rejeitou a minha alma/ Por mais baixo que ele seja/ Ele não pode descer tanto." É, parece que o bardo de Manchester voltou em plena forma. E, como sempre, Morrissey detona reações de amor e odio. Os boçais de plantão vão chamá-lo mais uma vez de tia ou viuva de Johnny Marr. Quem tiver a chance de ouvir *Maladjusted* vai aclamá-lo mais uma vez como o grande poeta rock'n'roll das últimas duas decadas. Os novos musicos recrutados por Morrissey fazem uma moldura sonora mais pesada para as letras angustiadas. Não chega a ser heavy metal como o próprio cantor disse numa entrevista à imprensa britânica, mas ate que ele se esforça. A voz está soando mais forte, plena, para conseguir destaque em meio as várias pistas de guitarras de algumas faixas. Mas é na força das palavras que o cantor preserva seu lugar no panteão pop. Cançoes como "Trouble Loves Me", "Wide To Receive" e a poderosa faixa-título estão aí para provar que Morrissey continua achando o mundo lá fora um lugar muito estranho para viver a vida. Seu canto inconformado vai continuar batendo forte na alma desses jovens fãs, tão desajustados quanto seu ídolo. THALES DE MENEZES

MORRISSEY
Maladjusted
Mercury/PolyGram

Ron Sexsmith cria melodias da melhor escola Brian Wilson

Simples e genial

Sem exagero, sem *hype* (para usar [illegible] termo do jornalismo empatado), há um de [illegible] surgindo na música pop. Ele não trabalha com loops, samplers nem sequenciadores, não é virtuose em instrumento algum, não faz fusão de ritmos, nem tampouco [illegible] bola em videoclipes. Ron Sexsmith [illegible] ção, usa as canções para contar [illegible] orias que surpreendem e sensibilizam.

Ao longo de *Other Songs*, seu segundo álbum, este canadense de 29 anos – cu[illegible] to de elebo [illegible] ase [illegible] mostra personalidade e uma voz [illegible] da, ainda que sem maiores extens[illegible].

Em baladas em sutil [illegible] discretos, a percussão tímida de Jerry Ma[illegible] olta, ocasionais trompete e clarineta, suas composições não são exatamente tristes. Mas pelo menos três faixas do disco são difíceis de ouvir sem sentir uma pontada no coração. Uma delas, "Strawberry Blonde", [illegible] baseada na tradição do melhor de Nashville, lembra uma coleguinha de escola primária [illegible] mãe bebia. Sem traumas, sem tragédia, na base dos meios-tons. "Average Joe", [illegible] expansiva [illegible] m uma melodia bonita como só Brian Wilson saberia [illegible] ar. A letra autode[illegible] u um desastre ambulante [illegible] acidente prestes a acontecer" – desemboca numa comovente imagem de felicidade: "Oh, eu vejo a luz da varanda da minha casa. Onde meu amor me espera [illegible] não temos muito, mas disso eu sei: você fez um rei deste zé-ninguém aqui".

Positivo aqui, sarcástico ali, Sexsmith sempre ouve em efeitos inesperados. Em outro grande momento, "April After All", ele constrói um *standard* temporão, nascido para ser cantado por Bing Crosby: "Mesmo a mais longa noite te leva à luz do dia. E sim, que maio leva a junho/ É assim que é [illegible] o a você". Ron Sexsmith vem para salvar a melodia e a poesia num mundo mus[illegible] corrompido por futilidade brut[illegible].

Pedro Só

RON SEXSMITH
Other Songs
Interscope

BRASIL PAVÃO
Republica Federativa Brasil Pavão
Primal/Velas

Acima da polêmica

● O que mais tem caracterizado esta banda revelada pelos Titãs (que gravaram "Eu Não Aguento") é a polêmica. Eles se chamam Tiroteio, mas como já havia um outro grupo com o mesmo nome, travam batalha para não ter de virar Brasil Pavão. Bobagem.

O que vale aqui é que este é um grupo de qualidade muito superior a tudo que se tem ouvido por aí. Adotando um modelo que oscila entre *mangue beat* e Moleque De Rua, os oito rapazes praticam um som preocupado com questões sociais. Não, isso não significa cabecismo nem chatice. Eles zombam das mazelas nacionais com base suficientemente consistente (o que os diferencia de muito rapper por aí), e só derrapam mesmo quando caem na síndrome do saxofone maluco à moda Skank/Paralamas. E viva a percussão!

Pedro Alexandre Sanches

ZIGGY MARLEY & THE MELODY MAKERS
Fallen Is Babylon
Elektra/WEA

Cada vez mais longe de Bob

● Algo em nós está pronto para azedar quando surge o filho do superstar orbitando nas superstâncias. É mais [illegible] crer acreditar que esses meninos pobres moços nunca sabem [illegible] quanto seus pais. Mas Ziggy Marley, Stephen, Cedella e Sharon a gente precisa ouvir de alma lavada. Eles [illegible] e [illegible] tem uma banda de pr[illegible] [illegible] encher o saco com baladas.

O grupo está fazendo um [illegible] moderno, com influência [illegible] em [illegible] mais da Jamaica. Claro, eles não têm as palavras [illegible] e geniais do velho, mas em qualquer um, hoje, aquelas [illegible] tipo "derrubar a Babilônia" soam *déjà vu*. Destaque também para "Brotherly Sisterly Love". Posto [illegible] a [illegible] faixa-título pesada. Nas quatorze faixas, a arte incomparável de Earl "Chinna" Smith, guitarrista número [illegible] do reggae. Em "Jah Bless", a linha de baixo copia [illegible] do [illegible] *ruler* Aston Barrett descaradamente. [illegible] *Otavio Rodrigues*

VARIOS
Altered States
Solid State/Vital

Pague dois e ouça um

● A idéia é boa [illegible] o D[illegible] plo de *drum'n'bass* & *rock*. O resultado é ainda [illegible] atual cena pop inglesa. Está todo mundo aqui, de Chemical Brothers e seus [illegible] Propellerheads, Fat Boy Slim) aos pretendentes ao posto de Portishead de 1997 (Moloko, Lamb, Sneaker Pimps), passando pelos típicos grupos ingleses (Pulp, Bou Radleys). O disco um é melhor: tem 18 Wheeler, Travis Bickle e o ótimo Propellerheads. No segundo CD, [illegible] -se os remixes de Photek para o Therapy? e o Depth Charge mexendo em "Planet Telex", do Radiohead. O destaque é Monkey Mafia, cria do DJ Jon Carter. Compondo "Work Mi Body" [illegible] sandice "E[illegible]" de Saint Etienne), o cara é um arraso. Olho nele.

Jefferson Kiyohara

MACHINE HEAD
The More Things Change...
Roadrunner

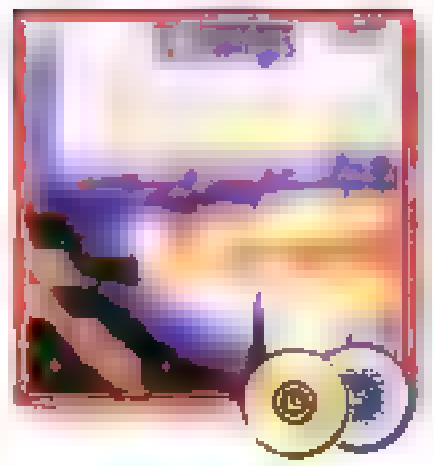
Promessa sem evolução

● O Machine Head tem todos os requisitos [illegible] peso, honestidade – para ser uma das maiores bandas de metal da atualidade. O grupo liderado pelo guitarrista e vocalista Robb Flynn [illegible] brutal *Burn My Eyes* (1994) e foi logo incensado pela crítica.

Seu segundo álbum, *The More Things Change...*, segue a mesma linha. O disco tem pancadas certeiras como a faixa de abertura "Ten Ton Hammer" [illegible] neurótica "Struck A Nerve". Às vezes a brutalidade e sadismo [illegible] Machine Head [illegible] gem o ápice, como na câmara de horrores denominada "Blood for Blood" [illegible] de longe [illegible] faixa do disco.

The More Things Change... [illegible] um problema: mesmo [illegible] dando três anos de labuta para fazer um álbum, a banda cometeu canções fracas como "Violate" e "Take My Scars". E o que é pior: não evoluiu um milímetro em termos musicais. Ou seja, continua sendo apenas uma boa promessa.

Ivan Mizuno



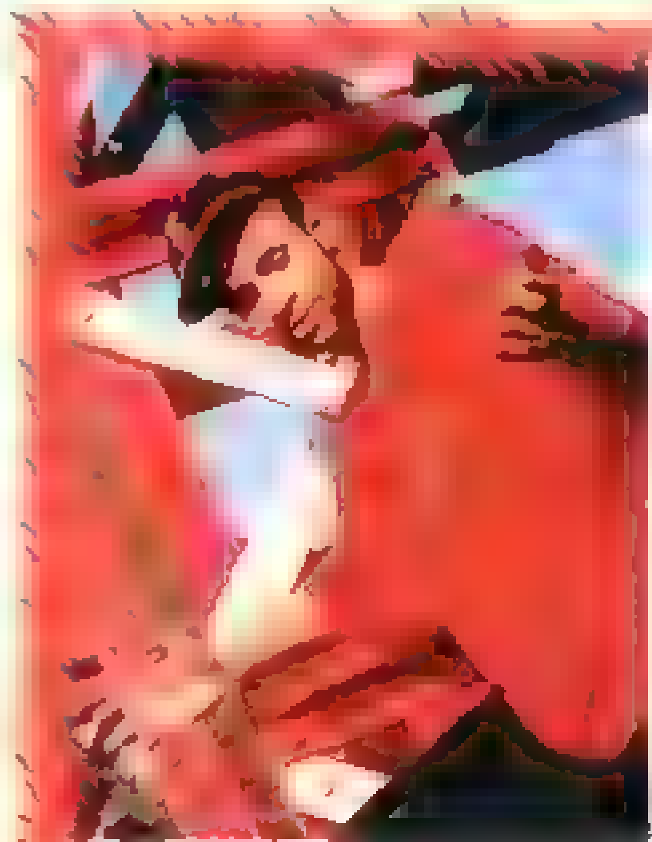
MOUSE ON MARS
Autoditacker
Too Pure

O espírito do Kraftwerk

● Para quem persegue o pop eletrônico [illegible] para sair do [illegible] estar, nada melhor que o Mouse On Mars, definido pelo tablóide inglês *NME* como "o Kraftwerk dos anos 90". Formado por Andi Toma e Jan St. Werner, o nome era [illegible] grande Geheimtip – ou idéia secreta – da Alemanha [illegible]. Até o dia em que seu [illegible] álbum *[illegible]* despontou em várias listas dos melhores de 1995, sendo descoberto pela comunidade tecno e por bandas como Stereolab e High Llamas.

Em *Autoditacker*, o duo, como se possuído pelo espírito dos mestres Ralf & Florian (Kraftwerk), ent[illegible] [illegible] estrada sem olhar para os lados. É como se [illegible] Andi e Jan brincam com samplers, sintetizadores, processadores e toda espécie de quinquilharia digital. Gravam, filtram, distorcem, desafinam e regravam. Repetem o processo um sem-número de vezes, com a paciência de um tapeceiro persa, e fazem um pop abstrato de contornos borrados e cores [illegible]. Aqui [illegible] do [illegible] Kraftwerk [illegible] Wolfgang Flür no projeto Yamo) e do crasso humor alemão. É um enigma instrumental, com apenas um vocal (feito por Laetitia, do Stereolab), encantador e que indica [illegible] de [illegible] experi[illegible] música pop – e que você não vai querer parar de ouvir.

Thomas Pappon



Shaggy foge das obviedades do reggae gravando Janis Joplin e resgatando uma pérola do mestre Bob Marley

Elemento surpresa

Shaggy é imprevisível. Quando estourou em 1993 com a releitura *ragga* de "Oh Carolina", ele foi chamado pelos críticos de cantor de um sucesso só. Como resposta, lançou *Boombastic* (1995), que confirmou seu talento e encabeçou a lista de melhores do ano de várias revistas dedicadas ao gênero jamaicano. Agora está de volta com *Midnite Lover*, álbum produzido pelos bruxos digitais do quilate de Sly & Robbie e Sting. E mais uma vez ele não aposta no óbvio. Prefere a ladainha lenta e melodiosa ao *raggamuffin* de mil palavras por minuto praticado por seus conterrâneos; mostra o poder sacolejante de "Piece Of My Heart", sucesso na voz de Janis Joplin, e foge do Bob Marley tradicional ao regravar "Thank You Lord" – com a participação de Kimani, um dos trocentos filhos do homem. Shaggy é o elemento surpresa do reggae

SHAGGY
Midnite Lover
Virgin Records

Altos e baixos de um casamento

Deviam dar uma medalha para o executivo que deu sinal verde para a produção da trilha de *Spawn*, versão na telona do sombrio herói dos quadrinhos. A idéia não poderia ser mais oportuna: juntar uns papas do hard-rock com alguns gênios do tecno para parir as músicas mais inusitadas – e legais – do ano. O casamento dá certo quando Kirk Hammet coloca seus riffs mais animais à disposição do Orbital ("Satan"), na bela barulheira que resulta da união entre Silverchair e Vitro ("Spawn") e ainda em "One Man Army", quando Tom Morello, guitarrista do Rage Against The Machine, encontra os malucos do Prodigy. Por outro lado, os híbridos Korn/The Dust Brothers e Butthole Surfers/ Moby são decepcionantes. Mas a melhor coisa de *Spawn: The Album* é a releitura de "For Whom The Bell Tolls (The Irony Of It All)". O clássico do Metallica foi retorcido e violentado pelo insano DJ Spooky, e o resultado é algo que paira entre a heresia e a genialidade. No final, quem odeia tecno não vai mudar sua opinião etc... *Roberto Sadovski*

O feioso Spawn ganha uma trilha que mistura rock pesado com tecno

VARIOS
Spawn
Sony Music

NV HD625

A operação mais complicada do novo Vídeo Hi-Fi Panasonic: ligar.

Super Drive:

Facilidade
4 Key Program: muito fácil programar a gravação.

Praticidade
Intro Jet Scan localiza rapidamente trechos gravados.

Rapidez
82 segundos: a mais rapida rebobinagem.

E mais itens inteligentes e descomplicados:

- Som Hi Fi estereo/SAP
- Controle remoto multimarca
- Limpador automático das cabeças do video
- Cabeças de video de longa vida
- Sintonia automática imediata

Panasonic
MARCA MUNDIAL DE CONFIANÇA

AGORA NA INTERNET www.spidermusic.com.br
CD Singles Euro 14 80
Oasis- Stand by Me
Prodigy- Firestarter
CD's
CD Singles USA 10 80
CD's Nacionais

LONDON CALLING
CD's • VHS • LD's
TEL-FAX: (011) 223-5300

A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
• U2 • OASIS • BON JOVI • • CURE • SUEDE • PRODIGY • • SIOUXSIE • FLOYD • ZEPPELIN • E TODOS OS ESTILOS
ENVIAMOS PARA TODO PAIS
ACEITAMOS CARTAO
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA
LOJA 15 - CEP: 01041-000 - CENTRO SP

Goldie, atração do Free Jazz deste ano, tem seu disco *Timeless* lançado no Brasil

Welcome to the jungle!

Parafraseando Renato Russo, "os tambores da selva já começaram a rufar". E isso é apenas o começo. Restrito apenas a rádios piratas e enfumaçados clubes da Inglaterra, o jungle – *drum n bass* para os politicamente corretos – começa a pegar no Brasil. Virou vinheta de televisão, trilha incidental de premiação da MTV e atração do Free Jazz, que este ano recebe Goldie – um Pelé do gênero – e a turma do Metalheads.

É o próprio Goldie quem abre esse pacote, com *Timeless*. O disco já nasceu com status de clássico: combina a batucada digital do *drum n bass* com climas calmos (para não tocarmos na maldita palavra "viajantes") e bons vocais a cargo das deusas D. Charlemagne e Lorna Harris. O ex-noivo de Björk sabe jogar pesado ("Saint Angel" é uma porrada só), mas inova ao colocar melodias doces como "State Of Mind" e "Sensual".

O mesmo Metalheads que abrigou Goldie foi palco de Grooverider, capa das principais revistas do gênero. O DJ arrisca climas soturnos e bpms acima do permitido pelo seu cardiologista. *Presents The Prototype Years* reúne as melhores produções de Grooverider entre os anos de 1993 1994. Sacanções pesadas, a repetição e as esquisitices de "Dreams Of Heaven" farão você implorar pela entrada dos raios eletrônicos e "Silver Blade" tem a assinatura de Dillinja, outro DJ duca.

Para completar uma alternativa brasileira, *Jungle Mania* reúne os bambas do selo Moving Shadow, um dos melhores do gênero. Traz grooves federais a cargo de Omni Trio e Carlito e é uma excelente introdução aos mistérios do *drum n bass*. *Sérgio Martins*

GOLDIE
Timeless
Metalheads/PolyGram

GROOVERIDER
Presents The Prototype Years
Sony Music

VÁRIOS
Jungle Mania
Moving Shadow/Natasha

VÁRIOS
Kicks Joy Darkness
Rykodisc

Hey, Jack Kerouac!

Ler poesia em voz alta pode ser uma tarefa ingrata. Isso fica bem evidente nesse tributo ao *beatnik* mór Jack Kerouac, quarenta anos depois do lançamento do seu *On The Road*. Reunindo nomes que vão de Michael Stipe, Eddie Vedder e Steven Tyler a Matt Dillon e Johnny Depp, passando por John Cale e Patti Smith, entre muitos outros, o tributo é irregular como a própria obra do romancista e poeta. A exceção são as leituras dos colegas William Burroughs, Allen Ginsberg, Laurence Ferlinghetti e Hunter S. Thompson. Kerouac dá com extrema musicalidade, dando pausas, ênfases e mudanças bruscas, criando frases próximos aos do sax de Charlie Parker que ele venerava. E poucos conseguem reproduzir esse feeling. Ainda assim, o tributo é excelente como iniciativa e traz momentos ótimos, como as leituras de Lee Ranaldo, guitarrista do Sonic Youth, de Johnny Depp e do bardo Warren Zevon. *Daniel Benevides*

THE FRANK & WALTERS
Grand Parade
Fontana

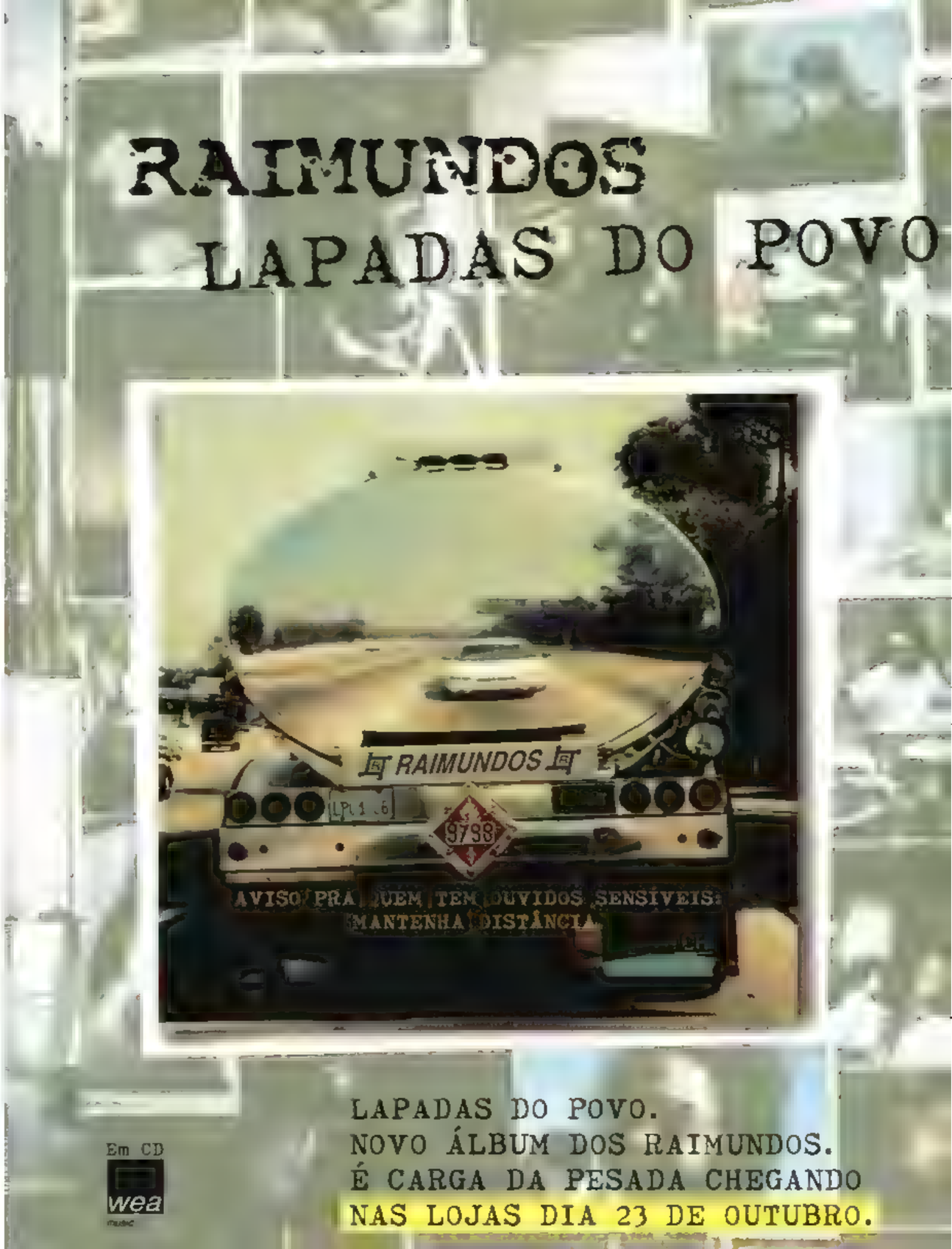
Turtles para os anos 90

O primeiro álbum desta adorável pequena grande banda é do final de 1992. O segundo, este aqui, saiu em agosto no Reino Unido. Fãs de Teenage Fanclub e de power pop irão se deliciar com as canções românticas e cheias de esperança criadas por esses três bons meninos. Eles são uma espécie de Turtles dos anos 90 – peça ao seu tio "roqueiro" para lhe mostrar "Happy Together" e você vai entender –, com vocais puros (calma, eles sempre alcançam a nota, ainda que com suspense). As guitarras nos melhores momentos lembram Smiths, os arranjos de cordas buscam um épico leve, e as letras têm a maior compaixão pelos solitários e perdedores. Nessa linha, "Russian Ship sobre [illegible] naufrágio da Mãe Rússia socialista é uma pérola. Adote essa banda. Nem que seja por peninha. *Pedro Só*

SPIRITUALIZED
Ladies And Gentlemen, We Are Floating On Space
Arista

Santo remédio do pau oco

Com este disco, o Spiritualized já garantiu o prêmio de melhor título do ano, bem como o de melhor embalagem – uma imitação de caixa de remédio, com o encarte em forma de bula. Jason Pierce (voz e guitarra) e Kate Radley (teclados), as figuras centrais do grupo, criam uma psicodélica colcha de retalhos retrô que inclui Beatles ("Come Together"), orquestrações absurdamente belas ("Broken Heart"), [illegible] ("No God Only Religion"), gospel ("Cool Waves"), solos de trompete (os 17 minutos de "Cop Shoot Cop") e por aí vai. *Ladies* [illegible] é um disco importante, um santo remédio contra a obviedade. E não precisa de receita. *Claudio Luis de Souza*

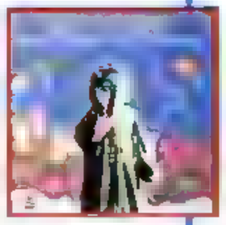


RÁPIDO & rasteiro

Prata nova de *indies* e pendentes na área. O **RAGNAROK** lança disco de estréia pelo selo carioca Tamborete. Impregnado das impressões digitais de Ronaldo Gino em sua estréia como produtor, o CD não poderia passar sem um certo acento Virna Lisi – ainda que por vezes lembre muito o rock dos anos 80 de, por exemplo, Ira! e Capital Inicial. Outro descendente do pop/rock mineiro, o **TIANASTACIA** usa o deboche como moeda corrente. **Acebolado** (Cogumelo) é, num momento, o rock mais determinado a ser enrol" de todo o oeste (casos de Lama", "Tá Virando O Mar"). Já no instante seguinte é hard convicto, desde criancinha (que o diga "Chá"), ou enfia pé nos cacoetes de meta, e ou forrockão ("Ta Virado O Mar"). O que não falta a *Acebolado* é tempero. Mas talvez fosse o caso de calibrar melhor os condimentos.

O terceiro filhote das Alterosas que dá a cara pra bater se chama **BARATAS TONTAS**. Seu **Nervos À Flor Da Pele** (Cogumelo) tem cheiro e cor bem definidos: *psychobilly* no melhor estilo cafajeste sem-culpa. Bem tocada de doer, essa estréia em disco mostra os reis do *cafabilly* à mineira endurecendo (ops!) rumo a temas vitais para o futuro da humanidade: vampiros, papa-defuntos, grilos assassinos, comedores de cerebros, tarados de oitava categoria.

Os santistas do **SOCIEDADE ARMADA** (Cogumelo) fincam o pé no princípio e nos princípios do punk. Os caras destilam sua ojeriza contra o sistema, no brado antialienação. São 29 recados, gritados com competência vocal e um paredão sonoro que não se viam desde os Inocentes.



Em **Uno Palmo D'Lacraya** (Tamborete), o **SEX NOISE** cruza *nonsense* e zoeira. Larry Antha esgoela-se como pode sobre letras desconexas e distorções a todo vapor ("Franzino Costela" e "Pré-Dingo") ou em lamúrias contra a sociedade como um todo ("Hi Society"), tipinhos em particular (caso da esquisóide "Face Of Umbrella"). Se não confundisse visceralidade com berreiro, o disco talvez fosse mais arrebatador, em especial pelas ótimas guitarras de Alex Dusky. Nada que um Prozac e uma professora (pega) de canto não providenciem. *ISRAEL DO VALE*

bolsa de discos

		Nasamecio Brito	Jaime Biaggio	Luis Antonio Giron	Marcelo Feria	Marcus Veras	Pedro Alexandre Sanches	Robert Halloun	Sérgio Martins	Telola	Zeca Camargo
8.4	PRIMAL SCREAM *Vanishing Point* Creation/Sony Music	10	9	9	9	5	8	9	9	7	9
7.7	WYCLEF JEAN *Presents The Carnival* Ruffhouse/Sony Music	10	6	5	9	4	10	6	9	8	10
7.2	NEIL YOUNG *The Year Of The Horse* Reprise/WEA	7	8	8	8	7	6	7	7	8	6
6.6	NOVOS BAIANOS *Infinito Circular* Globo/Polydor	7	•	8	8	7	6	5	7	•	5
6.2	OASIS *Be Here Now* Creation/Sony Music	7	7	7	6	4	3	9	8	5	6
5.8	CHARLIE BROWN JR. *Transpiração Continua Prolongada* Virgin Records	8	•	5	7	•	3	5	7	8	4
5.2	JEWEL *Pieces Of You* Atlantic/Continental	6	•	5	2	•	•	6	5	7	6
5.2	10,000 MANIACS *Love Among The Ruins* Geffen/Universal	5	7	5	5	6	5	5	5	4	5
5.0	RITA LEE *Santa Rita De Sampa* Polydor	6	•	0	•	6	6	4	5	6	7
4.6	[illegible] *Blurring The Edges* Epic/SONY	6	5	4	•	•	2	6	4	4	6

PC CD-ROM

oasis

Toque com a maior banda da atualidade

InterActive Songbook

Totalmente autorizado e endossado pelo oasis, este CD-ROM foi especialmente para músicos e fãs da banda.

Para quem deseja aprender as letras, acordes, melodias e guitarras de todas as canções do álbum "(What's the story) Morning glory?", o InterActive Songbook ensinará passo a passo os acordes e as batidas de todas as canções do álbum "(What's the story) Morning glory?"

O Interactive Songbook usa um método de aprendizado revolucionário único que traz os bastidores e detalhes da história desta que é a maior banda da atualidade. Imperdível!

Ligue já e faça o seu pedido.

MPO MULTIMÍDIA. A MELHOR PROGRAMAÇÃO

europress

SHOWBIZZ

APRESENTA

Som na tela

Trilhas que marcaram a história do cinema pop americano

Enjoy it Agora

Letras traduzidas

BLUR

O grupo inglês que chegou a rivalizar com o Oasis gravou um clássico hit de festa em seu quinto álbum

Sem nome

Na cola dos Beatles

Song 2

Damon Albarn/Dave Rowntree/ Graham Coxon/ Alex James/

I got my head checked
By a Jumbo jet
It wasn't easy but nothing is
No

When I feel heavy metal
And I'm pins and needles
Well, I lie and I'm easy
All the time but I am never sure
Why I need you
Pleased to meet you

I got my head down
When I was young
It's not my problem
It's not my problem

When I feel heavy metal
And I'm pins and I'm needles
Well, I lie and I'm easy
All the time but I am never sure
Why I need you
Pleased to meet you

Yeah Yeah
Yeah Yeah
Yeah Yeah
Oh Yeah

Guitarras renovadas

Canção Dois

Eu tive minha cabeça verificada
Por um avião Jumbo
Não foi fácil, mas nada o é
Não

Quando eu me sinto heavy metal
E estou embasbacado
Bem, eu minto e eu sou fácil
Todo o tempo, mas eu nunca sei ao certo
Por que preciso de você
Prazer em conhecê-la

Eu andava de cabeça baixa
Quando eu era jovem
Não é meu problema
Não é meu problema

Quando eu me sinto heavy metal
E eu estou embasbacado
Bem, eu minto e sou fácil o tempo todo
mas eu nunca sei ao certo
Por que eu preciso de você
Prazer em conhecê-la

Sim Sim
Sim Sim
Sim Sim
Oh Sim

© EMI Music Publishing Limited

Velho pauleira

Uivo pioneiro

Marlene X Emilinha

Teste

Perdido na Selva

Teste seus conhecimentos sobre jungle, o ritmo que os politicamente chatos preferem chamar de *drum'n'bass* e que está invadindo as pistas

1 *Jungle é o mais novo passo evolutivo do reggae. Mistura o gênero jamaicano com raggamuffin e batidas acid house. O primeiro astro do jungle foi um DJ made in Jamaica. Seu nome:*

a) Shaggy
b) [illegible] Ranks
c) [illegible]
d) [illegible]
e) Bounty Killer

2 *A princípio, restrito a rádios piratas e clubes noturnos da Inglaterra, o jungle hoje marca presença até em comercial de TV. As primeiras raves do gênero foram financiadas por músicos de uma conhecida banda de reggae-pop. Qual o nome dos mecenas do jungle e a que grupo eles pertencem?*

a) Sting e Stewart Copeland, Cidade Negra
b) [illegible]
c) [illegible] Skunk Anansie
d) [illegible] Marley e Aston Barrett [illegible] Wailers
e) Herbert Vianna e João Barone, Os Paralamas do Sucesso

3 *Goldie, maior astro do drum'n'bass e atração do Free Jazz este ano, sampleou um importante nome do novo pop brasileiro em seu novo disco (ainda a ser lançado). Qual?*

a) [illegible] Mama [illegible]
b) Chico Science & Nação Zumbi [illegible]
c) [illegible]
d) [illegible]
e) [illegible] apenas para o ouvido [illegible]

4 *Björk, ex-namorada de Goldie, veio ao Brasil ano passado e explicou que os músicos preferem chamar o ritmo de drum'n'bass. Para eles, o nome jungle...*

a) [illegible] estranha e [illegible] por negros
b) [illegible] "fedorenta"
c) Remete a ritmos tropicais, como a [illegible]
d) Não tem mais nada a ver com o gênero, porque esse evoluiu muito desde que a expressão surgiu
e) Está associado a uma matéria irônica publicada na imprensa inglesa, que se referia à "selva de freaks e criaturas escrotas" que frequenta os agitos do gênero

5 *O hit "Ain't Talkin' About Dub", do grupo inglês Apollo 440, sampleia um riff de guitarra de um dos mais importantes instrumentistas dos anos 70/80. Qual?*

a) Robertinho Do Recife
b) Adrian Belew
c) Eddie Van Halen
d) Yngwie Malmsteen
e) Bez

6 *Qual a profissão original de Goldie?*

a) Artista gráfico. Foi ele quem desenhou os [illegible] do seu álbum de estreia
b) [illegible] numa barraquinha em Portobello Road
c) [illegible] Em seu álbum Timeless ouvem-se gemidos gravados por [illegible]
d) Ator de teatro. Protagonizou Golden [illegible] montagem de [illegible] de Nelson Rodrigues feita pelo Royal Teatro [illegible]
e) [illegible] os músculos lhe valeram um [illegible] carregador de equipamento [illegible] sound system [illegible]

7 *Enquanto namorava com Goldie, Björk foi vítima de atentado praticado por um fã racista. Ele:*

a) [illegible]
b) Mandou uma carta-bomba para a [illegible]
c) [illegible] fotos [illegible] vendeu para tablóides, protestando porque [illegible]
d) Mandou um carregamento de ecstasy [illegible] Metalheadz [illegible] para a casa da cantora e depois a denunciou à polícia
e) [illegible]

8 *Logical Progression, do DJ LTJ Bukem, saiu em 1996, abrindo novos horizontes para o jungle. Depois, Bukem esteve por trás do álbum Logical Progression Level 2: quem assinou o disco e por qual gravadora ele foi lançado?*

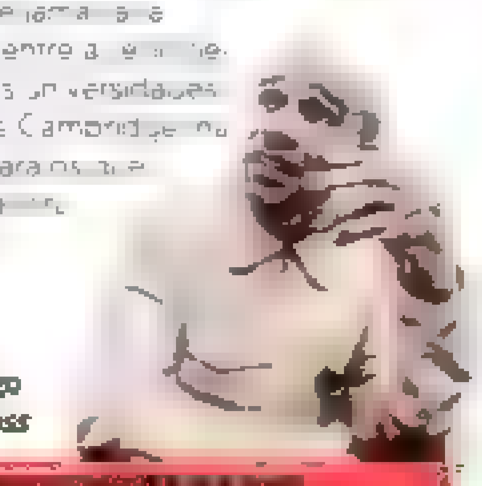
a) [illegible] Records
b) Grooverider, Dentro Music
c) Ninguém [illegible]
d) David Bowie [illegible]
e) Gilberto Gil, Geleia Geral

9 *Um artista brasileiro fez uma versão jungle de um clássico dos anos 60. Nomes – dele e da música.*

a) Simone, Do You Believe [illegible]
b) Claudia [illegible]
c) Paulo Ricardo, [illegible] Gosta Mais de Mim
d) [illegible] Santos [illegible]
e) Titãs, Smoke [illegible]

10 *Na Inglaterra, o drum'n'bass é muito popular, imperando até num tradicional evento do país. Qual?*

a) A troca da guarda no Palácio de Buckingham. [illegible] agora os soldados ingleses ganharam [illegible]
b) A final da F.A. Cup no estádio de Wembley. [illegible]
c) A apresentação da peça A Ratoeira. Na nova montagem [illegible] assassino [illegible]
d) [illegible]
e) A regata entre as [illegible] das universidades de Oxford e Cambridge [illegible]


Goldie, o mago do drum'n'bass

10 acertos	[illegible]
8 a 9 acertos	[illegible]
4 a 6 acertos	Tarzan Sting
0 a 3 acertos	Dr. Livingstone

EXCLUSIVO NO BRASIL
CAMISETAS OFICIAIS
FABRICAÇÃO AUTORIZADA
PREÇO ESPECIAL R$ 17,00
DESCONTO PARA REVENDEDORES

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR
TAMANHOS P M G
TEL 011-2997478
MERCHANDISING OFICIAL SOB LICENÇA DE WINTERLAND, NICE MAN, BLUE SHAPE
VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA
O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE
ENVIE O CUPOM ABAIXO OU CÓPIA PARA STAMP
RUA HELIODORA 321 02022-051 SÃO PAULO/SP

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME:
END:
CEP: CIDADE: EST:
TEL: ASSINATURA

ONZE PERGUNTAS

MORRISSEY

Com disco novo, *Maladjusted*, e 38 anos, o eterno desajustado reafirma a solteironice e a inteligência

Você está gostando de ficar mais velho?
A beleza de ter 17 anos é que você não tem idéia de quanto o tempo voa e de que logo, logo terá 38. **Eu nunca esperei chegar nesta idade, mas sabe que é bem confortável?** A maioria das pessoas na minha idade já estão terríveis. Eu diria que não estou mal.

Você se considera velho demais para alguma situação?
Sim, para o Britpop. Mas talvez eu não gostasse mesmo desse tipo de música... É só ver o Oasis. Num momento em que todos os holofotes do mundo estão em cima do grupo, eles deveriam ter feito o mais criativo e revolucionário dos álbuns. **Oasis é muito sem-sal para mim.**

Ainda falando de idade... É mais fácil ter afinidade com uma pessoa na sua faixa etária... Você não temeria sair com alguém muito mais velho? Ou muito mais novo?
Eu temeria diante da proposta de sair com qualquer pessoa. Nunca saí com alguém. Ninguém neste mundo pode dizer que teve algo comigo. Isso seria mentira.

Mas você é um ser humano! Nunca se apaixonou?
Artistas não são pessoas normais, eu mesmo sou feito 40% de papel machê... **Mas já me apaixonei, sim!** E por pessoas reais, de carne e osso... O fato é que estou acostumado com a fantasia – com o rock n roll. Tudo foi sempre à distância, como um sonho. Entendo a vida dos livros, filmes e da música.

Quando foi a última vez que você passeou segurando a mão de alguém? E no escurinho do cinema, não rolaram uns amassos?
Nunca fiz isso. Você está me superestimando! Não tem jeito: não há nada para contar.

Apesar do sucesso incontestável, tanto no Smiths como em sua carreira solo, você não se sente um superstar, pelo contrário, continua fazendo parte do time dos alternativos...
Meus discos vendem, mas nada comparado com artistas que estão no topo das paradas. As pessoas sempre esperam o pior de mim. Nunca fui dirigido na Inglaterra.

Essa situação deixa você chateado?
Pelo contrário! Eu odiaria ser o amigo da moçada, ser fotografado com alguém e aparecer toda semana na revista da moda. Eu sempre admirei artistas que permaneceram reservados e que, de alguma maneira, se sentiam superiores. **Talvez a música que fiz durante toda a minha vida tenha passado uma certa simpatia. Prefiro o rancor fora de moda...**

Mas você não tem afinidade com os artistas que fazem o jogo da fama?
Não simpatizo com ninguém. É sentimento jogado fora. Prefiro guardar toda emoção para mim. Deus sabe que preciso disso.

***Maladjusted* (seu novo disco solo) tem uma canção de amor, "Wide To Receive" ("Aberto para receber")...**
É supostamente uma canção de amor. Mas na verdade é sobre Internet. Você, no computador, esperando ansiosamente para receber uma mensagem. **É horrível estar aberto para receber e descobrir que não há razão para esperar...**

Como você compara esse trabalho com o Smiths?
***Maladjusted* é o melhor de mim. Sei que as pessoas irão dizer: "mas, e o Smiths?".** Acho isso um tédio. Nada contra o Smiths, mas faz uma década que estou fora!

É por isso que ao vivo você não canta nada de Smiths?
Ah, isso não é uma decisão consciente, entende? É claro que continuo achando que as músicas do grupo são maravilhosas! Sabe, ocasionalmente **quando estou enrolando pastel, me pego cantando "Death Of A Disco Dancer"...** Mas sempre prefiro cantar as mais recentes que fiz.

U2 - Roma, 18/09

Grandioso. Não há melhor palavra do que essa para definir um show da turnê *Popmart* do U2. Cerca de 70 mil pessoas puderam comprovar toda a maravilha tecnológica na apresentação que aconteceu no Aeroporto Del-Urbe, em Roma. Apesar de o público ter sido um dos menores, a performance foi considerada das melhores de toda a turnê européia (segundo palavras do próprio Bono Vox). Efeitos especiais mil e uma boa seleção das músicas dos primeiros discos entre as canções do *Pop* sustentaram a noite. Com altos e baixos, *Popmart* pode não mostrar a banda em seu melhor momento, mas está longe de decepcionar os fãs. Principalmente os do Brasil, que estão na fissura

Oasis - Copenhague, 10/08

O lugar é relativamente "pequeno", ou seja, tem capacidade para mais ou menos 15 mil pessoas. Gente de sorte. Esquentando as turbinas para sua turnê mundial (quando os shows passam a ser realizados em estádios para mais de 50 mil neguinhos), o Oasis mostra credenciais para de fato conquistar o planeta. Liam esteve inspirado e, entre muitas caras e bocas dedicou até a canção "Live Forever" à princesa Diana. Oportunismo ou não, a platéia pareceu emocionada. Resta saber se a comunicação vai ser tão boa quando a trupe dos Gallagher enfrentar sozinha os americanos, longe do U2, que o apadrinhou recentemente na Califórnia

O tira-teima entre os dois grandes shows da temporada

por LUCIANO VIANNA

	Astros	Palco	Melhor momento	Pior momento	Farsa	Empate
U2	Bono Vox e The Edge monopolizam as atenções, cantam juntinhos no mesmo microfone e ficam de rosto coladinho em algumas músicas. Carismático, Bono chega a puxar um coro de "viva Bono" sem parecer cretino! [illegible] teve seu momento de glória ao comandar 70 mil italianos cantando "Volare"	É grande demais! Por mais que Bono Vox se esforce e ande de um lado pro outro, sempre fica um vazio na cena. The Edge tenta compensar solando dos dois lados, mas como competir com um telão de 17 metros de altura? E com um arco de luz McDonald's? E com o limão de 12 metros do lado direito do palco? E com o palrão com azeitona?	Os italianos só pularam e cantaram realmente nas músicas mais antigas, como "I Will Follow" e "New Years Day". Quando a banda roca as novas "Miami" e "If You Wear That Velvet Dress" muita gente aproveita para sentar no chão e descansar um pouco	A versão mais rock de "Discothèque" desvirtua totalmente a composição. Esquisita e meio sem ritmo, é irreconhecível no início	Tudo bem que isso já foi dito milhões de vezes e que todo mundo sabia o que ia acontecer, mas na hora em que o show começa e o telão de 52 por 17 metros começa a funcionar, é impossível segurar o "ohh..." Imagem cristalina e efeitos mil fazem dele o verdadeiro astro do show para a grande maioria do público.	"Bitter Sweet Symphony", da banda inglesa The Verve, a música do momento na Europa, foi usada pelo DJ Howie B para esquentar o público antes do show do Bono e seus amigos.
Oasis	Mãos pra trás quase sempre, Liam [illegible]eva as dinamarquesas ao delírio cada vez que desce do palco e deixa a galera tocar suas mãos. [illegible] não empolga o público quando fica sozinho e canta "Magic Pie" e "Don't Look Back In Anger". Voltando ao palco, Liam pergunta ao público "Alguém sentiu minha falta?"	Na medida certa, uma torre de iluminação em forma de arco (alguma brincadeira com o arco da *Popmart* ou nova tendência em torres de iluminação?) projeta os efeitos de luz. O clima da capa de *Be Here Now* é dado por um telefone público inglês e um relógio gigante do lado direito. A banda essa montada em cima de uma limusine do lado esquerdo	As músicas novas foram aprovadas com louvor. O coro foi intenso durante "Stand By Me" e "It's Getting Better Man", do novo disco. No hit "Wonderwall", Liam para de cantar e o público leva mais da metade sozinho. Empolgação genuína	"Acquiesce", lado B do single de "Wonderwall", fecha o show e é uma verdadeira ducha de água fria no público. Praticamente desconhecida, ainda rola numa versão sono enfadonha de quase 10 minutos.	Um relógio sem ponteiros como o que aparece na capa de *Be Here Now* promove grandes efeitos de luz. Em "All Around The World" surge um grande globo terrestre	Adivinha que música rolou em *play back* logo depois do show, enquanto as luzes eram acesas? "Bitter Sweet Symphony", sim. The Verve abriu os shows da turnê inglesa do Oasis. É a banda amiga oficial dos irmãozinhos.

Existencialismo

Alvin abandonou o L (de lixo) no título de sua classuda estréia solo

POLÊMICA HISTÓRICA

É a clássica história do "quem foi que apresentou o primeiro baseado", só que entre maconheiros ilustres. *Wise Up Ghost*, recém-lançada biografia autorizada de Paul McCartney, conta que o ex-Mick Jagger foi introduzido ao primeiro charuto por seu intermediário. "O resto é que todo mundo pensa ser normal", gozou o ex-beatle. Jagger tossiu copiosamente ao ouvir a piada. "Nada disso foi. Bob Dylan quem me mostrou a danada"

Paul McCartney tentou queimar o filme de Mick Jagger

> *"Já ouvi Oasis e Prodigy. Pelo rádio, claro. Eu jamais iria comprar essas m..."*
> **Keith Richards, *o* rolling stone *que sabe tudo***

FOO FORA

A saída de Pat Smear do Foo Fighters já era dada como certa nas internas da banda. Mas ninguém esperava que virasse acontecimento público. O bota-fora rolou durante a participação do grupo no Video Music Awards 97. Após tocar "Monkeywrench", o guitarrista pegou todos de surpresa: "Esta é a última vez que toco com esses caras. Franz Stahl é quem vai me substituir". O novo *foo fighter*, ex-integrante do legendário grupo hardcore Scream (de onde conhecia Dave Grohl), entrou e a banda atacou "Everlong". Smear desmentiu a ressurreição do velho grupo Sunny Day Real Estate, mas continua no ramo: "Música é minha paixão, não vejo a hora de retomar meus projetos sol"

Pat Smear está livre para fazer o que bem quiser agora

Ali babão

Ali Campbell, vocalista do UB40, já teve seus dias de Michael Jackson. Fã de Jackson 5 na infância, ele hoje não esconde seu gosto pelas crianminhas. Homenageou uma garota jamaicana em "Lisa" – canção de *Guns in The Ghetto*, novo álbum de seu grupo – e não cansa de falar das proezas de suas filhas. "A Kibibi vai ser um talento nato. Ela fez um dueto comigo em meu álbum solo", derrete-se. Ali tem outra filha, Indica – em latim, botão doce, também referência à *cannabis*. Natural de Birmingham, Inglaterra, Campbell mora na Jamaica há dois anos e já é totalmente local na ilha. Montou um estúdio e fica por dentro das novidades do reggae graças a fitinhas que recebe de *sound systems* locais. "Eu nem compro mais discos", esnoba.

Devassa autorizada

Recém-lançado nos EUA, *Courtney Love: The Real Story* conta tudo, ou quase tudo, sobre a viúva de Kurt Cobain e sua vida com o falecido líder do Nirvana. Não por coincidência, a biografia (autorizada) é assinada por Poppy Z. Brite, um especialista em romances de horror que costura informações exclusivíssimas (teve acesso aos diários da cantora e tudo) e não economiza no dendê ao devassar a intimidade do casal. E tome sexo, heroína e, claro, rock'n'roll. O capítulo final, "E A Morte Os Separou", é uma longa dissertação sobre a agonia semipública de Cobain nos últimos meses de vida. Mas nem só de futricas vivem as páginas de Brite. A Courtney que emerge do livro é uma fênix que largou a agulha, sacudiu a poeira, surfou o sucesso a bordo do Hole e ainda se deu bem em Hollywood. Emplacando mais uma capa de revista de moda, a *Harper's Baazar*, ela logo estará de volta às telas, vivendo uma balzaca em crise em *My Crazy Life*, com Jessica Lange e Renee Zellweger.

Courtney Love: The Real Story

Em 4 de outubro de 1970, Janis Joplin tomou uma dose de heroína pura demais e apagou na cama pela última vez, numa suíte do Landmark Hotel, em Hollywood

Janis sem mito

Faz 27 anos, a gente sabe, não é nenhuma data redonda, mas nossos leitores têm pedido muito e a revista inglesa *Q* acaba de refrescar a memória do mundo com uma reportagem que reconstitui as últimas 24 horas da cantora. A história [illegible] a mudar a imagem da beberrona maluca e mal-amada difundida nas últimas três décadas.

Richard Bell, pianista de sua última banda – Full Tilt Boogie Band –, lembra que ela não estava nem um pouco triste no sábado, véspera de sua morte. Os músicos tinham aprontado o instrumental de "Buried Alive In The Blues", a faixa que faltava para completar o álbum *Pearl*. Janis chegou ao estúdio Sunset Sound por volta das 3 horas da tarde, aprovou o trabalho dos colegas e decidiu colocar a voz no dia seguinte. Em dois *takes* finalizou "Me And Bobby McGee" e ainda gravou um "Happy Birthday" para John Lennon — o produtor Paul Rothchild estava preparando uma fita com vários artistas dando os parabéns ao ex-Beatle.

Acompanhada por Bell e pelo organista Kenny Pearson, Janis saiu do estúdio por volta das 23 horas para jantar no restaurante Barney's Beanery, que ironicamente se promovia com "o segundo melhor chili de LA". "Lembro que ela disse que só ia tomar um conhaque. Um só. No final, não passou de duas vodcas", conta Bell. Não muito depois da meia-noite, os três já estavam no hotel.

O cardápio do Barney's Beanery, onde Janis tinha encarado "o segundo melhor chili de LA"

Janis' Addiction

Seth Morgan, [illegible] de Janis, [illegible] estava [illegible] de San Francisco no fim da tarde de domingo e tinha combinado de encontrar com ela no aeroporto. Como ligou para o estúdio, onde Janis deveria estar, e não a encontrou, Seth resolveu acionar John Cooke, *road manager* da banda.

"As pessoas imaginam que, por causa da heroína, ela era uma pessoa irresponsável. Mas Janis raramente atrasava mais de meia hora no estúdio", conta Cooke. O telefone da suíte da cantora tocava sem resposta e a luz estava acesa. Cooke pegou a chave na portaria e encontrou Janis morta de bruços sobre a cama.

"Duas semanas antes, eu tinha notado que ela estava tomando heroína de novo [illegible]. [illegible] Janis [illegible] dez vezes [illegible] que o [illegible] estava acostumada.

Janis ia se casar e tinha gravado um belo disco: morreu num momento feliz

Acredite se quiser

Janis e Serguei em fevereiro de 1970: nem tudo é mentira

O eterno "namorado brasileiro de Janis Joplin" virou livro. Na biografia *Serguei, O Anjo Maldito*, o autointitulado primeiro roqueiro brasileiro conta suas peripécias – incluindo o *affair* com Janis. Serguei afirma ter salvado a cantora de um trabalho-de-sopro forçado em Jim Morrison (!). "Numa festa em Los Angeles, ele prendeu a cabeça dela entre as pernas e mandou que ela o chupasse. Janis foi ficando roxa e eu dei uma canelada no Jim para que ele a soltasse", conta o brasileiro. Escrito pelo *videomaker* João Henrique Schiller, o livro é resultado de 22 horas de entrevistas. "A única dificuldade que tivemos foi que, devido aos excessos do passado, Serguei se esqueceu de muita coisa", entrega o autor.

DEMOcracia

Mande demos e CDemos para Democracia Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo SP

Matanza abrirá para o Planet Hemp

FROM HELL

Saca o time. Donida (Acabou La Tequila e Dash), Diba (Dash), Jimmy (ex-Tequila) e Nervoso (Beach Lizards e Tequila). Provando que eles não fazem mais nada na vida, esses quatro "maluôs" aí formaram mais uma banda: o Matanza. E segundo a definição deles é country hardcore, uma mistura de Johnny Cash, Slayer e SOD. Traduzindo, é rápido, nervosinho e com um vocal absolutamente alucinado. Bacaninha, bacaninha, já acertaram a participação na coletânea *Grooves From Rio*, que sai em breve. Para comprar a demo ligue para (021) 259-8074.

FESTÃO QUASE DE GRAÇA

O Chulé de Cotur[illegible] no desova a demo *O Coreto Federu* coleção de riffs rasgados e porra-louquice. Gian (guitarra), Bru[illegible] no (baixo), Renato [illegible] (voz) e Marcos [illegible] (bateria) formaram o Chulé em 1993. Desde então esses malucos gaúchos vem tentando conquistar o mundo – está difícil derrotar o exército azul em Vladivostok – com canções de três acordes, como "Alexis Lalas" (com baixão estourento e quase metálico), "Ler De Noite" e "Repolho Punk rock modelo 77 bico largo". Dê uma alugada nos caras pelo telefone (051) 223-3860. Simone do Vale

Ainda bem que foto não passa cheiro

Som fedido

rato selvagem

O mix de ska, rock, reggae, punk e coisas brasileiras dos Kamundjangos sai mais uma vez da toca. Depois de ser destaque na coletânea *Paredão* (que revelou também Funk Fuckers, Sex Noise, entre outros), lançada no ano passado pela EMI-Odeon, a banda carioca solta agora a demo *100 Cortes*. Gravada ao vivo no Aeroanta de Curitiba, além de novas músicas, a fita traz uma versão de "Selvagem?", dos Paralamas. Atazane um camarada chamado Pedro (021) 717-2695.

Os rockers baianos fizeram a festa sem soltar Olodum

SÓ FALTOU O ACM

O dendê do Acarajé Beat está cada vez mais quente. Rolou no final de setembro em Salvador o Boom-Bahia, show que reuniu algumas bandas da nova geração do rock soteropolitano. Numa fervilhante noite de sábado, mais de 2 mil pessoas viram performances de Penélope Charmosa, brincando de deus, Dr Cascadura e Dead Billies.

vai rolar...

CLOSE UP PLANET

31/10 Curitiba, Pedreira Paulo Leminski
1 e 2/11 São Paulo, Pista de Atletismo do Ibirapuera
Com Erasure, No Doubt, David Bowie, Paula Toller, Maria Bacana, Pavilhão 9, Cataputia e Charlie Brown Jr.

STEEL PULSE

15/10 São Paulo
19/10 Rio de Janeiro
21/10 Santos SP
22/10 Porto Alegre
27/10 Curitiba
29/10 Florianópolis

RITA LEE

17, 18 e 19/10 São Paulo, Palace

LISA STANSFIELD

20/10 Rio de Janeiro, Metropolitan
21, 24 e 25/10 São Paulo, Olympia

SHOWBIZZ
EDIÇÃO ESPECIAL VOLUME 4

A história do rock contada pelas suas próprias letras.

NAS BANCAS VOLUMES II e III

EDITORA AZUL

pipoca moderna

por JOSE EMILIO RONDEAU,
de Los Angeles

A MTV americana obrigou o Seahorses a mudar o verso de uma música

Cavalos censurados

The Seahorses, banda do guitarrista John Squire, ex-Stone Roses, foi intimado a mudar uma frase da letra de "Love Me And Leave Me". Motivo: os religiosos diretores da MTV americana implicaram com o "eu não acredito em Jesus" dito pelo vocalista Chris Helme. Em represália, o Seahorses (*confira matéria com o grupo na próxima SHOWBIZZ*) trocou a polêmica frase por um irônico "eu não acredito em censores". A banda entra assim no seleto clube que inclui Rolling Stones e The Doors, que também foram censurados e cederam aos pudicos americanos.

The Doors celebram canção inédita

As portas da esperança

A caixa com quatro CDs dos Doors (70% material inédito) traz controvérsia. Na faixa "Adolf Hitler", vinheta de 12 segundos gravada ao vivo em Boston, Jim Morrison solta: "Adolf Hitler está vivo. Eu dormi com **ela** ontem à noite". O guitarrista Robbie Krieger explica: "Poucas pessoas sabiam, mas Jim tinha senso de humor. Um senso bem estranho". O lançamento da caixa rolou no antigo QG dos Doors – o Whisky A Go Go, em West Hollywood.

Rick James ainda Superfreak

Saído de uma temporada de longos anos no xadrez, Rick James,o pai do funk sacana, volta à carga na primeira turnê pós-xilindró. O novo visual do Superfreak assustou seus antigos fãs: James ganhou vários quilos a mais. Parece um clone do Tim Maia.

Um Beck pra distrair

Beck é a mais recente aquisição de Danny Boyle, o diretor de *Trainspotting* e *Cova Rosa*. O cantor emplacou a inédita em "Dead Weight" na comédia romântica *A Life Less Ordinary*, novo projeto do cineasta. O filme tem como astros Ewan McGregor (ator preferido de Boyle) e a linda Cameron Diaz.

Beck entra na turma de *Trainspotting*

Quadro famoso dos Pistols é exibido em Nova York

Punk vira obra de arte

Os fãs de Sex Pistols não podem perder a exposição de Jamie Reid na Artificial Gallery, em Nova York. Jamie é o autor do famoso pôster que mostrava a beiçola da rainha Elizabeth varada por um alfinete. O dito cujo, aliás, está à venda: custa 500 dólares.

e eu com isso?

Impermeável América

Não é novidade que a Inglaterra cria, consome e destrói artistas pop com a velocidade da luz. Os semanários ingleses de música consagram bandas ainda verdinhas com capas babadas só para, meses mais tarde, transformá-los em zé-manés ultrapassados, na escória do universo.

Mas será que hoje o estrelato na Inglaterra significa sucesso também no resto do mundo, em especial nos EUA? A resposta é não, se observarmos as paradas de sucesso. Poucas vezes o mercado pop americano diferiu tanto do da Inglaterra. *A desigualdade chega a ser gritante e reflete uma impermeabilidade dos EUA a novidades estrangeiras, conservadorismo cultural mesmo.*

Exemplo: o Oasis levou um mês para vender 317 mil cópias de *Be Here Now* nos EUA – na Inglaterra essa marca foi obtida em um dia. Semanas depois, o álbum despencou para o 19º lugar na parada. Enquanto isso, o "controverso" (segundo a revista *Entertainment Weekly*) disco de Mariah Carey, *Butterfly*, foi abocanhado por 235 mil fãs em coisa de uma semana.

"The Drugs Don't Work", o atrevidíssimo single do The Verve, só perdeu a supremacia na parada inglesa para o relançamento de "Candle In The Wind" – a homenagem de Elton John à princesa Diana. No mesmo período, Mariah Carey imperava nos EUA com "Honey", seguida do R&B babão do Boyz II Men. Pop desinfetado.

Enquanto na Inglaterra saem os desbravadores pop, nos EUA, com raras e corajosas exceções, quem manda hoje no mercado é um conservador *status quo*.

Passado o fenômeno do rock independente – e para o americano o Green Day é tido como "punk" –, e descontada a comercialização cínica e vil do *gangsta rap* (que glamouriza o imperdoável), o pop dos EUA é dominado pelos artistas mais caretas. Pior: o que é bom e vem de fora encontra pouquíssimos canais para escoar pelo país, via o circuito das rádios universitárias. E os EUA permanecem sob o jugo de artistas descartáveis e sem identidade.

Discoteca básica

MASTER OF PUPPETS

Metallica

"Este disco revolucionou o jeito de se fazer heavy metal. Teve uma influência muito grande no próprio Sepultura. Principalmente no *Schizophrenia*. Na época, brincávamos dizendo que tínhamos um armário de riffs baseados nas palhetadas criadas pelo Metallica. Além disso, a atitude de *Master Of Puppets* é fantástica. Abrange assuntos mais reais, muito pouco vistos antes no metal."

Max Cavalera

No começo dos anos 80 o heavy metal sofreu uma de suas maiores mudanças. Enquanto os grandes nomes da época (Iron Maiden, Judas Priest, Ozzy Osbourne etc.) inflavam o imaginário dos fãs com letras cheias de fantasia, músicos metidos em calças de lycra coloridas e palcos repletos de sacanagens cenográficas, uns malucos da costa oeste americana começaram a se destacar no underground, trazendo o gênero para o mundo real.

O figurino carnavalesco foi trocado pela roupa detonada do dia-a-dia: calça jeans colada ao corpo, camiseta de banda e tênis cano alto (fodidos e emendados com *silver-tape*). O discurso começou a mostrar preocupações sociais. Trocando em miúdos, desapareceu a distância que existia entre o palco e platéia. Herdados do punk rock, o *mosh* e o *stage-dive* passaram a virar costumes de lei nos pequenos clubes que acolheram a então nova geração de bandas.

O Metallica foi o grupo que mais se destacou nessa leva. Inovador desde sua primeira demo-tape (ainda com o guitarrista Dave Mustaine, hoje líder do Megadeth), o grupo estreou em disco com *Kill Em' All* (1983). Nele, o Metallica acelerou as batidas, valorizou o trabalho das guitarras e tornou-se mais agressivo – não confundir com barulhento. Inicialmente, essa mistura foi classificada como *speed metal*. Mas pouco depois surgiu a expressão thrash metal, batizando o gênero que fez o heavy metal deixar de ser coisa de nerd pregossauro.

Três anos se passaram, o movimento migrou da Califórnia para a Europa e, quando deu pinta de que havia inovado o suficiente, veio *Master Of Puppets*. Aí, a coisa saiu de controle. Nunca tinha se ouvido sons assim. Os metaleiros – termo inventado pela repórter Glória Maria, da TV Globo, durante a cobertura do Rock In Rio, em 1985 – não acreditaram no que ouviram. Pesadas ao extremo, com um timbre grave, porém limpo, as guitarras formavam uma massa sonora impressionante (ouça a faixa "Disposable Heroes").

Sons inéditos de guitarra e melodias trabalhadas no disco que unificou todos os estilos de heavy metal

A partir daí, praticamente TODOS os guitarristas de metal tentaram chegar ao som que o Metallica tirou. Foram criadas várias lendas a respeito de como tirar um som parecido no estúdio – teve gente que chegou até a microfonar os amplificadores pela parte de trás. Até que descobriram o óbvio ululante: o segredo não estava no equipamento, nem em como utilizá-lo, mas sim na palhetada. Como dizem os guitarristas, na "mão direita". *Master Of Puppets* foi um divisor de águas. O Metallica aprimorou o estilo mostrado nos álbuns anteriores, com músicas mais trabalhadas, cheias de variantes. As melodias ficaram ainda mais marcantes e o grupo colocou um pezinho no *mainstream*. Agradava a gregos e troianos. Gente que gostava de metal tradicional, os radicais que só ouviam esporro e – principalmente – os que não curtiam metal passaram a consumir o som da banda.

Embora o Metallica tenha mais tarde ficado ainda muito maior, o thrash metal viveu seu melhor momento ali. O underground ferveu (nada a ver com a boiolice *clubber*) e novas bandas, clubes e festivais pipocaram no mundo inteiro.

Robert Halfoun

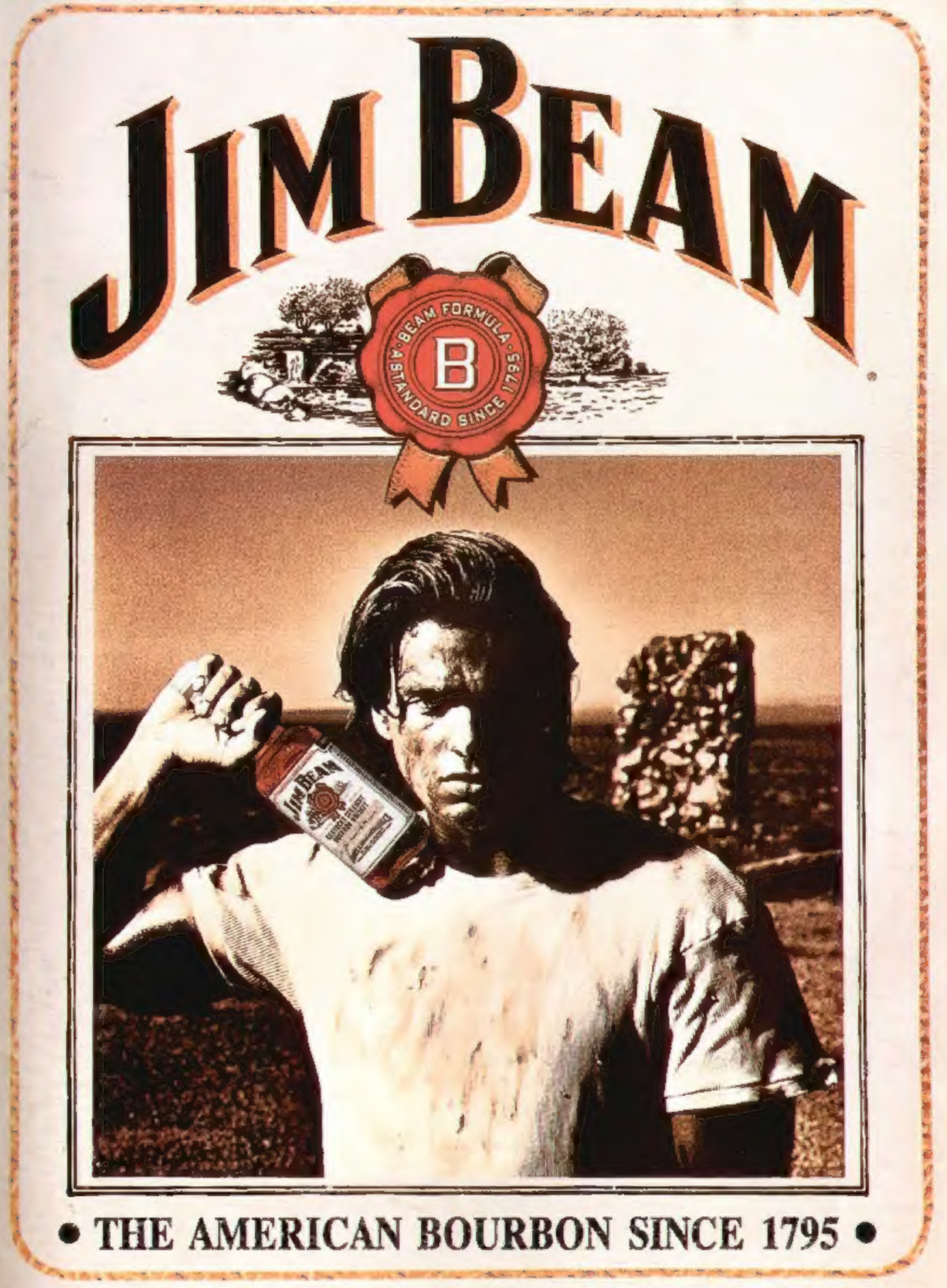
Performance

Ano de lançamento: 1986

Produção: Metallica e Flemming Rasmussen

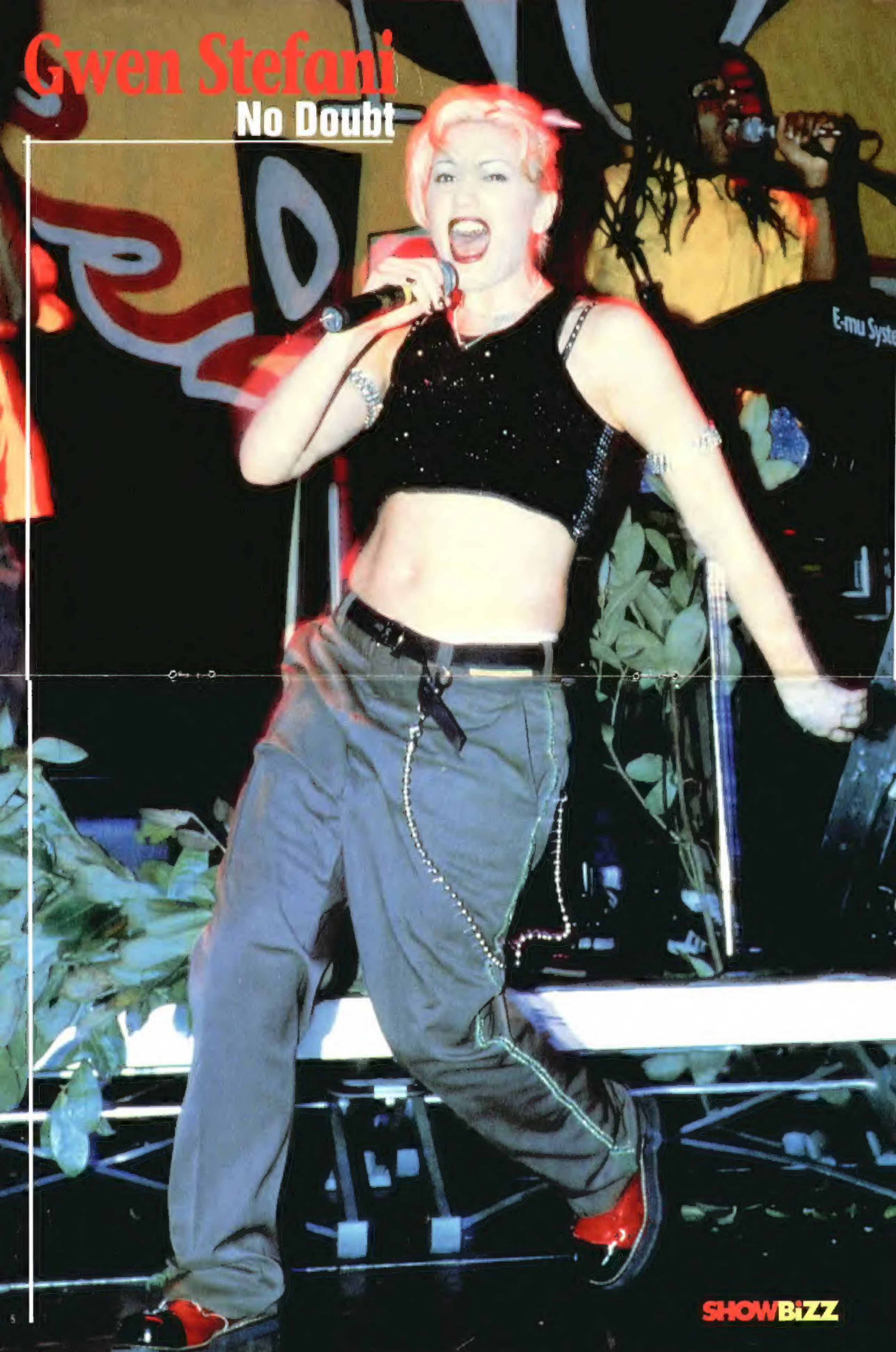
Faixas: "Battery" • "Master Of Puppets" • "The Thing That Should Not Be" • "Welcome Home (Sanitarium)" • "Disposable Heroes" • "Leper Messiah" • "Orion" • "Damage, Inc."

***Master Of Puppets* não foi só o ápice do thrash metal: abriu os olhos do mundo para o estilo. É, sem dúvida o melhor disco de heavy metal lançado nos anos 80, álbum que alavancou o Metallica para o *mainstream*. É importante também por ser o último trabalho do baixista Cliff Burton. Saindo de um show na Suécia no dia 27 de setembro de 1986, o ônibus que carregava o Metallica capotou e Burton (que extraordinariamente ocupava a cama do guitarrista Kirk Hammett) morreu no acidente. A banda se afastou, mas voltou um ano depois com *Garage Days*, um EP de covers que marcou a entrada do baixista Jason Newsted.**



Gwen Stefani

No Doubt



MAGNUM

DIVEMASTER

Fortes Emoções em seu Pulso.